

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

**RUTH BATISTA**

**ENCONTROS-NARRATIVAS NA CIDADE-INTERNAÇÃO:  
VIDAS CONTADAS POR ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO  
DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA**

**VITÓRIA – ES**  
**2012**

**RUTH BATISTA**

**ENCONTROS-NARRATIVAS NA CIDADE-INTERNAÇÃO:  
VIDAS CONTADAS POR ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO  
DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elizabeth Andrade Aragão.

**VITÓRIA - ES**

**2012**

**RUTH BATISTA**

**ENCONTROS-NARRATIVAS NA CIDADE-INTERNAÇÃO:  
VIDAS CONTADAS POR ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO  
DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA**

**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> ELIZABETH MARIA ANDRADE ARAGÃO

Universidade Federal do Espírito Santo  
(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> LILIAN ROSE MARGOTTO

Universidade Federal do Espírito Santo  
(Co-Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> ESTHER MARIA DE MAGALHÃES ARANTES

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(Membro Externo)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> LEILA APARECIDA DOMINGUES MACHADO

Universidade Federal do Espírito Santo  
(Membro Interno)

## AGRADECIMENTOS

É preciso compor com pessoas e afetos.

Sou grata:

À força de Deus, que me sustenta todos os dias.

À minha mãe, mulher sem *academia*, talhada pela vida, pela sabedoria, simplicidade, carinho, dedicação esperança e amor.

Aos jovens/meninos, pelas *conversas-fiadas em con-fiança* durante os encontros. Elas possibilitaram não só o acontecer deste trabalho como produziram outros modos de ouvir-contar, de estar e de aprender com as histórias contadas.

Aos amigos de caminhada pela acolhida nos dias fáceis e difíceis. Em especial à Carol, amiga potente, *fiadeira* de encontros regados a cafés com prosas e a Norminha, pelo ombro amigo e presença constante. Vivemos momentos únicos cheios de risos, choros, alegrias, angústias, superações, aprendizados, brincadeiras, amor e muito mais.

Aos colegas do grupo de orientação, pelos encontros, pelas leituras e pela disponibilidade ao diálogo. O coletivo é sempre bom. É sempre enriquecedor.

À sensibilidade e à habilidade de minha orientadora, Beth Aragão, que ao tecer os ajustes necessários à feitura deste trabalho, soube perceber que, às vezes, eles extrapolavam a pesquisa e a escrita – Eram da ordem do encontro, da afetividade e, portanto, da vida. Obrigada Beth, o *parafuso de veludo* fez a diferença.

Aos apontamentos pertinentes de minha co-orientadora, Lilian Margotto, e por sua presença e dedicação no momento decisivo deste trabalho.

Às gentis professoras, Ana Heckert e Beth Barros, pelo encorajamento durante os encontros potentes e determinantes no processo de escrita.

À Professora Gilead, pelo percurso percorrido, pela leitura, análises e apontamentos que tanto contribuíram para que este trabalho ganhasse corpo.

À Professora Esther, pelas palavras delicadas durante a fase da qualificação. Suas palavras professora foram pistas que me ajudaram a encontrar o caminho.

À Professora Leila, pela presteza no aceite em compor nossa banca.

Ao IASES, pela autorização e viabilidade de realização da pesquisa na UNIS, bem como a todos os profissionais com os quais tive o prazer de trabalhar, conviver e dividir experiências.

À FAPES - Fundação de Apoio a Pesquisa no Espírito Santo - pelo apoio financeiro.

Estou certa de que sem vocês, eu teria sido uma voz a clamar no deserto, mas com vocês pude ser oásis cheio de encontros, palavras e poesias.

Sou grata.

“[...] É preciso desformar o mundo:  
Tirar da natureza as naturalidades.  
Fazer cavalo verde, por exemplo.  
Fazer noiva camponesa voar – como em  
Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu  
saio por aí a desformar [...]”.

(BARROS, 2010 p 350)

## RESUMO

Esta pesquisa realizou-se no Instituto de Atendimento Socioeducativo do Estado do Espírito Santo – IASES – órgão responsável pela aplicação das medidas socioeducativas aos adolescentes que praticam atos infracionais. Teve como foco a medida de Internação cumprida na Unidade de Internação Social – UNIS. Conforme disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), tais medidas devem promover práticas pautadas no eixo pedagógico (educativo) e não no eixo sancionatório (punitivo). A pesquisa em tela, junto aos adolescentes no cotidiano da unidade de internação, revelou a multiplicidade das relações, das práticas, dos fios que tecem o atendimento socioeducativo, impondo a necessidade de ferramentas metodológicas que possibilitassem evidenciar tal variação de composições, como as micro-relações e os micro-enfrentamentos travados neste contexto. O diário de campo, produzido ao longo de nossa inserção enquanto trabalhadoras e pesquisadoras; a técnica da narrativa como potência; os encontros e suas afetações foram nossas apostas ético-políticas, que possibilitaram entender as práticas, os modos de funcionamento da instituição e as relações de saber/poder ali evidenciadas. Perseguimos, nos encontros-narrativas, com os adolescentes e no mergulhar no campo, não a trilha marcada pelo sistema, mas sim andar por outras trilhas possíveis. Priorizamos encontrar desvios, escapes ao controle, a produção de alianças e de novas formas de ser e estar no mundo. Os contos-narrativas são frutos do encontro. São modos de contar que deixam ver as miudezas das vidas contadas e as histórias vividas.

Palavras-chave: Encontros, narrativas, práticas, medida de internação.

## **ABSTRACT**

This dissertation search occurred in the Institute of Socio-Educational Services at the State of Espírito Santo – IASES, body responsible for implementation of educational measures to adolescents who practice illegal acts. It had focus on the measure of detention served in the Social Inpatient Unit – UNIS. As established in the Statute of the Child and Adolescent (ECRIAD) and the National System of Social and Educational Care (SINASE), such measures should promote pedagogical practices guided on the shaft (education) and not in the axis of sanctions (punitive). The dissertation search here discussed, with adolescents in daily inpatient unit, revealed the multiplicity of relationships, practices, the threads that weave the social and educational care, imposing the need for methodological tools that would allow evidence such methodological variation of compositions with the micro-relations, the micro- confrontations caught in this context. The field diary, produced along our inclusion as a worker and researcher, as the technique of narrative power, the meetings and their affectations were betting our ethical and political practices that promoted the understanding, modes of operation of the institution and the relations of knowledge/power there evidenced. We pursue, in the meetings-narratives with the adolescents and diving into the field, not the path marked by the system, but other walk trails possible. Prioritize finding deviations, escapes control, production alliances and new ways of being and belonging to the world. The tales-narratives are the results of the meeting. Are ways of telling which show the offal of the stories told and lives lived.

**Keywords: Meeting, narratives, practices, measures of detention.**



## SUMÁRIO

<b>PREÂMBULO</b>	10
<b>PALAVRAS INICIAIS</b>	12
<b>1. EM MEIO ÀS TURBULÊNCIAS, ENCONTROS</b>	16
1.1. O que pode um encontro?	18
1.2. Encontrando a história do atendimento socioeducativo no Espírito Santo: Reverberações e sentidos	21
1.3. Encontrando com certo modo de pesquisar: Um mergulho na experiência	26
1.4. Encontrando com o campo: Multiplicidades de fios	28
1.5. Encontrando com o fazer: uma aposta	31
1.6. Encontrando com os meninos e suas histórias	38
<b>2. NARRAR É ACONTECER: A NARRATIVA COMO POTÊNCIA</b>	42
<b>3. UMA CIDADE-INTERNAÇÃO E SUAS MULTIPLI(CIDADES)</b>	48
3.1. Uma cidade: uma máquina produtora de sentidos	48
3.2. De unidade-internação à cidade-internação	50
3.3. Configurações, histórias, modos de ver e de sentir os espaços na cidade-internação	54
3.4. Disciplina, controle e vigilância rondam a cidade-internação	58
3.5. Simpatias, arranjos e trocas cotidianas	61
3.6. Outras cenas e paisagens na cidade-internação	62

#### **4. CONTOS-NARRATIVAS:**

<b>VIDAS CONTADAS E HISTÓRIAS VIVIDAS</b>	69
4.1. O caminhante e os rastros de pedras	71
4.2 O colhedor de café e de oportunidades	83
4.3. O flutuante sedutor com as palavras	94
4.4. O beija-flor pensador	105
4.5. O afinador de silêncios	116
4.6. O guardador de sonhos	124
<b>PALAVRAS FINAIS</b>	131
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b>	136

## PREÂMBULO

Com quantos fios se faz...?

No pátio da cidade-internação, sob a névoa da socioeducação, existia uma velha máquina de tear. No chão, espalhados fios de diversas espessuras e tonalidades. Ora a velha máquina de constante produção fazia barulho, ora trabalhava em silêncio, ao ritmo das muitas mãos que nela teciam. Algumas mãos, resabiadas, puxavam fios discretos, já outras exageravam na composição dos tons e misturas da tessitura.

Certo dia, paramos para espiar a máquina em ação. Nela, vimos um adolescente sentar-se, meio desajeitadamente, e puxar um fio: “- *tô só no ódio hoje*”; já o outro que estava com ele, ali mesmo, de pé, curioso, resolveu também tecer um fio-carta, no qual falava de sua paixão por uma menina na Unidade Feminina: “- *me espera lá fora novinha, na vida loka que eu vou te encher de amor*”.

O agente socioeducativo que fazia seu *corre*<sup>1</sup> parou, olhou e resolveu esticar um fio resistente e tecer um discurso: “- *o menor tá lá, querendo fazer uma ligação, ele tá pesando demais hoje. Tô ficando cansado disso*”. Não distante, o outro agente, ouvindo o som da cor do fio puxado pelo colega, puxou o seu: “- *Não dá nada, não, rapaz! Se der, é pouca coisa. Tem que ter paciência e relevar certas coisas aqui*”.

Um técnico, em seu saber especialista, abriu passagem, ajustou o jaleco, sentou-se, pensou e teceu: “- *Estes adolescentes são frutos de famílias desestruturadas. É a falta de limite que faz com que eles ajam assim*”. Já o colega de jaleco, de área distinta, indagou e colocou outro fio seu na composição: “- *Mas é só do sujeito a questão do ato infracional? Você entende que ele produz isto sozinho? E os tantos outros atravessamentos sociais, políticos, econômicos, etc?*”

---

<sup>1</sup> Fazer o *corre*: realizar as atividades profissionais, resolver a situação demandada. *Correria* é uma expressão comum no cotidiano da Unidade que designa pressa, muitos afazeres e busca de soluções para questões e demandas diversas como, por exemplo: “Fulano, faz o *corre* lá para mim”.

A mãe de um menino, que estava ouvindo quietinha o tecer dos fios no tear que trepidava, não resistiu: “- *Também quero puxar meu fio. Vocês aqui tratam a gente e os filhos da gente como qualquer coisa. Eu sempre cuidei bem de meu filho, sim. Tem estrutura lá em casa, sim. Só por que eu cuidei dele sozinha?*” A colega que a acompanhava não ficou fora da tecelagem: “- *O meu filho tá bem assistido aqui, ele vai na aula, coisa que não fazia lá fora*”.

Neste momento, o som de uma voz que vinha de outro lugar disse: “- *Tem que ser responsabilizado por seus atos, sim. Ele errou e tem que cumprir medida socioeducativa*”.

Eram fios por todo lugar, um emaranhado só.

Neste dia, percebemos que as mãos dos juízes, dos promotores, dos defensores públicos, dos advogados, do presidente, do diretor da Unidade, do *peçoal* dos Direitos Humanos, da Pastoral da Criança e do Adolescente, entre tantas outras, não teceram diretamente seus fios, porém, cotidianamente, a velha máquina na cidade-internação não para de compor paisagens variadas e, dependendo do resultado de suas composições, algumas são expostas, outras permanecem invisíveis ou são lançadas fora.

No dia a dia da cidade-internação há muito o que fazer. E seus afazeres estão em muitas mãos e em muitas vozes. Contudo, dependendo dos fios que cada mão ou discurso puxe, são produzidas variedades de telas e paisagens. Inúmeros agenciamentos podem nortear suas práticas que podem ser potentes, inventivas ou não. Quais fios puxar?

## PALAVRAS INICIAIS

*Composições*

O trabalhar-pesquisar: De olho no “*making off*” – “na feitura de”.

A projeção na tela revela a sequência das melhores cenas da produção de um filme. E, embora compondo a trama, os cortes, as tentativas, as repetições, as edições, ou melhor, aquilo que diz respeito à feitura do filme - o processo em si, fica reservado a um espaço pouco divulgado chamado de *making off*. Quem assiste o *making off*? Em nosso processo trabalhar-pesquisar dentro de uma Unidade de Internação do sistema socioeducativo, o registro das interferências, das tramas e dos fragmentos do fazer diário nos levou a acompanhar processos<sup>2</sup> - “a feitura de”. E, mesmo sem domínio de como e quais cenas deveríamos capturar, diante da imensidão do campo que se apresentava, seguimos descobrindo que, de fato, eram as cenas que pediam passagem, que se colocavam diante de nossos olhos para serem captadas. Dispostas e curiosas seguíamos trabalhando, pesquisando, pausando e nos misturando a elas. Porém, parar, pausar, avançar, assistir de novo, colocar a cena em câmera lenta era necessário ao nosso trabalhar-pesquisar, mas nem sempre havia tempo para ajustes, pois o esperado era a composição final do filme. Timidamente, fomos mergulhando na experiência<sup>3</sup>, nos misturando às cenas, às paisagens, e sem controle dos resultados de nossos registros e intervenções nos vimos sendo afetadas e afetando, contagiando e sendo contagiadas, transformando e sendo transformadas pelo encharcar de impressões no ato de trabalhar-pesquisar no campo da socioeducação. Do trabalho brotou a pesquisa e da pesquisa muito trabalho e neste percurso a voz de uma suposta incompatibilidade ecoou dizendo: “Ou você bem trabalha ou faz pesquisa neste lugar”. Porém, essa voz não encontrou pouso. Seguimos entendendo que trabalhar-pesquisar são verbos frequentados pela vida, conjugados em ato, conectados e que se atravessam e se constituem em

---

<sup>2</sup> Abordando a pista “cartografar é acompanhar processos” procuramos apontar que a processualidade está presente em cada momento da pesquisa. A processualidade se faz presente **nos avanços e nas paradas**, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. (BARROS & KASTRUP, 2010, p. 73) **(grifo meu)**

<sup>3</sup> Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. (PASSOS e BARROS, 2010 p.30)

nós. São campos múltiplos cheios de paradas e avanços, velocidades e lentidões. E, neste caso, indissociáveis.

Antes mesmo das intenções é preciso apresentar o cenário e a composição desta pesquisa e com isso indicar os pontos de referência pelos quais se desenrolou sua ação. Considerando Certeau (2011, p.166) “o caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou zigzagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo”.

Certeau (op. cit.) nos ajuda a afirmar que ao habitarmos o campo como espaço-tempo de experimentações é que fomos produzindo sentidos para o ato de pesquisar. Portanto, alertamos ao nosso leitor de que nossas andanças pelas Unidades Socioeducativas produziram e deixaram manchas, rasgos, fiapos de linhas, pontos frouxos, arremates, alinhavos e ajustes na feitura desta pesquisa.

Diante do emaranhado de fios, de cores e de espessuras diversas, tal como artesãs, nos perguntamos: quais fios puxar para compor a paisagem, pois bem sabíamos que cada fio puxado colocaria algumas questões em maior ou menor evidência.

Nesse trabalho, cada fio foi puxado com delicadeza e compromisso ético-político. Por vezes, foram puxados no coletivo, onde eram discutidos, alinhavados em parcerias potentes no grupo de orientação. Ora eram tecidos na solidão, no movimento de lentidão que exigia certo pausar e repouso.

Nossa aposta foi a de escutar, deslizar nos *entres* das coisas da vida diante do lugar comum que ocupávamos, como trabalhadoras, pesquisadoras e ouvintes de histórias. Somos múltiplas-artesãs de uma pesquisa-escrita-tecida ao cheiro das brutezas, da poeira vermelha do campo. São estas composições que dizem do processo, de nossas implicações ao caminhar.

Destacamos que não pretendemos escrever apenas sobre adolescentes em conflito com a lei, sobre a legislação, sobre o atendimento socioeducativo ou sobre os modos de vida dos adolescentes que se constituem no espaço de internação. Assim

como Eclea Bosi (1987), nos arriscamos a dizer que ficamos na interseção dessas realidades: colhemos histórias de meninos.

Essa pesquisa se desenvolveu durante o tempo em que trabalhamos como técnica/psicóloga no Instituto de Atendimento Socioeducativo do Estado do Espírito Santo – IASES, no período de julho de 2009 a julho de 2011, precisamente nas Unidades de Internação Provisória e na Unidade de Internação Social, ambas situadas no município de Cariacica/ES.

Em meio ao fazer desconhecido, participamos e fomos aprovadas no processo seletivo para o mestrado no Programa de Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo onde uma de suas linhas de pesquisa contemplava as Unidades Socioeducativas como lócus.

É essencial afirmar que antes de tudo, essa pesquisa busca por encontros-desvios-potentes frente às exigências do trabalho com adolescentes em conflito com a lei. Ao ouvirmos as histórias dos adolescentes em privação de liberdade no contexto das socioeducação, procuramos entender a produção de subjetividades e os agenciamentos possíveis que podem suscitar movimentos de potência de vida ou de mortificação naquele contexto.

Feitas essas considerações, pretendemos, através do encontro com as narrativas, produzir polifonia, ou seja, trazer as vozes dos adolescentes, autores de infração, misturadas a tantas outras; bem como deixar ver as micro-revoluções, os micros-casos que o contar e o ouvir contar das histórias dos adolescentes deflagraram nas pesquisadoras e nos sujeitos da pesquisa.

A forma-organização dos capítulos pretende introduzir o leitor no processo da escrita, em ato.

Desta forma, o capítulo I apresenta os encontros no ato de pesquisar, didaticamente separados, porém apresentados como indissociáveis à história do atendimento socioeducativo no estado do Espírito Santo.

O capítulo II situa o leitor quanto ao caminho metodológico percorrido nesta pesquisa. A narrativa, como técnica/ferramenta, pretende ressaltar a processualidade do ato de narrar. Neste sentido, ela se apresenta como potência e como possibilidade do adolescente *acontecer* durante a narratividade de sua história e, assim, produzir novos sentidos para o cotidiano da internação como para o extramuro da instituição.

O capítulo III destaca e descreve a Unidade de Internação – UNIS – a partir da noção de cidade, onde se discute o espaço cotidiano como produtor de subjetividades, de relações de forças/poder, de estratégias e táticas, de trocas, de resistências e de capturas. Neste capítulo, as análises acontecerão no entrelaçamento dos fragmentos das narrativas dos sujeitos e da pesquisadora com os fios teóricos, que foram sendo desenrolados desde o início deste trabalho.

Os contos-narrativas são apresentados no capítulo IV, como frutos das narrativas das histórias de vida dos adolescentes em privação de liberdade que nos foram contadas e confiadas durante nosso encontro-pesquisar. Os contos-narrativas foram produzidos como uma aposta na valorização das histórias, como uma tentativa de expressão das vidas que existem para além do ato infracional cometido pelos adolescentes.

Na contação das histórias, os participantes foram mantidos no anonimato. Porém, os nomes fictícios nasceram do ouvir-contar e dos detalhes que nos saltaram aos olhos durante o estar-sentir a contação. Ora os nomes são inspirados em autores de músicas, escritores, poetas, detalhes da história de vida do adolescente; ora nas delicadezas que se apresentaram no processo escutar-narrar.

As seis narrativas que compõem este trabalho pretendem narrar vidas comuns. Os seis contos-narrativas, ainda que dispostos separadamente, não pertençam a um contexto individual e sim coletivo. As narrativas se compõem. Elas não se pretendem verdades ou caminhos prontos, mas sim preparações de caminhos para nos perdemos, na multidão de vozes. Pois, como diz Manoel Barros (2011, p. 278) às vezes é preciso “esconder-se por trás das palavras para mostrar-se”.



# 1. EM MEIO ÀS TURBULÊNCIAS, ENCONTROS

*Encontros*

## **Do outro lado do muro: Pausas e Retomadas**

O dia 14 de junho de 2009 estava especialmente ensolarado e bonito. Acordei cheia de expectativas e sensações que não sabia distinguir. Era o dia de iniciar minhas atividades como psicóloga no Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo-IASES, especificamente na UNIP - Unidade de Internação Provisória<sup>4</sup>, em Cariacica/ES, município da região metropolitana da cidade de Vitória. O pouco que sabia deste lugar e da socioeducação era de ouvir contar. Ao transpor o portão azul, principal acesso à Unidade, fui percebendo que a arquitetura assemelhava-se a de uma cidade com ruas, carros, pessoas transitando, policiamento, escola e posto de saúde. Para chegar à Unidade Provisória era necessário passar pela estradinha em frente à Unidade de Internação, de onde podia ouvir o burburinho de vozes, sons, ritmos, gestuais dos meninos misturados às roupas dependuradas nas grades dos alojamentos improvisados da UNIS<sup>5</sup>. Desde já interferências se colocavam no caminhar e exigiam *pausas* no fluxo do meu pensar. Entre pausas e retomadas, passo a passo continuei andando e encontrei uma capelinha desativada e pensei: “Capela-gente-prece-vida-morte. Será que morre gente aqui? Ou é apenas um lugar de prece pela vida aprisionada?” Outra *pausa* e logo avistei um muro alto com formato de forte e no alto dele um agente que circulava vigiando tudo. Ao entrar pelo portão da Unidade Provisória uma grande praça central colocou-se diante de meus olhos, igual a que se vê nas cidades. Novamente me peguei envolta nas perguntas: “Que lugar era esse, cujos aspectos lembravam tanto uma cidade quanto uma cadeia?” Em breve, entenderia que seriam necessárias tantas outras pausas e retomadas no meu caminhar já afetado pelo lugar. De certo, meu primeiro dia de trabalho transcorreu recheado de questões, durante o contato com os colegas, o reconhecimento da estrutura física e do modo de funcionamento da Unidade. Neste dia de principiante, soube somente que em cada bloco

---

<sup>4</sup> A Unidade de Internação Provisória atende adolescentes em conflito com a lei pelo prazo máximo legal de 45 dias (período no qual aguardam por audiências onde podem ser ou não liberados pelo juiz).

<sup>5</sup> Unidade de Internação Social

estavam alojados em média trinta adolescentes e que seria técnica/psicóloga de referência em um deles. Em relação aos adolescentes e suas histórias, restou ler os prontuários. E desde já, percebi que naquele lugar se começa *o fazer* conhecendo os adolescentes pelo que deles os especialistas dizem.<sup>6</sup>

\*\*\*

No dia seguinte, juntamente com a Assistente Social, subi ao Bloco I<sup>7</sup> para conhecer de fato os meninos dos quais eu seria a técnica de referência. O bloco tinha dois pavimentos, sendo que o primeiro era uma área livre, gradeada que tinha na lateral uma escada de acesso ao segundo andar, onde ficavam os agentes e os meninos. Antes de subir a escada era necessário chamar pelo agente socioeducativo, para que ele avisasse da nossa presença. Era comum o agente gritar antes de nossa subida “assistente aí” e o som ecoava pelas vozes dos meninos: “assistente aí, assistente aí”. Ali, paradas no degrau da escada, aguardávamos a autorização dos meninos para que subíssemos. De fato, o anúncio prévio possibilitava tempo para que os meninos arrumassem a ala, arrancando os lençóis amarrados nas grades onde ficavam dependurados, assistindo a televisão na área de acesso, próxima à sala do agente; retirassem os restos de comida do corredor de entrada; vestissem suas camisetas e se dirigirem ao espaço comum do bloco destinado ao “banho de sol”.<sup>8</sup> Curiosamente, ao se dirigirem para este espaço, todos ficavam encostados na parede de frente para nós como uma forma de respeito misturada com regras impostas por eles mesmos, aguardando o que haveríamos de falar, o que de fato havia nos levado até eles. Para entrarmos no espaço era necessário transpor portões e cadeados, bem como nos dispor às inúmeras vozes, cheiros e odores. Tudo isso simultaneamente. Este primeiro contato inundou de sensações meu corpo. *Pausa*: “A privação de liberdade era difícil de ser assimilada, de ser sentida”. A Turbulência estava no ar, porém eu ainda não sabia reconhecer seus sinais. Logo, após a nossa saída do bloco I, em frações de minutos, inauguraria outro modo de habitar aquele lugar. De repente um barulho intenso veio de um bloco IV e se

---

<sup>6</sup> Anotações do Diário de Campo, Julho de 2009. O impacto do primeiro dia de trabalho no sistema socioeducativo produziu a necessidade de constituir um caderninho onde fazia as anotações de minhas inquietações diante do meu fazer profissional naquele espaço.

<sup>7</sup> Na Unidade Provisória existiam 4(quatro) blocos com capacidade legal para alojar 80(oitenta) adolescentes, sendo 20(vinte) em cada bloco. Este número geralmente excedia ao limite legal.

<sup>8</sup> Apesar da política do sistema socioeducativo não reconhecer o espaço aberto com grade no teto que existia nos blocos, módulos com como sendo local de banho de sol é assim que este espaço é apropriado/reconhecido pelos adolescentes do Bloco I como dos demais blocos desta Unidade e demais Unidades socioeducativas onde atuei como técnica.

espalhou pelos demais. Era um barulho ensurdecedor. O dia anunciava “o bater chapão”<sup>9</sup>. Correria e som que eu não entendia. Som inquietante e intenso acompanhado da fumaça que saía dos espaços abertos dos quatro blocos. Muito barulho, muito tumulto. O Batalhão de Missões Especiais da Polícia Militar - BME foi chamado para fazer a contenção e garantir a ordem. Turbilhava de perguntas minha cabeça. Aos poucos, entendi que este movimento poderia indicar uma forma de expressão e/ou até de resistência, por parte dos meninos, aos novos procedimentos impostos naquela semana em relação<sup>10</sup> aos itens que foram restringidos de entrar na Unidade. A semana inteira foi de negociações; consertos na estrutura física do bloco, conversas e aproximações entre a equipe técnica, a gerência e os meninos dos quatro blocos. Estes acontecimentos forçavam pausas e retomadas em nosso modo de funcionar. Seguimos perguntando: quais sentidos estes modos de ser/estar dos adolescentes enunciavam? Seriam possíveis estratégias de (re)existir aos jogos de força existentes nas relações de poder naquele espaços ou de legitimá-los? Pausas que exigiram compreensão, busca por respostas e muitos outros encontros<sup>11</sup>.

## 1.1 O que pode um encontro?

Atenção ao que o encontro nos causa. Ele é capaz de produzir interferências, processos de pausas, reviravoltas e engendrar novos espaços-tempos e novos modos de habitá-los. Ele se farta no inusitado, como um andar em corda bamba. Ele suscita instabilidades e sensibilidades. Subjetivações à flor da pele<sup>12</sup>. [...] “Encontrar é descobrir, capturar, roubar. Mas não há método para descobrir, apenas uma longa preparação” [...] dizem Deleuze e Parnet (2004, p.17).

O encontro é comparado pelos autores a um devir ou às núpcias. Núpcias entendidas como um estado e não como uma condição de conjugalidade. “Quando se trabalha, está-se forçosamente numa solidão absoluta” (DELEUZE; PARNET, 2004,

---

<sup>9</sup> Expressão que se refere ao ato de abrir e fechar os portões dos alojamentos bruscamente repetidamente por certo período de tempo causando barulho e agitação em toda Unidade.

<sup>10</sup> Na Unidade Provisória existia uma relação de itens autorizados para a família levar nos dias de visitas. Tal relação sofria alterações, periodicamente.

<sup>11</sup> Anotações do Diário de Campo, Julho de 2009

<sup>12</sup> “Tais subjetivações encontram-se num limiar, num ‘entre-formas’, ali onde certa configuração subjetiva se desfaz sem que outra tenha ainda surgido” (MACHADO, 2010).

p.17). Porém, esta solidão, segundo os autores, é uma solidão extremamente povoada e não de sonhos, fantasias ou projetos, mas sim de encontros. “É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades.” (op. cit.).

Esta compreensão de encontro vem da filosofia espinosana<sup>13</sup>, para a qual, no encontro há composição de relações. Duas linhas de afecções, alegres e tristes, correspondem aos dois casos de encontros, bons encontros e maus encontros.

“Todos os indivíduos [...] afetam uns aos outros, à medida que a relação que constitui cada um forma um grau de potência, um poder de ser afetado. Tudo é apenas encontro no universo, bom ou mau encontro”. (DELEUZE; PARNET, 1988, p. 78)

Deleuze e Parnet (op. cit) apontam que a força da questão de Espinosa é “*o que pode um corpo? De que afetos é ele capaz? Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem – quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza); ora nos tornam mais fortes – quando aumentam nossa potência e nos fazem um indivíduo mais vasto ou superior (alegria)*”.

Espinosa está sempre se surpreendendo com o corpo, dizem Deleuze e Parnet (1988 p 81). Mais especificamente, com o que o corpo pode, pois os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas sim, por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação.

Ao perguntar o que é que pode um corpo e de que afetos é capaz, Deleuze e Parnet (2004, p.79) destacam que Espinosa realça que é preciso muita prudência para experimentar, pois vivemos em um mundo desagradável, onde não apenas as pessoas, mas também os poderes estabelecidos têm interesse em nos comunicar afetos tristes.

---

<sup>13</sup> Baruch de Espinosa nasceu em 1632 no bairro judeu de Amsterdã, no seio de uma família de comerciantes prósperos de origem espanhola ou portuguesa. Uma de suas teses teóricas mais célebres é conhecida pelo nome de paralelismo: ela não consiste apenas em negar qualquer ligação de causalidade real entre o espírito e corpo, mas também recusa toda eminência de um sobre o outro. Alma e corpo não se sobrepõem um ao outro (DELEUZE, 2002, p.10).

*[...] Os poderes estabelecidos têm necessidade de nossas tristezas para fazer de nós escravos. [...] Os poderes têm menos necessidade de nos reprimir do que de nos angustiar, ou, [...] de administrar e organizar nossos pequenos terrores íntimos. [...] Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência. (DELEUZE; PARNET, 2004, p.78)*

A tristeza, os afetos tristes são todos aqueles que diminuem nossa potência de agir. (DELEUZE e PARNET, 2004, p.78) É exatamente nestas veredas inquietantes no cotidiano da vida que tece os fios dentro de uma unidade de internação que destacamos a noção de encontro como potência. Encontrar encontrando-se, afetar afetando-se, transformar transformando-se.

Ao estarmos na Unidade de internação nos disponibilizamos a efetivar encontros potentes reconhecendo as relações de forças, estratégias e táticas que circulavam no cotidiano do lugar assim como produzir desvios outros, diferentes dos apresentados pelo modo de funcionamento ali colocado.

A partir dessa entrada, mergulhamos nas narrativas dos adolescentes em privação de liberdade na busca por agenciamentos<sup>14</sup> e compreensão das práticas e políticas voltadas ao atendimento socioeducativo, bem como dos modos de viver e existir empreendidos por eles nesse momento peculiar de suas vidas.

“É preciso ir mais longe: fazer com que o encontro com as relações penetre e corrompa tudo, mine o ser, faça-o vacilar” dizem Deleuze e Parnet (2004, p. 84). É neste aspecto que esta concepção de encontro nos ajuda a compor e compreender esta pesquisa, pois nos dispomos aos seus múltiplos contágios e processualidades.

---

<sup>14</sup> “É isso agenciar: estar no meio, sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior.” (DELEUZE e PARNET: 2004, p. 79).

Este entendimento de encontro para além de encontros entre corpos nos possibilitou ainda, durante o processo de pesquisar-trabalhar, nos encontrarmos também com a política e a história do atendimento socioeducativo no estado do Espírito Santo e suas reverberações; com certo modo de pesquisar; com o campo e suas multiplicidades, com os meninos e suas histórias; com o fazer suas apostas e agenciamentos; como também as legislações pertinentes como o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECRIAD<sup>15</sup> e o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

## **1.2. Encontrando a história do atendimento socioeducativo no Espírito Santo: Reverberações e sentidos**

A história não tem “sentido”, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas (FOUCAULT, 2006, p. 5).

Foucault (2006) propõe pensar a história não como sequências, sucessões de fatos, com determinações causais específicas, mas sim como palco de embates, lutas que constroem certos modos de vida e organização, onde jogos de forças e verdades, ou jogos de poder e saber são evidenciados. Assim, a história é movimento e, se entendida neste sentido, pode nos ajudar a não conceber determinadas práticas sociais, ainda que pré-estabelecidas, como absolutas, acabadas e dadas pela natureza das coisas e do mundo.

Por outro lado, Benjamim (2011, p. 229) nos sugere que a “[...] a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de *agoras*”. Nesse sentido, por mais insignificante que um fato ou situação aparente ser, “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (p. 223).

---

<sup>15</sup> Diferentemente de outros estados, no Espírito Santo, utiliza-se a sigla ECRIAD, pois acredita-se que a sigla ECA, ao longo do tempo, tomou um sentido pejorativo de “algo nojento”, não muito desejável. Desta forma, tal mudança, pretende uma afirmação positiva do Estatuto.

Um breve historiar:

No estado do Espírito Santo, atualmente, cabe ao Instituto de Atendimento Socioeducativo – IASES – gerir e executar a política pública de atendimento aos adolescentes em conflito com a lei, em conformidade previsão legal. O Instituto tem como missão: planejar, assessorar, coordenar e articular a execução das medidas socioeducativas, assim como promover a defesa dos direitos dos adolescentes articulados a partir do Sistema de Atendimento Socioeducativo - SINASE, que preconiza, dentre outros, o respeito aos direitos humanos, à Constituição, à municipalização do atendimento, à gestão democrática, à incompletude institucional e aos princípios constitucionais.

Em 2010, o então governo do estado do Espírito Santo, ao prestar contas de sua gestão, relativas aos exercícios dos anos de 2003 a 2010, publicou a trajetória histórica da instituição no documento intitulado: “*Um novo modelo de atenção ao adolescente em conflito com a lei*” para fundamentar suas ações de governo, voltadas à política do atendimento socioeducativo no Espírito Santo.

Recuperando a história, registra-se que a Fundação do Bem Estar do Menor (FESBEM), foi criada em julho de 1967, através da Lei n. 2.296. Nesta legislação, a Fundação estava vinculada à Secretaria de Serviços Sociais, e tinha como finalidade principal executar a Política Estadual de Atendimento ao Menor, no Estado do Espírito Santo. Atendimento este, que seguia os parâmetros da doutrina da situação irregular, preconizada pelo Código de Menores, vigente à época.

A instituição era responsável por promover o atendimento aos menores abandonados, portadores de conduta antissocial, infratores; e àqueles apreendidos em situação irregular, por faixa etária e situação judiciária, o que acontecia através do Centro de Recepção e Triagem (CRT), do Centro de Reeducação Masculino (CRM), e do Centro de Reeducação Feminino (CRF). Todos localizados no município de Cariacica – ES.

Em 1980, a FESBEM foi transformada em autarquia, através do Decreto nº 1.496-N, passando a denominar-se Instituto Espírito-Santense do Bem-Estar do Menor (IESBEM), órgão vinculado à Secretaria de Estado do Bem-Estar Social (SEBES). Nesta fase, foram incluídas ao atendimento atividades profissionalizantes e um projeto agrícola. Porém, em 1986 todos os projetos e unidades que forneciam os atendimentos foram fechados e os menores internos, indiscriminadamente, foram transferidos para o Centro de Recepção e Triagem em Cariacica - ES, onde ficaram por quatro anos.

A Unidade de Internação Social (UNIS), para atendimento dos adolescentes em conflito com a lei, de 12 a 18 anos, foi implantada somente em 1990, na estrutura física do antigo Centro de Recuperação Feminino (CRF), em Cariacica – ES, quando da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

O documento “*Um novo modelo de atenção ao adolescente em conflito com a lei*” destaca que nos anos de 1992 a 1998, muitos fatores – como: questões políticas e crises de governo – culminaram no desmonte institucional e no retrocesso do trabalho socioeducativo. Em 1999, o Instituto, então vinculado à Secretaria de Estado da Ação Social, por meio da Lei Complementar nº 162 de 15 de julho, passou a denominar-se Instituto da Criança e do Adolescente do Espírito Santo (ICAES), cuja vinculação migrou para a responsabilidade da Secretaria de Estado da Justiça. Contudo, tal mudança ocorreu somente no nome, pois não houve nenhuma alteração na estrutura, como determinava o Estatuto da Criança e do Adolescente e o artigo 227 da Constituição Federal.

No período entre 1999 e 2002, a militarização do órgão foi uma marca, assim como a continuação do desmonte e sucateamento institucional. Dentro das Unidades, a repressão policial era intensa, produzindo reflexos nas práticas. Muitos agentes chegaram a ser afastados por agressões e permissividades, como a entrada de bebidas alcoólicas. A estrutura que se tinha não favorecia a socioeducação, chegando a propiciar muitas mortes e rebeliões.

Movido pela violação de direitos que ocorria na instituição, o Ministério Público recorreu ao poder judiciário que nomeou uma interventora que permaneceu nesta função



de dezembro de 2002 a junho de 2003. Uma questão destacada pela interventora era que, antes da tomada da direção da unidade “quem mandava eram os meninos. Eles é que decidiam tudo, a deliberação era deles”.

É interessante constatar nos registros históricos que, mesmo diante da repressão da polícia, das constantes agressões, das violações e dos desmandos, *o movimento* empreendido pelos adolescentes à época, bem como em 2010 – durante o período da pesquisa – era o de contrapor a suposta ordem estabelecida. Reservadas às devidas proporções, no ano de 2010 constatamos – em nosso fazer cotidiano na unidade de internação – que certas *táticas* dos adolescentes, como supostas greves de fomes; queima de colchões; agressões entre *iguais*, dentro dos alojamentos; dentre outras, revelaram modos outros de produzir ou reconduzir algumas deliberações da gerência e da direção, ou seja, uma forma atualizada de deliberarem a seu favor.

No período da pesquisa, a unidade de internação esteve constantemente sob as intervenções do Batalhão de Missões Especiais da Polícia Militar. Nessa fase, a instituição constituiu o grupo de *contenção interna*, formada por agentes socioeducativos, cuja função deveria estar pautada na mediação de conflitos e na preservação da integridade física dos adolescentes. Porém, excessos no exercício da função eram cometidos diariamente por alguns profissionais, conforme destacado no relato de adolescentes participantes da pesquisa: “- Eles deveriam fazer o serviço deles, mas não. Eles entraram no alojamento, rasgaram as cartas da gente, bagunçaram as nossas coisas trazidas por nossos familiares, bateram na nossa cara, nos trancaram no alojamento e foi soco para todo lado, humilharam a gente e saíram rindo”.

A *ordenação* do ICAES ocorreu após 15 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Em janeiro de 2005, a Lei Complementar nº 314 reorganizou a estrutura organizacional básica do Instituto que passou a denominar-se Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (IASSES), entidade autárquica com personalidade jurídica de direito público interno, com autonomia administrativa e financeira, vinculado à Secretaria de Estado da Justiça – SEJUS, permanecendo até o momento sob esta denominação e condição.

Durante o ano de 2009, o cumprimento legal das medidas socioeducativas pelo IASES foi observado por algumas instituições externas, como o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) que, em assembleia descentralizada no Espírito Santo, publicou a Carta de Vitória<sup>16</sup>. Neste mesmo ano, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), fez uma série de visitas às unidades prisionais e também ao atendimento socioeducativo do estado. Em virtude disso, recomendou ao estado a necessidade de reordenar (ou ordenar) as varas da Infância e Juventude, tanto do ponto de vista estrutural, quanto do ponto de vista de procedimento.

Além disso, a Organização dos Estados Americanos (OEA) recebeu notícias de mortes e agressões físicas entre os adolescentes internados e solicitou que o Estado brasileiro tomasse providências, em relação ao Espírito Santo para garantir a integridade física dos adolescentes; e que o Governo e a sociedade civil dialogassem para aprimorar o sistema de atendimento socioeducativo. [...] Nos relatórios da OEA, demonstramos que uma das situações de violação era a ausência da informação sobre a situação jurídica dos adolescentes, [...] a superlotação, em função, também, de internações desnecessárias.

A história do sistema socioeducativo no Espírito Santo registrou mudanças em relação a períodos mais críticos, como o volume de investimento na construção de unidades<sup>17</sup>, a municipalização<sup>18</sup> do atendimento, a elaboração do Projeto Político

---

<sup>16</sup> Trata-se de uma carta de recomendações e de requerimento aos governos estadual, federal, municipal e aos Conselhos Estadual e Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente, ao Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, à Procuradoria Geral de Justiça do Estado do Espírito Santo, aos Conselhos de classe, entidades de defesa dos direitos humanos e demais instituições de adoção de medidas imediatas para a reversão das violações dos direitos identificadas devido a denúncias relativas às mortes de dois internos na Unidade de Internação Socioeducativa (UNIS).

<sup>17</sup> Em 2009, existiam no sistema socioeducativo do estado do Espírito Santo, seis unidades socioeducativas: Unidade de Internação Social – UNIS; Centro Socioeducativo – CSE; Unidade Provisória – UNIP; Unidade de Internação Feminina; Unidade de atendimento a Deficientes – UNAED (todas no município de Cariacica/ES) e Unidade de atendimento Inicial – UNAI, na cidade de Vitória/ES. Essas Unidades comportavam 508 (quinhentos e oito) adolescentes. Deste total, 317 (trezentos e dezessete) eram do sexo masculino e cumpriam medida de internação na UNIS.

<sup>18</sup> No início de 2010, respondendo ao propósito de municipalização do atendimento, previsto no artigo 88, do Estatuto da Criança e do Adolescente foram inauguradas outras cinco Unidades, elevando o número de unidades socioeducativas para onze: duas no norte do estado, na cidade de Linhares, sendo uma Provisória e uma de Internação; duas Unidades no sul do estado, na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, sendo uma Provisória e uma de Internação e uma na região metropolitana, na cidade de Vila Velha, com atendimento para adolescentes na faixa etária de 17 a 21 anos. As transferências dos adolescentes para estas unidades tiveram início em dezembro de 2010. No final do ano de 2011 restaram na UNIS somente

Pedagógico e do Programa Individual de Atendimento, conforme prevê o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE<sup>19</sup>, que são direitos do adolescente<sup>20</sup> privado de liberdade<sup>21</sup>, entre outros, amparados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990, artigos 88 e 124).

### 1.3. Encontrando com certo modo de pesquisar: Um mergulho na experiência

A pesquisa é exercício de experimentação, em que vamos nos tornando diferentes do éramos antes, habitando outros contornos, vislumbrando outras sensações, desmanchando as figuras do EU que aprisionam a vida sob identidades modelares, naturalizadas, sob a vaidade de egos, que embotam a possibilidade de redistribuições do afeto, e da invenção de outros modos de vida (MACHADO; GOTTARDI *et al*, 2011, p. 56)

Pesquisar: verbo a ser aprendido, a ser conjugado. Sobretudo quando se toma por objeto de pesquisa os modos de existir de adolescentes privados de liberdade, em cumprimento de medida socioeducativa. Nosso percurso foi se constituindo entre o trabalho na Unidade de Internação – UNIS; a poeira vermelha; as práticas endurecidas e inventivas nos atendimentos técnicos aos adolescentes; a produção de relatórios; a exigência de produtividade; as reuniões; as visitas familiares; os risos e brincadeiras; os

---

trinta e sete adolescentes cumprindo medida de internação, que ocupavam somente quatro dos oito espaços anteriormente ocupados na unidade de internação.

<sup>19</sup> Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo é o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios, de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo, que envolve desde o processo de apuração de ato infracional, até a execução de medida socioeducativa. Esse sistema nacional inclui os sistemas estaduais, distritais e municipais, bem como todas as políticas, planos, e programas específicos de atenção a esse público (SINASE, 2006, p 33).

<sup>20</sup> É importante destacar que todos os adolescentes, que são os sujeitos desta pesquisa, encontravam-se cumprindo o que é denominado no Estatuto da Criança e do Adolescente de Medida Socioeducativa de Internação. O ano de 2010, período da pesquisa de campo, foi marcado por alguns acontecimentos na UNIS, dentre eles, destacamos: três rebeliões; descentralização e municipalização do atendimento socioeducativo no estado, culminando nas primeiras transferências de adolescentes para as novas Unidades de Norte, Sul e Região Metropolitana do estado; denúncias e inspeções do CNJ; interdição da Unidade Inicial; e audiências de reavaliação de medida feitas pelas Varas de Infância no interior da Unidade, como forma de se garantir agilidade nos processos.

<sup>21</sup> A medida socioeducativa é uma medida imposta e coercitiva, determinada judicialmente a adolescentes que praticaram alguns atos infracionais específicos, conforme prescrito no artigo 112, do Estatuto da Criança e do Adolescente. O Art. 121 do Estatuto define que a internação constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Também prevê que em nenhuma hipótese, excederá o período de três anos, assim como os vinte e um anos de idade.

cheiros de histórias recortadas e dos colchões queimados; os gritos, os tiros de borracha durante as contenções dos adolescentes; o treinamento de agentes; o acompanhamento dos meninos nas audiências do judiciário dentro da Unidade; as rebeliões experienciadas de fora e dentro do módulo; as intervenções do Batalhão de Missões Especiais – BME e dos agentes socioeducativos que compunham a equipe interna de contenção; as mediações da equipe técnica, etc.. Como pesquisar em meio a tudo isso? Assim como Bocco (2009, p. 13), nos perguntamos se “seria possível (e desejável) isolar-se dessas experiências para produzir um saber artificialmente imaculado”?

Em certos momentos, nosso corpo pausou, pediu sossego. A resistência cotidiana, para *não ser capturada*, cansava o corpo, que como se fosse possível, ele implorava para ficar quietinho, alheio aos acontecimentos. Pausas momentâneas de um corpo que também se via privado de ação, em certos momentos e acontecimentos. Porém, encontrar com os adolescentes, em meio a tanta turbulência, nos permitiu perceber que foram produzidas, mesmo em meio às fragilidades, algumas alianças potentes entre nós.

Tal constatação foi fator definitivo para a definição da UNIS como campo de pesquisa. Ao pesquisar sobre juventude e ato infracional, Bocco (op. cit.) corrobora nossa experiência, quando diz que “o movimento da pesquisa, da construção da dissertação, é totalmente indissociável do que esse caminho provoca no pesquisador”.

O investigar sobre tal temática nos convoca também a “questionar como o funcionamento do contemporâneo nos atravessa enquanto trabalhadores, psicólogos, estudantes, pesquisadores, habitantes de uma cidade, sujeitos”. (BOCCO, 2010, p. 13)

De fato, nosso dia a dia de psicóloga-trabalhadora, no campo da pesquisa, nos conferiu certo trato e trânsito na instituição, porém não havia um “*a priori*” a ser seguido. Ambos os fazeres se constituíam em ato, pois trabalhar em campo, conhecer suas particularidades, a princípio, não era garantia de realizar a pesquisa.

Era necessário potencializar os encontros, questionar o óbvio, o dado sobre os modos de existir dos adolescentes em cumprimento de medida de Internação, sobre as

políticas, sobre as práticas. Foi necessário alargar-mo-nos, tecer redes de apoios, de comunicação, de conversas, de solidariedade e de parceria não só com a equipe técnica, como gerentes, subgerentes, coordenadores, agentes socioeducativos, mas principalmente com os adolescentes, que aceitaram participar da pesquisa, na busca por outras composições para além do ato infracional.

Aragão (2005, p. 52) aponta que o procedimento de pesquisa é,

“[...] ao mesmo tempo, produção de saber, construção de metodologia, elaboração de princípios, estabelecimento de resultados e invenção/construção processual do seu caminho, abandonando certas vias e criando outras. [...] Como sabemos, o conhecimento é sempre histórico e, ao fazer escolhas, o pesquisador tem como horizonte sua inserção no campo social e suas escolhas expressam, por conseguinte, a mentalidade de um momento histórico”.

Certo modo de pesquisar que coloca como imperiosa a necessidade de abertura ao inusitado e a inventividade que compõem o processo de pesquisar e com isso reconhece as curvas sinuosas, as interferências e as intervenções na realidade cartografada<sup>22</sup>, pois se *toda pesquisa é intervenção* ela nos convida a mergulhar no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis.

#### **1.4. Encontrando com o campo: Multiplicidades de fios**

*Cadeia é como o mar, quando tá calmo é que se deve preocupar*<sup>23</sup>.

No dia cinco de maio de 2010 o dia corria calmo, às 16h50min, com a prancheta de trabalho e alguns prontuários na mão segui acompanhada da Assistente Social para a área livre, comum aos módulos Despertar I, II e III para realizar alguns atendimentos. Ao entrar, percebemos, como de costume, alguns adolescentes ‘soltos’ na área, pois haviam saído, por motivos diversos,

---

<sup>22</sup> A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos em obra. [...] Ver Passos et al (2010, p. 73).

<sup>23</sup> Narrativa de adolescente (DC, dezembro, 2010)

de seus módulos e aguardavam remanejamento para outros espaços. Em poucos minutos, um tumulto entre eles se formou. Brigas, pedras, gritos. Os meninos ‘soltos’ abriram o módulo I e liberaram os outros trinta que lá estavam. Neste momento, veio o comando, por questão de segurança. Os trabalhadores deveriam correr e permanecer no canto da parede em, aproximadamente, um metro quadrado. Ficamos ali, nove pessoas, seis mulheres e três homens, acuados, agachados compondo a paisagem que se configurou diante olhos. Difícil descrever a sensação. Não cabia relaxar os sentidos, a pupila estava dilatada, o cérebro na atividade produzia conexões e comandos rápidos, analisava os possíveis riscos e a mão tateava em busca da colega para unir forças. Ligadas a cada cena, pois, os ‘meninos’ tinham ripas de madeiras, barras de ferro, ferros pontiagudos e como a Unidade estava em obras conseguiram também uma escada por onde subiam os muros com os rostos cobertos pelas camisetas brancas do uniforme e muitas pedras, que ao serem atiradas pareciam pássaros em direção as alas vizinhas. “*A cadeia virou*”, diziam eles. Pareciam armados para uma guerra, mas que guerra? Onde estava o inimigo? Podiam vê-los, senti-los? Uma guerra aparentemente sem sentido, onde estávamos todos acuados, técnicos, agentes, coordenadores e adolescentes. Todos reféns de gente e de um lugar comum. Restou-nos cobrir a cabeça com as pranchetas de trabalho, prontuários, tapumes, tampas das lixeiras sujas de comidas, mesas de plástico que se tornaram nossos escudos naturais improvisados. O grupo quebrou o cadeado de outro módulo e liberou outros trinta adolescentes. Agora eram em média setenta no pátio e ainda faltava mais trinta do terceiro módulo a ser liberado. A sensação que percorria o corpo era de abandono ali no canto – um nada. A incerteza se sairia, ou como sairia dali percorria meu corpo - um misto de afetos, fragilidade e preocupação com todos nós. Nossa angústia fazia desejar a entrada da tão falada *equipe de contenção*, que vista de fora era tão rápida e implacável. Mas, nos cinquenta minutos que ali ficamos não entrou ninguém. Agachada, conversei com um adolescente do módulo, onde era técnico de referência, que após conversar com outros adolescentes deste módulo sugeriu que entrássemos no módulo II, pois lá estaríamos mais seguros das pedras e do que poderia acontecer ali fora. Ironicamente nós, os técnicos, agora estávamos do outro lado - dentro do módulo, porém não estávamos lá sozinhos, alguns adolescentes permaneciam dentro de seus alojamentos, nos chamavam pelo nome e diziam: “*não estou envolvido, não, não coloca isso no meu relatório, não*”. Já o outro posicionava a tela da televisão para dentro da sala para a gente assistir e se distrair, como se isso fosse possível. Mas não era só isso que a cena dizia, havia no meio da agitação, da adrenalina, certo cuidado e preocupação expressada. Era preciso prestar atenção às nuances do

acontecimento e, através do diálogo, ousar apostar em possíveis alianças, confianças que haviam sido construídas com os adolescentes durante o encontro, nos atendimentos e nos espaços comuns da Unidade. Surpreendentemente, em poucas palavras e olhares, confirmou-se a existência de fios de aliança tecidos entre nós. E, em meio à agitação e à intensidade, os adolescentes do módulo que atendíamos, indicaram o caminho alternativo de saída para nós mulheres. Às dezoito horas nos retiramos da Unidade, tendo a rebelião se estendido até as vinte e três horas e trinta minutos, naquele dia. Depois deste acontecimento jamais estive na Unidade e com os meninos do mesmo jeito (DC, maio, 2010).

Como fiar alianças? Como fiar *com* e não para os adolescentes os fios da socioeducação?

Com certeza, são muitas as maneiras de apresentar e discutir este acontecimento. Poderíamos falar dos modos de subjetivação em curso dentro da Unidade, falar da rebelião como expressão e visibilidade, falar da violência.

Entretanto, nós tínhamos mais perguntas do que respostas:

Queríamos saber quais alianças foram construídas entre nós, nos atendimentos rotineiros, neste curto espaço de tempo, que possibilitaram, através do diálogo com alguns adolescentes, a nossa saída, a da assistente social e a das três agentes socioeducativas deste acontecimento? Em que nossas conversas, nossos encontros possibilitaram tal desfecho? Quais outras tantas alianças os adolescentes poderiam fazer pela vida? Como poderíamos produzir encontros, atendimentos-desvios, potentes para impulsionar a vida, diante da privação de liberdade e dos empecilhos de nosso fazer cotidiano?

Como criar modos de funcionar trabalhar-pesquisar potentes, paralelos aos modos de funcionar da instituição e dos envolvidos no processo? Como permitir a produção de pensamento crítico que resultasse em ação, diante da lógica que permeava o fazer cotidiano pautado na velocidade, no ativismo, que mantinha a máxima: “ou bem você trabalha ou pesquisa neste lugar”.

Assim, seguimos no campo da pesquisa, dispondo-nos, misturando-nos ao contágio, que exigia exercício constante de estranhamento. Porém, o desgaste do fazer cotidiano, no campo da pesquisa concorria para a naturalização das relações, das práticas, das lutas e dos embates das forças, porém o compromisso ético-político se impunha.

### **1.5. Encontrando com o fazer: uma aposta**

As práticas não são, portanto, as coisas, mas estão nas coisas, apresentam-se sempre sob amplos drapeados e neles se ocultam como a parte imersa do *iceberg*, situando-se abaixo da linha da visibilidade. Pesquisá-las implica em despreendê-las das formas e dos objetos que as constituem. Conferir-lhes existência a partir daquilo que está feito e que dobra em si o que foi seu próprio fazer-se. Neste ponto, incide e ativa-se o olhar observador, para em uma operação de desdobragem, rachadura ou estiramento, dar a ver naquele organismo – então desdobrado e exposto -, as multiplicidades que lhe são imanentes e que se encontram ali, tecidas tal como uma trama tão bem urdida a ponto de ser confundida como uma espécie de estrutura natural (FONSECA, 2007 p 46).

Entre demandas, ordens e pedidos, transcorria o dia na Unidade de Internação:

*Quantos atendimentos você já fez hoje? Você precisa atender aquele menino que saiu do seu módulo, brigou lá e precisa ser realojado, mas tem que conversar antes com os meninos do bloco para ver se eles o aceitam lá antes de entrar.*

*Quantos relatórios estão pendentes e quantos estão prontos para serem enviados para o juiz? Quantas famílias vêm do interior para visitar os adolescentes do bloco? Tem que fazer a relação dos familiares; não pode esquecer-se de ligar para o transporte reservar o carro e confirmar com as famílias.*

*E o relatório mensal das atividades que temos que enviar para o escritório central, já está pronto?*



*Olha, vai ter audiência com o juiz na Unidade. Você tem que estar preparada caso alguns meninos de seu bloco caso sejam chamados.*

*No seu plantão, no domingo, você se lembra de entregar os pertences dos meninos que estão na Unidade às famílias?*

*O Núcleo de família quer os nomes dos adolescentes que não têm documentos.*

*Amanhã teremos reunião com a equipe técnica.*

*A mãe do menino está na portaria e quer atendimento, mas ela chegou sem avisar.*

*O menino tá pesando no bloco, pedindo atendimento para telefonar para a família e também quer os pertences e as cartas que não entraram no domingo.*

*O relatório do plantão precisa ficar pronto antes de irem embora, para passar as informações para o diretor. Pessoal, o Diretor quer um panorama geral do comportamento de cada menino, para uma reunião que fará amanhã cedinho, na quadra<sup>24</sup>.*

Diante do fazer cotidiano, ao final do dia, restava ao corpo-trabalhador, independentemente, da área de atuação, a exaustão, o cansaço. Os afetos se acinzentavam e, por vezes, pairava a incerteza do que se havia de fato produzido no encontro com os adolescentes, com a equipe e com o fazer no contexto socioeducativo. Mas insistia o compromisso ético-político da busca por práticas inventivas, mudanças, ainda que fossem nos micro-casos emergidos nos encontros, pela via do pensar, refletir.

Machado (2010, p.118) é clara ao trazer o processo do enfado e do cansaço que a ‘organização’ do trabalho produz. “Uma mortificação que tirou do trabalho seu potencial de invenção, de pensamento, de resistência à própria ‘organização’. Ela diz

---

<sup>24</sup> Anotações do Diário de Campo (Fevereiro 2011)

que estar cansado é uma exigência do próprio trabalho, que foi capturado pela ‘organização do trabalho’.

Em suas considerações, Machado (Ibidem, p. 119) aponta ainda que aqueles que “insistem em fazer do trabalho algo criativo, leve, crítico e alegre terão que se defrontar com uma ‘organização’, que lança pedras em seu caminho, que produz incessantemente a necessidade do cumprimento de tarefas tristes e pesadas. [...] Toda multiplicidade vai sendo capturada na monotonia de formas modelares de ser e de estar nos verbos da vida”.

Barros (2004, p. 95), ao falar sobre o trabalho, diz: “O trabalho nos produz e nos transforma”. A partir desta afirmação, a autora destaca que a busca da compreensão do trabalho “é também poder transformá-lo e afirmar a possibilidade de uma outra estética da existência”.

A autora destaca que não se pode dissociar a vida e sua complexidade do curso das relações de trabalho que não cessam de se produzir, funcionando como uma rede de conexões. Aponta ainda que, é nesta rede “que há invenção de si e do mundo. Múltiplas formas-subjetividades são geridas quando trabalhamos”.

Fonseca (2007, p. 49) diz que:

Nesta atividade de trabalho e criação de normas para fazer o trabalho andar, supõe-se que o trabalho não se refere a uma simples aplicação de procedimentos pensados alhures. Pensemos que mesmo a aplicação de princípios técnico-científicos é sempre parte de uma reinvenção e que toda atividade de trabalho é sempre, mais ou menos, uma ‘dramática do uso de si’. Reinventar as normas de trabalhar de um outro modo diferentemente do que está determinado e prescrito, significa sobretudo considerar que tal produção de saber começa nas profundezas do corpo, com o que lhe é mais singular, com este impalpável da vida se fazendo no curso do tempo. Reinventar o modo de trabalhar supõe sua contrapartida inexorável: a reinvenção de si.

O documento intitulado Referências<sup>25</sup> Técnicas para atuação de psicólogos, no âmbito das medidas socioeducativas em unidades de internação (2010, p. 29), aponta para a participação do psicólogo, entre outras atividades, “em reuniões gerais com os adolescentes, encontros intersetoriais, grupos focais, grupos de reflexão, atendimentos individuais”. Como também acena que um dos aspectos das diretrizes propostas para a atuação deste profissional neste contexto é considerar que “independente de sua filiação teórica e do uso de técnicas específicas, tal atuação se situa no contexto da intervenção institucional, portanto, não se restringe à elaboração de relatórios e pareceres”.

Mas, diante do fazer rotineiro que se impunha, colocava-se-nos como desafio constante o de frequentar, propor e estar nos espaços coletivos. Mesmo o ouvir-contar estava direcionado, em certa medida, à produção de vários relatórios demandados, como ao dar “assistência”, a produção de números, estatísticas em detrimento de tantas outras formas de estar e sentir a *internação*, tanto para o adolescente, quanto para o profissional que precisa responder ao seu ofício.

“É tudo correria morta<sup>26</sup>”.

A primeira vez que ouvimos esta expressão, ela veio da boca de um adolescente indignado no pátio da Unidade de internação. Ouvimos, paramos, não resistimos e perguntamos a ele o que seria “correria morta” e ele nos respondeu: “Correria morta é quando aquela pessoa finge, disfarça que trabalha, que faz, “o corre”, mas não faz ou não resolve nada para gente”.

Coimbra e Leitão (2003, p 7) nos falam que:

“Como o ‘operário em construção’, vivemos, também cotidianamente, no campo do desconhecimento onde tudo parece, às vezes, opaco, quando a luminosidade dos flashes cega, onde parece que o olhar se turva, diante do

---

<sup>25</sup> As Referências Técnicas para atuação de psicólogos no âmbito das medidas socioeducativas em unidades de internação foram redigidas por uma comissão de especialistas, a convite do Conselho Federal de Psicologia, em diálogo com o resultado da pesquisa realizada nacionalmente, por meio de questionário-online e de reuniões presenciais, conduzidas por técnicos do CREPOP – Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas – nas Unidades locais do Conselhos Regionais de Psicologia.

<sup>26</sup> Narrativa de adolescente (dezembro, 2010).

que é tão superfície e tão visível. Potência de ver temos constantemente, entretanto, desconhecimentos de muitas produções em nós e no mundo...”

Coimbra e Leitão (op. cit.) ressaltam que dentre os diferentes dispositivos produzidos pelo sistema capitalista, a divisão social do trabalho, que irá instituir e naturalizar dois territórios muito bem definidos, a saber: o do saber-poder, “que se identifica como sendo o lugar da competência, do conhecimento/reconhecimento, da verdade, dos modelos, da autoridade, do discernimento, da legitimidade e adequação de certos modos de ser”; e o lugar do não saber, o da falta, que é “caracterizado como território da exclusão, visto ser desqualificado, condenado, segregado, considerado, até mesmo, como danoso e perigoso – o campo do desvio – necessitando sistematicamente ser acompanhado, tutelado, monitorado e controlado”.

Diante da expressão “correria morta” e das considerações feitas, resta-nos perguntar: O que produzimos em nossa atuação no sistema socioeducativo está fadado à correria morta? O “corre” responde a quem, a quê? Ele é só assistir, de forma desordenada, às inúmeras demandas, deixando os corpos-trabalhadores em estado de exaustão, e sem condição sequer para repensar suas práticas, resistirem às capturas e, assim, seguirem, reproduzindo modos, discursos, incertezas e angústias.

Acreditar na potência do fazer, com certeza não é uma tarefa qualquer, ainda mais quando esta aposta pouco encontra pouso no outro, em espaços de trocas, capturados pelo fazer. A ausência de parceria potente torna, por vezes, o trabalho um enfado.

Porém, de forma imperiosa, o ar ético-político nos impulsiona a frequentar os verbos da vida, sabendo que, como coloca Machado (2010, p. 121), isto “implica diferir, escapar dos modos que nos capturam, das práticas fascistas que nos seduzem, dos regimes de dominação que nos entorpecem, dos esquemas que nos anestesiaram e cansam”, e nos fazem caminhar.

O fazer cotidiano na Unidade de internação, raramente nos permitia pausar e pensar. “Pensar é uma pedreira”, diz Manoel de Barros (2011, p. 263). Um ativismo (des)necessário ditava a ordem do dia. De todos os lugares e pessoas vinham demandas,

pedidos e ordens. O adolescente, os familiares, o agente, o coordenador, a subgerência, a gerência, o diretor, o juiz, etc...

“A divisão social do trabalho, a designação dos indivíduos a seus postos de produção não dependem unicamente dos meios de coerção ou do sistema de remuneração monetária; mas também, e talvez de modo mais fundamental, das técnicas de modelização dos agenciamentos inconscientes operados pelos equipamentos sociais, pelos meios de comunicação, pelos métodos psicológicos de adaptação de todos os tipos” (GUATTARI, 1981, p.171).

A unidade de internação era lugar de muitas histórias contadas a galope, porém o ouvir-contar das histórias a que nos referimos, carece de certa lentidão, mas não de lentidão cronológica, temporal, mas sim de uma lentidão de corpo, de presença, de ouvido, de afetos, de encontro. Aquele tipo de escuta, que feito vinho, precisa de decantação. Pois a imensidão das vozes, que muitas vezes, sem sentido, se colocava aos berros, durante o fazer, não permitia este tipo de ouvir-contar.

Como produzir desvios, atalhos para escapar dos espaços (des)necessários, viciados na produção de relatórios e estatísticas? Existiriam espaços-tempos outros de ouvir os adolescentes, os técnicos e os demais envolvidos neste processo, em meio aos fazeres de coisas? Como deslizar por entre a vigilância e o controle estabelecidos e produzir espaços-tempos de conversar/viver onde o adolescente e o profissional pudessem *fiar* conversas sobre a vida, para além das falas retalhadas, comedidas, capturadas pela lógica de que de um lado está o *profissional relator* investido do poder institucional que preenche questionários/sumários e faz relatórios e do outro o adolescente que resguarde seu historiar por não saber no que isso implicará?

Onde então as *outras* questões da vida que ultrapassam a privação de liberdade e as vivências na Unidade podem ser ouvidas? Se a “correria morta” pode ser compreendida como o trabalho prescrito, não gerador de potência, nos perguntamos: o que seria a correria viva? O que fazemos, nós trabalhadores, em especial no campo da Psicologia ,com a medida socioeducativa?

“Você quer invadir minha mente com essa conversinha<sup>27</sup>”?

Certas palavras têm *ardimentos*, outras não. [...] É como descer arranhado pelas escarpas de um serrote, diz Manoel de Barros (2011, p. 277). Esta definição do Psicólogo como *invasor de mente*, na boca do menino, engrossa o coro de tantas outras vozes. Esta é uma palavra ardida de se ouvir, que esteve de forma recorrente tanto nos discursos de alguns adolescentes, durante os nossos atendimentos técnicos, como também, sorratamente, permeou os discursos de profissionais de outras áreas, bem como dos operadores de direito<sup>28</sup>.

O lugar do profissional “psi” – como sendo um conhecedor da intimidade do sujeito, capaz de desvendá-la e esmiuçá-la – é fruto de uma construção histórica deste saber, que ainda povoa as práticas em diversos espaços, produzindo e reforçando estigmas. Segundo Coimbra e Leitão (2003, p. 8), “é pensar no trabalho que nós, psicólogos, temos desenvolvido; é pensar neste lugar instituído e naturalizado, percebido como ahistórico, neutro e objetivo que nós, muitas vezes, temos ocupado e fortalecido: o do saber-poder”.

O desafio que se coloca para nós profissionais da Psicologia no encontro com o campo socioeducativo é de constante desconstrução, de enfrentamento desta produção, para produzir novas práticas ainda que nos micro-casos com os quais nos deparamos no cotidiano. Caso contrário, continuaremos ocupando o lugar de invasores de mente, respondedores de quesitos e amoladores de faca, como nos fala Baptista (1999, p. 46), cujos discursos prontos e afiados seguem disseminando e fortalecendo olhares cristalizados sobre a vida em detrimento das possibilidades de potencializá-la.

É preciso [...] “ter um saco onde ponho tudo o que encontro, sob a condição de que eu também seja posto num saco”, dizem Deleuze e Parnet (2004, p. 19) Neste sentido, os autores deixam claro que não estamos isentos das capturas, diante de um fazer. Resta-nos questionar o como e o por quê do que fazemos.

---

<sup>27</sup> Diário de campo, fevereiro 2010 (atendimento técnico no módulo de referência).

<sup>28</sup> Juízes das Varas de Infância e da Juventude, Promotores e Defensores públicos.

Esta, com certeza, é uma questão difícil, enquanto psicóloga, no sistema socioeducativo. Como responder a certo tipo de demanda da instituição com menor dano possível para o adolescente? Como não afirmar em nossas práticas o esperado pela instituição? Como não abrir mão de uma postura ético-política durante o ativismo do fazer prescrito? Como apontar nos relatórios aspectos do cotidiano, da forma de funcionar da instituição, das relações e jogos de forças que ali se engendram, que influenciam nos modos de ser/estar do adolescente durante a privação de liberdade? Difícil, pois no trabalho de ponta, lidamos com questões da vida, do capital, da força imperiosa do trabalho. E neste sentido, a demanda insiste em capturar a prática que, em certos momentos, tende a não se lembrar dos princípios básicos à primazia e respeito pelo humano e pela vida, em detrimento do fazer. “[...] Pois o que faz a força da subjetividade capitalística é que ela se produz tanto no nível dos opressores quanto dos oprimidos” (ROLNIK; GUATTARI, 2005 p. 44).

## **1.6. Encontrando com os meninos e suas histórias**

*Conduzindo vidas.*

*Conduzindo histórias.*

*De lá para cá, de cá para lá.*

*Lá vamos nós.*

*Eu, você e o agente.*

*Às vezes era só a gente.*

*Olhos curiosos nos acompanhavam.*

*Uma parada.*

*Um cumprimento.*

*Caminhar de novo.*

*Silêncio.*

*Outra parada.*

*Sair do módulo para conversar.*

*Ver o dia fazia bem ao menino.*

*Revê-lo também.*

*Tinha história, o menino.*

*Ouvir seu contar sem julgamentos.*

*Era assim que acontecia.*

*Não enxergava os meninos infratores, nem seus artigos.*

*Eram vidas, peças de quebra-cabeça que ora se encaixavam, ora não, pois os contornos mudavam.*

*Cada contar de histórias causava ruptura.*

*Fortalecia a insistência em não ser capturada pelo discurso:*

*“Cuidado, eles não são capazes de alianças”.*

*Será?*

*O tal “será” sempre me acompanhava:*

*Quem será o bronco e perigoso?*

*Quem será o drogado e criminoso?*

*Quem será o mentiroso e ardiloso?*

*Quem será o articulador e dissimulado?*

*Agora, sem parada.*

*Não olhe.*

*Continuemos a andar, menino.*

*É cedo ainda.*

*Precisamos encontrar formas outras de (re)existir.*

*De viver.<sup>29</sup>*

O primeiro encontro com os meninos e suas histórias foi cercado de expectativa, para nós, não só pela pesquisa, mas também pelo inaugurar de outro espaço-tempo, de ouvir contar as histórias dentro da unidade sem, a princípio, nos preocupar com o tempo-atendimento, condição-atendimento, modo-atendimento colocado pelo fazer na instituição. O espaço da pesquisa se apresentava como espaço de experimentação e invenção.

Normalmente, a média de adolescentes sob a responsabilidade de um técnico era de trinta. Em certas ocasiões, o quantitativo de adolescentes desalojados e sem atendimento psicológico era dividido entre os psicólogos da Unidade, elevando este número para setenta e cinco adolescentes por técnico/psicólogo, ou seja, um número de atendimento impossível de ser realizado, o que dificultava imensamente o trabalho dos profissionais.

Os atendimentos técnicos estavam sujeitos à rotina e ao modo de funcionamento da Unidade, podendo ou não ser realizados como planejados. No contexto da pesquisa,

---

<sup>29</sup> Diário de Campo (março, 2010)



para encontrar e convidar os adolescentes a participarem, nosso primeiro passo foi obter autorização do órgão e dos responsáveis competentes para a realização da pesquisa e das entrevistas dentro da unidade de Internação Social - UNIS.

Para a realização das entrevistas, foi feito contato com a gerência da Unidade para a apresentação do projeto para toda a equipe técnica de referência dos módulos existentes o que, seguindo o modo de funcionamento da Unidade não aconteceu. O que se deu foi que entre uma conversa e outra, fomos conseguindo algumas indicações.

Posteriormente, efetivamos o convite aos adolescentes, durante os atendimentos no cotidiano de trabalho, em companhia do técnico de referência, que fez a ponte e a indicação. Tecemos esta rede de apoio com alguns técnicos não só para facilitar o acesso e a aproximação dos adolescentes dos módulos com os quais não tinha contato; mas também para incluí-los, em certa medida, no processo.

Outros convites foram feitos durante nossos atendimentos técnicos, como também em encontros com adolescentes nas áreas comuns da Unidade. Ao todo foram convidados dez adolescentes, com idade entre 18 e 21 anos, que cumpriam medida de internação na UNIS em Cariacica/ES. Deste universo, sete aceitaram e assinaram os termos de consentimento livre e esclarecido; porém efetivamente participaram da pesquisa apenas seis dos adolescentes, pois um deles, durante as inúmeras tentativas que fizemos em dias e horários diferenciados não se mostrou disponível.

*A priori*, não conhecia os adolescentes indicados pelos técnicos. Estes se encontravam alojados em diferentes módulos da Unidade: Despertar I, Despertar III, Bloco C, Resignificar e Espaço Alternativo<sup>30</sup>. Vale ressaltar que os adolescentes comumente eram transferidos de espaços por diversos motivos, de forma que alguns deles já haviam estado alojados em sete dos oito espaços que existiam na UNIS à época da pesquisa.

---

<sup>30</sup> Ver as características dos espaços no Capítulo 3 que trata sobre a cidade-internação

Foi produzido, em conjunto com o Núcleo de Pesquisa do IASES, um cronograma contendo vinte encontros, destes foram realizados dezessete, os outros três foram destinados à apresentação da pesquisa aos adolescentes como também à organização do espaço onde aconteceriam os encontros. Estes tiveram início, à medida que os adolescentes aceitavam participar da pesquisa e aconteceram no período de 20 de outubro a 17 de dezembro de 2010, na biblioteca, recém inaugurada, do espaço pedagógico da Unidade de Integração Social – UNIS - em Cariacica Sede/ES.

Nos encontros com os adolescentes fomos tateando na intensidade do vibrar da contação de suas narrativas. Fomos seguindo o clamor das palavras, os fragmentos das vozes e permitindo-nos alargar, alargar e alargar até que o ouvir/contar descortinasse as histórias que nós andávamos procurando, pois como nos diz o poeta Manoel de Barros (2010, p. 21) “as palavras são como conchas que guardam muitos clamores antigos. Elas possuem corpo e muitas oralidades e muitas significâncias remontadas”.

## 2. NARRAR É ACONTECER: A NARRATIVA COMO POTÊNCIA

*Percursos*

Eu conto;  
Tu contas;  
Ele conta;  
Nós contamos;  
Vós contaís;  
Eles contam.

Na cidade do interior, onde vivemos boa parte de nossa infância, rotineiramente, os mais velhos juntavam-se em frente às portas das casas, para *contarem suas histórias*. Seus risos e caçoadas ecoavam e seduziam o tempo que parava para escutá-las. E, assim as horas seguiam, lentamente, em meio ao palavreado que corria solto, com cheiro de noite e café no bule. Era um processo onde a experiência, ora decantada em suas memórias, tornava-se fonte inesgotável, como diz Benjamim (2011), lugar onde todos os narradores recorrem.

E ali, bem juntinhos a eles, nós, as crianças brincávamos, distraidamente, ao embalar melódico de suas histórias contadas e recontadas que, sem perder o encanto, se renovavam e circulavam feito água em roda de moinho, permitindo, assim, que elas permanecessem vivas e conservadas. Benjamim (Ibidem, p. 201) diz que é justamente no recontar que o narrador retira, da experiência contada pelos outros, sua própria experiência.

Histórias embaralhadas e esmiuçadas que contavam de lugares, de relações, de amores, de zangas, de prazeres, de festas, de alegrias, de tristezas e da vida cotidiana.

Encontros, nos quais aqueles que os narram incorporam as coisas narradas à experiência daqueles que a ouvem (Ibidem, p. 201).

Neste sentido, Carvalho (2011, p. 70) aponta que “narrar o cotidiano, do presente e do passado, traz a oportunidade de, ao narrar, reinventar aquilo que caracteriza o cotidiano narrado”. E assim, é possível, diz o autor, “potencializar memórias, apagar memórias, transformar memórias”. Pois, o cotidiano revela modos de vida, de subjetivar e de acontecer das pessoas, de seus grupos em dado momento histórico.

A prática/escuta de narrativas pode ser um potente instrumento para fazer ouvir histórias silenciadas. Histórias, fragmentos de vidas invisíveis, vidas infames, como afirma Foucault (2010, p. 210), que talvez não movam sentidos ou interesses em boa parte da sociedade, mas que são elas mesmas, composições da história desta mesma sociedade.

História de não-famas, de modos invisíveis de existir, histórias de “existências-relâmpago”, vidas comuns que podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas, como aponta Foucault (2010, p. 210).

No lastro da discussão de vidas infames, Lobo (2008, p. 189) destaca que estas são existências que desapareceram e desaparecerão no tempo, sem deixar rastro. São, segundo a autora, apenas vidas desbotadas nos registros, pois, em geral, não são consideradas relevantes para serem trazidas à luz.

Percorrendo esta trilha, algumas perguntas, dentre tantas outras, persistem no dia a dia, com os adolescentes em conflito com a lei: Por que contar suas histórias? Para quê? O que se pretende, ao ouvir suas vozes inominadas? Ouso dizer que queremos a intensidade que está em suas narrativas. Queremos o *acontecer* no processo da

narrativa. “Narrar não é relatar ou descrever acontecimentos, é propriamente acontecer<sup>31</sup>” diz Blanchot (2007).

É este o veio que esta pesquisa persegue: reverberar vozes. Escutar o que não é notável para produzir ressonâncias potentes. Escutar a história lá onde, por si próprias, elas falam (FOUCAULT, 2010, p. 208), pois assim o que é aparentemente insignificante provavelmente cesse de pertencer ao silêncio e ao restrito.

Desta maneira, apostar na narrativa como ferramenta, nos possibilitou ouvir não só a história dos adolescentes, as expressões das políticas a eles voltadas – expressas em suas falas – mas também, mergulhar nas intensidades e afetações do que se passava no momento do nosso encontro/narratividade.

O que se quer com as narrativas dos meninos?

Neste viés, ouvir as histórias dos adolescentes foi para nós poder entrar em contato com uma categoria mais ampla - adolescentes em conflito com a lei, assim como com a história de uma instituição que aplica medidas socioeducativas no Brasil.

Como ferramenta a ser utilizada nos encontros-narrativas com os adolescentes produziu-se, *a priori*, entrevistas abertas, estruturadas em blocos temáticos, nas quais cada bloco elegia momentos distintos da vida do adolescente como disparador da conversa, como: a infância, o momento atual da vida e as perspectivas após liberação judicial da Unidade.

Esta ferramenta metodológica foi pensada para nortear e não para compactar o conteúdo das narrativas durante o encontro, pois o processo de narrar do adolescente não estava condicionado aos blocos. Na verdade, apostamos sempre no fluxo das lembranças. O adolescente/narrador dava o ritmo-tempo à sua narrativa, produzindo misturas, recortes, remontagens de fragmentos em seu contar.

Esta flexibilidade abarcou a intensidade do momento vivido em cada encontro. As narrativas aconteciam dentro e durante a rotina da Unidade, lócus de vivências, tanto do adolescente quanto da pesquisadora. Tal peculiaridade conferiu ao encontro/narrativa

---

<sup>31</sup> “O acontecimento é sempre produzido por corpos que se entrecrocaram, se cortam ou se penetram [...] mas esse efeito não é da ordem dos corpos [...] “Cada acontecimento é uma névoa de gotículas[...]” (DELEUZE; PARNET, 2004. p. 83).

um caráter de proximidade e possibilidade de mergulharmos nas intensidades. Tateamos ora na velocidade do fazer, ora na lentidão do ouvir contar, para tentar encontrar os pontos por onde pudéssemos deslizar por outros caminhos possíveis. Foi esta nossa intenção, que desde a inserção no IASES, já apontava para um fazer ético-político para além do prescrito no ato de trabalhar.

Decidimos retirar a âncora do escutar imposto em nosso fazer cotidiano com os adolescentes em conflito com a lei e contemplar outras paisagens e argumentações. Seguindo Alberti (2010, p. 59), afirmamos que a história, como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidade: selecionamos acontecimentos, conjunturas, modos de viver, para conhecer e explicar o que passou.

Foi assim, juntando miçangas do contar dos meninos em privação de liberdade que aos poucos fomos entendendo que a narrativa inaugurou outros espaços-tempos para esses sujeitos-narradores dentro do espaço já conhecido da Unidade. Para o adolescente, este espaço-tempo passou a ser considerado como espaço não-averiguador nos moldes das práticas judiciais. Um espaço-tempo onde poderia contar suas histórias sem receio de que estas fossem recontadas em seu desfavor nos relatórios<sup>32</sup>. “De que adianta eu sair para participar de um evento e tentar fugir? O meu depoimento e o meu relatório estão todos limpos aqui dentro. É melhor eu ficar quietinho aqui, porque se meu relatório ficar sujo, aí sim, é que eu não saio, mesmo<sup>33</sup>!”

Longe de generalizações, não estamos afirmando que o contar das histórias não acontecessem durante os atendimentos técnico-profissionais. Estamos sim, dizendo que algumas práticas produziram, ao longo da história, a institucionalização do lugar de

---

<sup>32</sup> O relatório de cada adolescente era produzido por uma equipe multidisciplinar composta por um psicólogo, um advogado, um pedagogo e um assistente social de referência de cada módulo. De maneira geral, cada profissional tinha um espaço específico no relatório para fazer o relato a respeito dos atendimentos referentes à sua área de atuação. O relatório era produzido por exigência judicial, a cada quatro meses, e servia como uma forma do poder judiciário acompanhar o cumprimento da medida, por parte do adolescente (comportamento, relações interpessoais, adaptação ao lugar e as regras e participação nas atividades pedagógicas propostas pela instituição), e, em certa medida, posicionar-se quanto à progressão ou manutenção da medida de internação.

<sup>33</sup> Narrativa de adolescente (dezembro de 2010).

atendimento técnico, como sendo um lugar de ser assistido<sup>34</sup> e o de *informar* sobre a vida e não de *narrar* sobre ela. “Nestes instantes de conversas, aqui com você, posso voar na mente, como se minha cabeça se libertasse do corpo aprisionado e pudesse me levar para além dos muros da Unidade. A mente pode te levar onde suas pernas não alcançam<sup>35</sup>”.

Em nossos encontros, o simples fato de conversar e narrar, possibilitava que o adolescente revisitasse sua história, e ao revisitá-la, produzisse novos sentidos e estabelecesse laços de confiança. “Minha história, não conto para os meninos do bloco, não. Eles não entendem, ficam zoando, não sabem conversar sério, eles não são dignos de ouvir minha história<sup>36</sup>”.

Quando a narratividade acontece, ela eleva as experiências escondidas para o campo da visibilidade, permitindo que as experiências do fora, das margens, dos limites, das fronteiras, sejam experiências de novos desenhos e novas configurações. *A gente se sente desativado da sociedade lá dentro do módulo. Conversar com uma pessoa diferente, com mais experiência, que sabe conversar, ajuda a gente a se valorizar e saber conversar melhor com as pessoas*<sup>37</sup>.

A narrativa, como apontou-nos Benjamin (2011, p. 205), é uma forma artesanal de comunicação. Ela não almeja fazer-se como um relato, como puro “em si”; mas ao contrário, pretende mergulhar na vida para aí ver algo de novo. Como também não exige o narrador de suas intenções, nem das condições em que narra. Ela assemelha-se a um ofício, um labor. Ela é trabalhada e não somente uma arte livre de narrar histórias. Benjamin (2011) compara a autoridade da narrativa com aquela de um sujeito agonizante, que transmite toda a experiência de uma vida: “[...] isto é a matéria com que se constroem as histórias” e conclui: “Esta autoridade está presente na origem da narrativa” (BENJAMIN, 1992, p. 40).

Afirmamos que no encontro-pesquisa com os adolescentes privados de liberdade não cabe o simples informar dos fatos ou de suas histórias. Em certa medida, a mídia

---

<sup>34</sup> Assistido neste contexto se refere a ter as necessidades atendidas como, por exemplo, fazer uma ligação para a família, pedir pertences que não foram autorizados entrar etc...

<sup>35</sup> Narrativa de adolescente (novembro de 2010).

<sup>36</sup> Narrativa de adolescente (novembro de 2010).

<sup>37</sup> Narrativa de adolescente (novembro de 2010).

local já cumpre este papel. Faz-se necessário acolher, embrenhar-se na narrativa e em seus efeitos, pois elas se fazem no vácuo das demais intenções do pesquisar.

As narratividades se propõem a deslizar pelas fendas, no muro do ato infracional e olhar mais de perto as histórias, as vidas, os micros-casos que fazem nascer/acontecer outros mundos, escritos-vozes-composições. *Quando venho aqui me sinto diferente, tipo na rua. Mas quando eu volto para o módulo, aí já muda o clima todinho entendeu? Porque lá é diferente. Aquela vida que nós levamos lá é diferente. A gente não conversa assim, como a gente está conversando aqui, agora, entendeu? Não dá para falar de nada importante lá dentro do módulo*<sup>38</sup>.

Multiplicidades que se apresentam no cotidiano da internação e das relações que ali se constituem, permitindo torções nos modos de sentir, viver e habitar nos espaços institucionalizados, assim como constituir os tantos espaços móveis.

---

<sup>38</sup> Narrativa de adolescente (dezembro de 2010).



### 3. UMA CIDADE-INTERNAÇÃO E SUAS MULTIPLI(CIDADES)

*Torções*

[...] “Dizem que a cidade perturba, cria o anônimo, o impessoal. [...]” Sabemos que por meio dos detritos de uma cidade conhecemos seu caráter, seus sonhos fundados no investimento do silêncio. O não dito com clareza é a história do lixo é uma história de lutas, de combates, na qual nem sempre o silêncio é posto. Essas lutas nos apresentam as tramas de um humanismo que, temendo o inesperado e o caos, aciona modos de morar, modos de sentir, modos de calar, em que seus atores são fadados a representar uma completude enraizada ou então uma frágil desnorçada modalidade de existir. Nessas lutas o silêncio nem sempre é posto, porque o lixo não só aduba, mas envenena e interpela a astúcia do urbano. [...] A memória da cidade fala de algum lugar; ela não se abriga nos trapos e não se alimenta de restos de comida (BAPTISTA, 1999, p.106).

#### 3.1. Uma cidade: uma máquina produtora de sentidos

Guattari (2008) compara a cidade a uma imensa máquina produtora de sentido. Um corpo subjetivo que subjetiva sujeitos e coletivos, em processos que não são nem exclusivamente interiores, nem somente exteriores. Trata-se de uma interioridade feita de fora, concebida como uma “dobra”<sup>39</sup>, que produz efeitos de subjetivação temperados pelas relações de força e poder que se produzem na cidade.

---

<sup>39</sup> Inspirado nos escritos de Foucault, Deleuze (2005, p. 104) escreve a propósito das imbricações entre exterioridade e interioridade: “O lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora”.

Uma cidade é multiforme e histórica. [...] *Do mesmo modo, não há em si uma cidade, mas uma constelação de cidades*, diz Foucault (2010, p. 83). Múltiplas-cidades. Multiplicidades<sup>40</sup>.

À cada pessoa, ora ela esconde, ora revela segredos. “[...] As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem outro bastam para sustentar as suas muralhas”, diz Calvino (2008, p.14).

Uma cidade interroga, produz e responde perguntas, e se assim o é, é porque ela se expressa através das variadas composições e sentidos que seus habitantes conferem a seus espaços. Para Calvino (2008, p.14) “de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas”.

Mundos diferentes se esbarram no cotidiano de uma cidade. Certeau (2011, p. 160), ao se referir ao cotidiano da cidade, diz que a vida se remonta mais intensamente àquilo que seu projeto urbanístico exclui. Para o autor, *a linguagem do poder se urbaniza, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico* (CALVINO, 2008, p.60) Há muito mais em uma cidade do que se pode vigiar e controlar.

‘A cidade’ [...] oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas sobre uma sobre a outra. Neste lugar organizado por operações ‘especulativas’, e classificatórias, combinam gestão e eliminação. [...] De um lado, existem uma diferenciação e uma redistribuição das partes em função de cidade, graças a inversões, deslocamentos, acúmulos etc.; do outro lado, rejeita-se tudo aquilo que não é tratável e constitui, portanto, os detritos de uma administração funcionalista (anormalidade, desvio, doença, morte etc.) (CERTEAU, 2011, p. 160)

Contudo, Calvino (2008, p. 59) alerta que “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”. Deve-se considerar, entretanto, que existe uma ligação entre o discurso que se produz e a cidade discursada. Todo discurso cidadão realça

---

<sup>40</sup> "A multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e de um, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo enquanto tal, que não tem necessidade alguma da unidade para formar um sistema". (DELEUZE, 2009, p. 260)

detalhes, bastidores do cotidiano, relações e significâncias para seus habitantes, transeuntes e visitantes, gerando uma polifonia que atravessa o cotidiano em todos os sentidos. Todo discurso cidadão se articula às práticas empreendidas por seus habitantes cotidianamente.

Alguns aspectos das cidades são conhecidos por meio de relatos, outros por aproximações e experimentações, mas nenhuma cidade é passível de ser conhecida por inteiro. Exatamente por serem constituídas de fragmentos, transformações e constantes deslocamentos, estas se expandem mesmo no lugar onde está fixado seu território geográfico. Confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares (CALVINO, 2008, p 34).

### **3.2 De unidade-internação à cidade-internação**

A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente [...]. (CALVINO, 2008 p. 115)

Talvez, já se tenha falado muito da unidade de internação chamada UNIS. Sobre esta instituição muitos discursos são e foram tecidos, assim como, rotineiramente repetidos.

A unidade-internação pode ser narrada, a partir, das inúmeras vozes e memórias de seus trabalhadores, dos operadores de direito, dos meninos, dos familiares, da sociedade civil, etc. Nesse sentido, a unidade-internação se distancia e difere do sentido de Uno. Ela transborda necessariamente para a concepção de uma multiplicidade, ou de uma cidade de muitas vozes que podem emergir das (in)visibilidades e das relações, que são travadas nos pátios, a céu aberto, dentro e fora dos módulos, nas alas, nos blocos, nas salas-containers, nos alojamentos, nas salas-atendimento, nas salas-técnicas, nas salas-aulas, nas quadras, nos alojamentos improvisados, na enfermaria. Nestes espaços-

labirínticos, habitados de intensos silêncios sonoros, muitas falas, gritos agoniados e gestos de carinho, histórias podem ser contadas mesmo sem palavras.

A unidade de internação, a nosso ver, aproxima-se do conceito de cidade, não só pelo seu território geográfico, pelas semelhanças arquitetônicas e pelas organizações espaciais, mas também por sua intensidade e pela produção de subjetividades cotidianas nos *entres* de suas composições e multiplicidades.

A cidade-internação produz *nós*.

Ela interroga, questiona, provoca, como também registra cenas na memória de seus habitantes e transeuntes. Seria possível absorvê-la, contá-la e reinventá-la a cada olhar, a cada ângulo que se observe?

Na cidade-internação, todas as coisas têm sentidos. Tudo toca, tudo perpassa, tudo intervém, tudo reverbera e tudo produz movimentos. Até a sua poeira vive. Experimentamos o que Calvino (2008, p. 19) afirma: *uma cidade não se elimina da cabeça, é como uma armadura ou um retículo, em cujos espaços, cada um pode colocar as coisas que deseja recordar.*

Certo empoeirar, certo subjetivar...

A poeira vermelha de Cariacica é como poeira do sertão, bem avermelhada. Poeira forte que vira barro, que escorre pelos morros, tinge as ruas e tudo o que vê pela frente. Ah! poeira vermelha que por natureza não é nada discreta. Hoje em redemoinho, cheia de graça, te encontrei no pátio da Unidade de internação. E você mesma que racha os calcanhares calçados pelas rasteirinhas tão delicadas, é você que ardilosa se esconde debaixo das unhas à francesinha. Ah! Poeira vermelha que emana da queda de parte do prédio da UNIS. Você que num movimento aparentemente solitário foi captada pelo meu olhar atento que leu sua intenção. Poeira vermelha! Na atividade, te vejo à espreita, não pense que passa despercebida! Sinto sua textura, conheço

seu cheiro impregnado nas roupas, cabelos e corpos. Tentas me confundir embaçando-me os olhos, mas sei que é assim que foges em pequenos fragmentos e se transporta para além dos muros, para outras paisagens. Não precisas se esconder de mim, pois ainda que sua sina seja sufocar, sei que também necessita sair para respirar. Pretensiosa sai por aí sem alvará, não importa. Me leva danada, me leva para além muros, me leva por *entre* outras cidades, seus radares e sinais. Me põe na pista, me permita vaguear bem longe dos sons e sentidos que às vezes me sufocam, enjoam até as vísceras sem que ninguém sequer perceba. No secreto, assim como eu, você também sabe que nem tudo se pode ver ou revelar. Por isso você foge. Ah! poeira, nem você quer ficar na cidade-internação.<sup>41</sup>

O cheiro e a cor quente da poeira vermelha levantada pelo vento são como fios a tecer memórias da trama da cidade-internação. Fio a fio, fiava o processo de subjetivação. Toda cidade permite-se ser experienciada, sentida, vivida como espaço transitório, ponto de conexão, de trânsito, de nuances e possibilidades. Ela pode ser vista de fora ou de quase dentro, mas não se deixa capturar por um único modo de olhar ou de sentir. A cidade-internação se *organiza*, a partir, dos discursos e dos diversos espaços comuns visíveis e invisíveis.

Por detrás de seus muros com tamanhos e espessuras desiguais, a vida se move em turnos. No alto e em toda a sua extensão, rolos de arames retorcidos estão afixados para tentar dificultar a fuga de alguns de seus habitantes. Alguns, mais espertos, já escaparam pelo portão da frente.

Os muros da cidade-internação demarcam, mais do que limites físicos, espaços de subjetivação; povoam os pensamentos de seus habitantes e de sua vizinhança; determinam o espaço de trabalho para os habitantes-trabalhadores, estabelecendo um limite preciso entre o início e o fim de turno, que para os adolescentes-habitantes-internos, demarca o espaço-tempo de cumprimento da internação, que pode ser de meses ou anos. Esses muros funcionam ainda como espaço de expressão de muitos, já que através de desenhos, palavras e símbolos; expressam neles seus sonhos de

---

<sup>41</sup> Estas anotações foram feitas no Diário de Campo, quando se deu nossa transferência da Unidade Provisória – UNIP – para a Unidade de Internação Social – UNIS – em fevereiro de 2010.

liberdade. Para a vizinhança, o muro se constitui em “lugar de espetáculo” quando é cenário das rebeliões. Na maioria das vezes, este é o momento em que a indiferença se traduz em emoções contraditórias, de medo, de pena, de revolta e de aflição.

Na cidade-internação tato, olfato, paladar, visão, audição, sentidos estão presentes dando ritmo e pulsação à vida.

O contar sobre a cidade-internação é o contar de uma história de lutas e embates que traduzem continuidades e discontinuidades, brutezas e delicadezas cotidianas, ora veladas, ora expressas, que transitam nos *entres* do poderio, das resistências, das alianças, dos medos e das fugas de seus habitantes.

#### Paisagens cotidianas:

Para entrar na cidade-internação era necessário cruzar o velho portão azul que se mantinha sem tecnologia, fechado por um cadeado. Em tempos recentes, o pedido de abertura era feito ao agente socioeducativo, por uma janelinha. Uma cidade-internação que se pretendia segura pelo batalhão da polícia militar adaptado à sua entrada, no andar superior, ao lado do portão. Às sete da manhã, o encontro das vozes, a falação da troca do plantão, do turno dos corpos-trabalhadores e a entrada dos demais trabalhadores no portão central imprimiam o tom de como seria o dia na cidade-internação. O portão era lugar de trocas de informações e acontecimentos em meio ao barulho de chaves, portas de armários, detectores de metal, reclamações, risadas e cheiros. Na entrada e na saída, bolsas, acessórios e aparelhos celulares dos funcionários, por *medida de segurança*, eram retirados e guardados, ora nos armários do velho container, ora em uma sala apertada improvisada. O portão da unidade era o guardião de segredos, histórias dos plantões, encontros dos que saíam, dos que chegavam, dos que visitavam como também daqueles que por ali, dia após dias, deveriam ficar *internados*. Bem cedinho, na estradinha da entrada que dava acesso à sala da administração era comum encontrar meninos, que por motivos diversos haviam passado a noite em locais improvisados, carregando nos ombros colchões envoltos em lençol de elástico. A um olhar atento, o andar dos meninos revelava que eles carregavam mais que colchões e pertences em sacolas, carregavam suas casas-corpos, suas vidas, suas histórias misturadas à da Unidade. (DC, dezembro, 2010)

Sem aparentar, a cidade-internação guardava muitas entradas e muitas saídas, revelava contraste e especificidades. Uma cidade cheia de bifurcações, caminhos e descaminhos, sentidos, intensidades, afetos e desafetos, encontros e desencontros. Cidade tecida por processos coletivos e múltiplos, por comunicação e, às vezes, por ausência de comunicação. Uma cidade panóptica, onde a vida se banhava a céu aberto.

Onde o *habitar* era regido por determinações e prazos de permanência legais, tanto para os meninos-habitantes, como para os trabalhadores. Para os meninos, o tempo máximo de habitação na cidade é de três anos. Para os habitantes trabalhadores, a cidade lhes permite a permanência pelo período de seus contratos, sejam eles temporários ou efetivos. Uma cidade-atividade que não para de funcionar, que não dorme. Uma cidade-fluxo. Uma cidade-trânsito, para habitantes transitórios.

### **3.3. Configurações, histórias, modos de ver e de sentir os espaços na cidade-internação**

Na unidade de internação existiam oito espaços para alojamentos dos adolescentes, com características distintas, que eram denominados por alas, blocos, módulos e ainda por nomes de projetos. A nomenclatura *alas* era usada na antiga estrutura da Unidade e seguiam uma ordem alfabética (A, B, C, D, E). Elas eram dispostas no mesmo prédio que teve parte demolida, restando em funcionamento somente duas alas. Os blocos seguiam o modelo das construções da Unidade Provisória, eram de dois andares, sendo a parte inferior gradeada, destinada à atividade física e a superior aos alojamentos e a sala dos agentes socioeducativos. Os módulos foram construídos em espaço fechado, com portões de acesso, com quantidade maior de alojamentos, quadra de esportes independente das demais áreas e pátio interno de circulação.

Alguns espaços possuíam quatro, outros, sete alojamentos com capacidade de quatro adolescentes por alojamento. Contudo, o número de adolescente por alojamento variava, de acordo com a política de *afinidades* e *proteção* entre os grupos que se formavam, não havendo interferência por parte da instituição. Assim, os espaços eram formados por *parceiros*, grupos que se *fortaleciam*, como eles costumavam dizer.

Geralmente, a entrada dos adolescentes nos diversos espaços da Unidade se dava após entrevista com a equipe de referência de cada espaço, onde era averiguada a existência de *conflitos de rua* entre os adolescentes recém-chegados e os adolescentes já alojados no espaço. Cada espaço era atendido e acompanhado por uma equipe técnica multidisciplinar composta por: um psicólogo, um assistente social, um pedagogo e um assessor jurídico, que acompanhava as fases e trâmites processuais.

### ***Os Blocos A e B***

*Eu estive uma vez na ala A e depois na B. Foi muito difícil ficar lá, eu tinha que dormir com olho aberto e o outro fechado. Quase não conversava, ficava na minha, sabe? O ambiente lá era sem alegria, sem brincadeira, era triste. Tudo muito velho e abandonado. O cheiro de xixi misturado aos restos de comida dava para sentir de fora das alas.<sup>42</sup>*

Os blocos **A e B** compunham a antiga estrutura do prédio da Unidade de internação e permaneceram ativas até meados de 2011, período em que foram demolidas. Essas alas, historicamente, foram palco de violências praticadas na Unidade, além de não disporem de estrutura física para comportar ou alojar os adolescentes.

### ***O Bloco C***

*A gente do bloco C é tratado como um zero à esquerda na Unidade. Eles juntaram todas as coisas ruins da Unidade e colocaram no mesmo bloco e aí criaram o bloco C. Lá só tem peça rara, moleques encapetados. Eu sei que eu não sou insignificante. Eu pago de insignificante para sobreviver não só lá, como na Unidade inteira<sup>43</sup>.*

A nomenclatura **bloco C** foi criada no final do ano de 2010, seguindo a lógica alfabética das alas. A estrutura do bloco já existia e estava desocupada. *Coincidentemente*, sua reocupação ocorreu no período em que aconteceria a visita de

---

<sup>42</sup> Narrativa de adolescente outubro de 2010.

<sup>43</sup> Narrativa de adolescente (novembro de 2010).



inspeção do Conselho Nacional de Justiça à Unidade. Nele, foram alojados adolescentes, em sua maioria, que estavam nos *espaços alternativos* por diversos motivos<sup>44</sup>, e não *podiam* entrar em nenhum dos outros espaços existentes na unidade.

### ***O Espaço Resignificar***

*O Resignificar não parece que é UNIS, não. Todo mundo se respeita lá. A gente lá do bloco não é igual aos outros meninos da UNIS. A gente lá resolve as coisas na conversa. A gente conquistou a confiança da direção da Unidade. A gente pode sair para apresentar nosso trabalho do grupo de percussão, de teatro. No Resignificar, a gente tem muitas oportunidades, só tem que se comportar e saber aproveitar<sup>45</sup>.*

O ***Resignificar*** funcionava na estrutura de bloco. Conforme consta em documento oficial<sup>46</sup>, ele resultou *de uma experiência de uma oficina de cultura, realizada em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura nas Unidades de atendimento e de posterior diálogo entre o IASES e a Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória (ELPV)*. Nesse espaço, eram alojados os adolescentes que se comportavam de acordo com os padrões esperados pela instituição. A identificação desses adolescentes se processava em função da avaliação dos técnicos de referência de cada Unidade e contemplava somente 20 internos. Os adolescentes desse espaço tinham alto índice de participação e envolvimento nas atividades propostas pela instituição e autorização judicial para participarem de eventos fora da unidade, como apresentação de peças de teatro e músicas do grupo de percussão, que compunham.

---

<sup>44</sup> Brigas, agressões físicas e verbais dentro dos espaços e dos alojamentos, medo de supostas agressões, ameaças entre adolescentes de grupos que se diziam *rivals*, adolescentes reincidentes com dificuldade de relacionamento, adolescentes considerados *liderança negativa*, brigas simuladas entre adolescentes como estratégia para ficar em espaço aberto e fazer circular informações e depois retornar ao espaço, dentre outras, eram consideradas motivações e geravam a permanência de adolescentes em espaços alternativos como pátio, quadras, *containers*, parte inferior de blocos etc. por períodos curtos ou longos. Como nem sempre se podia avaliar com certeza os reais riscos, a intervenção imediata era a retirada do grupo onde havia o suposto risco.

<sup>45</sup> Narrativa de adolescente (novembro de 2010)

<sup>46</sup> Fonte: Um novo modelo de atenção ao adolescente em conflito com a lei (2010 p. 73)

## **O Bloco Vivência**

*Esse tal de bloco Vivência, ele foi feito para quem? Ele é igual ao Resignificar? Como a gente faz para ir para lá. Teve um cara que apanhou aqui e foi pra lá<sup>47</sup>?*

O **Vivência** também foi criado no final de 2010, para funcionar na estrutura de bloco e com proposta similar a do Resignificar. À época da pesquisa, o bloco estava em fase inicial de implantação, mas algumas transferências de adolescentes para o espaço já apontava para a lógica de ocupação de forma indiscriminada e com pouco critério que sustentasse o que havia sido pensado para o Vivência como espaço diferenciado.

## **Os Módulos Despertar I, II e III**

*Eu nunca entendi porque os blocos têm nome de Despertar I, II e III. Engraçado! Despertar pra quê? A gente mal consegue dormir aqui. Cada Despertar tem um jeito, uma cara. Os meninos do Despertar II fecham<sup>48</sup> com os meninos do I e não gostam dos meninos do Despertar III<sup>49</sup>.*

Os **módulos Despertar I, II e III** surgiram como um projeto para acompanhar o adolescente na progressão do cumprimento de sua medida socioeducativa de forma gradual. Esses módulos foram construídos no início de 2010 e a metodologia de atendimento proposta para a implantação nos mesmos, não chegou a ser efetivada<sup>50</sup>. O que ocorreu, de fato, é que, seguindo certa lógica da instituição, esses espaços, foram ocupados sem critérios para o alojamento desses adolescentes. Com exceção do módulo

---

<sup>47</sup> Narrativa de adolescente (outubro de 2010)

<sup>48</sup> Expressão usada para dizer que não entram em conflito e podem fazer *ações* em conjunto.

<sup>49</sup> Narrativa de adolescente (dezembro de 2010)

<sup>50</sup> Os módulos Despertar I, II e III foram construídos no lugar onde havia sido demolido parte da antiga estrutura da Unidade. Durante o período da construção os adolescentes foram alojados de forma improvisada. Com a inauguração, os espaços foram ocupados de forma desordenada e o projeto para que eles funcionassem como espaços de progressão, em relação à medida socioeducativa, ou seja, o adolescente passaria de forma gradativa pelos módulos I, II e III cumprindo as etapas propostas para cada um. Porém, assim como outras iniciativas na Unidade o projeto não vingou. Na Unidade, comumente os espaços eram ocupados alheios aos projetos pensados para eles.

Despertar II, que por sua vez, alojava em sua maioria, adolescentes provenientes de diversos municípios do interior do estado do Espírito Santo.

### ***Os Espaços Alternativos***

*Fora do módulo, a gente fica mais livre, pode ver a pista e distrair a mente e não precisa usar uniforme. No pátio, a gente tem acesso a muitas coisas que não tem dentro dos módulos. A gente vê a correria acontecendo, vê quem entra e quem sai<sup>51</sup>.*

Os ***espaços alternativos*** foram se constituindo como resposta à necessidade constante de remanejamento, retirada de adolescentes dos espaços reconhecidos como oficiais, diante de situações de risco iminente à integridade física e, na ausência de estrutura física, alojava-os no pátio, nas quadras dos módulos, durante o dia; e à noite, após o fechamento dos módulos, os adolescentes que se encontravam nesses ditos espaços alternativos, eram alojados nas partes inferiores desses módulos, sem contato com os demais. A condição de internação desses adolescentes era chamada de “satélite” ou “flutuante”. Nos espaços alternativos, diferentemente dos módulos, os adolescentes não usavam uniformes e, de alguma forma, tinham maior acesso aos profissionais, aos outros adolescentes, bem como às informações que circulavam na Unidade.

### **3.4. Disciplina, controle e vigilância rondam a cidade-internação**

“Todo mundo quer um pouco poder e controle a mais<sup>52</sup>”.

Após ter ficado *trancado* no alojamento do módulo por quatro dias, o adolescente chegou ao encontro cansado e abatido. A motivação para o procedimento da

---

<sup>51</sup> Narrativa de adolescente (dezembro, 2010)

<sup>52</sup> Narrativa de adolescente (dezembro, 2010)

*tranca*<sup>53</sup>, segundo ele, foi a ameaça de agressões deflagrada entre os trinta adolescentes do módulo, a queima de colchões e os ferros encontrados na vistoria da equipe de contenção no módulo.

Enquanto contava a história, o adolescente produzia questões quanto a utilização da tranca:

“Não acho que ficar trancado dentro do alojamento sem sair, conversar, se distrair, mesmo depois de uma confusão, eduque, resolva ou ensine alguma coisa para a gente aqui. Os caras<sup>54</sup> acham que trancando a gente eles têm o poder e o controle sobre a gente. E a gente acha que tem o poder de se rebelar e tomar o controle de volta”.

A quem pertence o poder, o controle e a vigilância? Eles pertencem a alguém?

“(…) o poder é coextensivo ao corpo social (….) as relações de poder são intrincadas em outros tipos de relação (de produção, de aliança, de família, de sexualidade) em que desempenham um papel ao mesmo tempo condicionante e condicionado; (….) não obedecem à forma única de interdição e do castigo, mas que são formas múltiplas; (….) seu entrecruzamento delinea fatos gerais de dominação, que esta dominação se organiza mais ou menos coerente e unitária; que os procedimentos dispersados, heteromorfos e locais de poder são reajustados, reforçados, transformados por essas estratégias globais, e tudo isso com numerosos fenômenos de inércia, de intervalos, de resistências; que não se deve, portanto, pensar um fato primeiro e maciço de dominação (….) mas antes, uma produção multiforme de relações (….)” (FOUCAULT, 2010, p. 249).

Poder, controle e vigilância não ocupam lugares demarcados. Eles circulam formando uma rede interligada com variações de tensionamentos. Ora a rede está mais tensionada aqui, ora acolá. O poder, o controle e a vigilância são forças em movimento.

---

<sup>53</sup> A *tranca* era uma prática cotidiana da UNIS. A cada movimento ou possibilidade de oposição às regras, às normatizações os adolescentes ficavam, até segunda ordem, em *procedimento*, trancados em seus alojamentos de onde só saíam para atendimento médico, em máxima necessidade. Durante tal procedimento, a equipe técnica não tinha acesso aos adolescentes. O atendimento só retornava após liberação da *tranca*, pelo responsável pela segurança da Unidade. Se alguma agressão física houvesse ocorrido neste período ou anteriormente a ele, a equipe só saberia dias depois. A *tranca*, em certas, ocasiões poderia ser entendida como uma forma estratégica de ocultar possibilidades de tornar visíveis agressões e/ou relatos sobre os fatos ocorridos.

<sup>54</sup> *Os cara*, neste contexto, são os agentes socioeducativos da UNIS que atuavam na equipe de contenção.

E não é diferente no contexto de uma unidade socioeducativa. Os mecanismos do poder permeiam as ações e os discursos de todos.

Em meio a programas, projetos e leis, a vida insiste. Há sempre saídas, desvios, rotas de fugas que se apresentam como alternativas de deslize, de escape, diante do controle meramente normatizador de modos de vidas. Fendas se abrem no limiar da cidade-internação e deixam ver que por ali circulam estratégias e táticas<sup>55</sup> de saber-poder.

*Alguém controla a gente, mas a gente sempre encontra caminhos pra fugir do controle*<sup>56</sup>.

Certeau (2011), considera que, no cotidiano, muitas práticas se caracterizam como táticas, que expõem astúcias comuns e produzem invenções. Essas práticas, em geral, asseguram outras maneiras de se jogar com as ocasiões e extrair delas proveito. O que dizer sobre as diversas montagens possíveis dentro da cidade-internação, em relação aos modos múltiplos e conectivos que se agenciam todo o tempo naquele espaço-campo? Em seu cotidiano, não estariam em questão usos táticos e ordinariamente astutos, que insistem em escapar, já que por lá, a vida produz modos diferentes dos esperados pelas insistentes práticas normatizadoras?

---

<sup>55</sup> Certeau (2001, p 43) ao distinguir estratégia da tática diz que a estratégia é o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um 'ambiente'. Tal distinção trazida por Certeau (*op. cit.*) apresenta-se como um esquema inicial mais adequado. O autor chama de estratégia "o cálculo (manipulações) das relações de forças que se torna possível, a partir, do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolada". A estratégia, segundo o autor, postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. Já a tática é definida como sendo um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. Segundo Certeau (*op. cit.*), a tática "só tem por lugar o do outro. A tática se faz, aproveita e depende das ocasiões. Ela aproveita os instantes, as possibilidades que foram oferecidas nestes espaços curtos de tempo. A tática precisa jogar com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões. Ou em momentos oportunos dos quais pode combinar elementos heterogêneos e extrair proveito. "A tática tem que utilizar vigilante das falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário."

<sup>56</sup> Narrativa de adolescente (dezembro, 2010)

### 3.5. Simpatias, arranjos e trocas cotidianas

*Sempre rola uma simpatia, mas ninguém aqui é simpático à toa.*<sup>57</sup>

Simpatias, arranjos e trocas funcionavam de forma interligada a certo regime de regras na cidade-internação. Foucault (2011, p. 25) nos diz que, em si mesmas, as regras são vazias. Elas “[...] são feitas para servir a isto ou àquilo; elas podem ser burladas ao sabor da vontade de uns ou de outros [...]”.

As regras permeavam todas as relações cotidianas. Elas coexistem com o modo de funcionamento da instituição e fazem funcionar a engrenagem do lugar.

*Aqui as regras são simples: ninguém fala mais alto que o outro; não pode assoviar, porque a gente entende que está delatando alguém ou alguma situação; não pode olhar a visita do outro; não pode ficar sem camisa, nem se masturbar no dia depois do dia da visita dos familiares, pois pode parecer que desejou a mãe ou mulher do preso; não pode desrespeitar a família do outro, como, por exemplo, xingar; não pode entrar no bloco estuprador nem ladrão de trabalhador. E muito difícil viver sem regras, num espaço com pessoas estranhas que não têm limite e que não respeitam regras*<sup>58</sup>.

No contexto da cidade-internação, por simpatia, pode-se entender certas posturas, tratamentos, atendimentos, falas consideradas diferenciadas praticadas nas diversas relações que se dão em seus espaços. Os adolescentes só permitiam *simpatias* voltadas para o grupo ao qual pertenciam. *Simpatias* por profissionais, de forma individualizada, não eram vistas com bons olhos pelos adolescentes. Elas eram entendidas pelos adolescentes como troca de alguma coisa que poderia ser, por exemplo, informações, acordos e conversas do grupo.

*A gente tava querendo ir para a quadra jogar bola, mesmo sabendo que naquele dia não era dia de quadra para nosso módulo. Então, a gente pediu*

---

<sup>57</sup> Narrativa de adolescente (novembro, 2010)

<sup>58</sup> Narrativa de adolescente (dezembro de 2010)

*ao Coordenador que ele liberasse a quadra para a gente e ele conseguiu. Este tipo de simpatia é para o grupo, então pode. Agora atendimento especial para um, não pode. O técnico conseguir para o cara ficar telefonando para a família todo dia, isto é simpatia só para um, aí não pode.*

Por *arranjos* podem-se entender formas de solucionar situações de maneira diferenciada do prescrito pela instituição. Os arranjos geralmente estavam relacionados a certos acordos mútuos e trocas diversas como, por exemplo, bom comportamento, não tumultuar o plantão daquele profissional que havia solucionado determinada situação, etc.

Por *trocas*, no sentido mais amplo, podem-se entender as facilidades, as conveniências, o acesso às informações, a entrada de alguns benefícios como cigarros, roupas, celulares, drogas, sigilos, etc. Na cidade-internação tudo era passível de ser trocado: comidas, doces, biscoitos, papel de carta, cigarros, roupas, bonés etc.

Nem só de disciplina, controle e vigilância a cidade-internação se faz...

### **3.6. Outras cenas e paisagens na cidade-internação**

“[...] ha milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de força de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo.”  
(Foucault, 2010, p. 231)

A cidade-internação apresenta-se também como sendo um lugar de *pequenos enfrentamentos, de microlutas*, que de algum modo permitem torções e produções de novas relações frente ao que comumente está ordenado. É possível exemplificar alguns:

#### **As cartas diversas**

Elas chegavam geralmente nos dias de visitas. Seguindo *a lógica de segurança* da instituição, as cartas precisavam ser lidas, assinadas, ter *partes censuradas*, cobertas

por tinta de caneta, podendo ser ou não autorizadas, pelos técnicos de plantão, a serem entregues aos meninos. Mesmo controladas, elas traziam em suas mensagens fragmentos da vida fora dos muros. Falavam de saudades, tristezas, alegrias e esperas de mães, pais, avós, filhos, primos, amigos, namoradas, etc.

O sistema, tão vigilante, somente se debruçava sobre o conteúdo das cartas que entravam. As que saíam pelas mãos dos familiares voavam sem controle, levando as histórias contadas pelos adolescentes ruas afora da cidade-internação. É perceptível que para os meninos e meninas que as enviavam, as cartas se caracterizavam como uma insistência e aposta na vida, dentro e fora da instituição.

As cartas traziam alentos, esperanças. Mal a visita encerrava e os meninos já estavam pedindo aos agentes que buscassem suas cartas com os técnicos. Nenhuma delas podia ser extraviada, esquecida. A carta era sinônimo de presença, de lembrança e de pertencimento a outro lugar. Uma vez por semana ela vinha e fazia isso acontecer.

### *As cartas de amor, de azaração*

As cartas de amor circulavam entres as cidades-internação dos meninos e das meninas que ficavam a poucos metros uma da outra. As cartas eram trazidas pelos técnicos, pombos correios, que atendiam as meninas e os meninos. Elas eram muito perfumadas, continham desenhos e, geralmente, vinham dentro de caixinhas com sabonetes produzidos pelas adolescentes da unidade feminina como uma forma de presente.

O “correio do amor” fazia circular mais que palavras rabiscadas em pedaços de papéis perfumados, fazia sonhar. Garantia movimentos de vida, de beijos e abraços imaginários, mesmo sem toques.

Como profissionais da Unidade, muitas vezes, ficamos impressionadas com a leitura das cartas. Rimos sozinhas e nos emocionamos com certas singelezas, assim como nos assustamos com os recados que não poderíamos *deixar passar*. Porém, o



melhor das cartas-poemas, cartas-vidas não era o que elas de fato continham, mas o que significavam. Importava mesmo era o que elas faziam mover: a vida.

### ***As brincadeiras de sabão***

Nos dias quentes, em alguns blocos, os adolescentes costumavam jogar sabão em pó e detergente no chão, colocavam bastante água e pronto, a diversão estava garantida. Os corpos ensaboados, sem se importar com o ressecamento da pele causado pelo sabão, escorregavam no chão da parte interna dos módulos, projetada para entrada de sol, protegida apenas por grades. Esta era uma prática usada pelos adolescentes para refrescar os corpos, que transformava o espaço de aprisionamento em espaço de risos e descontração. Um espaço para se garantir o *brincar* na cidade-internação.

### **Os namoros à distância e à sombra da jaqueira**

Outro movimento de contato observado na cidade-internação dizia respeito aos gestos e montagem de cenas entre internas da Unidade Feminina e os meninos do IASES. Em certos dias da semana, as meninas ficavam na quadra ouvindo música, conversando e mantendo contato visual e gestual com os meninos da cidade-internação.

Do lado de cá, debaixo da jaqueira, os meninos repetiam seus gestos, movimentos e gritos. Alguns demonstravam excitação, contorciam-se, revelando, ainda que discretamente, certo caráter sexual das cenas.

### **As músicas**

Os blocos, as alas e os espaços abertos, como a quadra, eram locais de muitos sons e ritmos variados. Em alguns dias, podiam ser ouvidos os ensaios do grupo de percussão que existia na Unidade. Em outros momentos, os ritmos do funk se

misturavam ao gospel. Sempre havia um ritmo tocando. O som da música era constante na cidade-internação.

### **Os filmes e vídeo games**

Na instituição, existiam aparelhos de televisão e de DVD e muitos filmes *pirateados*, trazidos pelos familiares. Cabia ao técnico de plantão, ao final da visita, fazer a *inspeção* do conteúdo, pois, como regra, os filmes com conteúdo pornográfico e com violência não eram autorizados a serem entregues para os adolescentes. Apesar desse controle, ambos os tipos de filme sempre se faziam presentes e existiam em quantidades dentro dos espaços. Alguns eram editados com desenhos animados ou clipes de shows - tanto no início e como no final - e em seu meio havia o conteúdo esperado pelo adolescente, como as fotos de mulheres nuas.

Em alguns blocos, os adolescentes utilizavam vídeos games e passaram horas jogando na parte inferior do bloco. Os adolescentes compartilhavam jogos e se divertiam. Os aparelhos eram levados pelos familiares e autorizados a entrar pela direção da cidade-internação.

### **As ginásticas**

No pátio da cidade-internação, os adolescentes improvisavam barras de ferros, no alto de portas da casa que ficava na antiga fábrica de blocos, para se exercitarem. Este também era um local que dava visibilidade à quadra da unidade feminina, e dessa forma, os adolescentes, muitas vezes, priorizavam jogos corporais de conquista e de sedução com as meninas.

A quadra era um local de entretenimento, descontração e atividade física. Seu uso se fazia por turno. Os internos de cada espaço tinham horário determinado para frequentar a quadra, como forma de garantir a integridade física e a segurança dos adolescentes. Na quadra, aconteciam jogos de futebol entre os adolescentes, com participação de um ou de outro agente, de vez em quando. Esses jogos deixavam de

acontecer quando o espaço estava ocupado para alojamento temporário de meninos. Na quadra da cidade-internação, a gritaria e a emoção dos meninos reverberava. Fazia pulsar a vida na Unidade.

### **As festas de aniversários nos *containers***

Na semana do aniversário de alguns adolescentes, suas famílias se empenhavam em levar um bolo, salgadinhos e refrigerantes, vela, copinho, guardanapos, etc, para não deixarem passar *em branco* a comemoração. A equipe de referência se responsabilizava por providenciar espaço e garantir autorização na portaria com o nome das pessoas que viriam à visita.

Como procedimento de segurança, alimentos e bebidas eram verificados. O bolo, nessas ocasiões, era necessariamente recortado em pedaços. Porém, tais procedimentos não faziam muita diferença quando o agente era delicado nos cortes e respeitava o momento. Em geral, as festas se faziam nos *containers*, que ficavam no pátio, à entrada da unidade feminina, como também na sala de atendimento, em companhia do técnico de referência. Ao final, o adolescente levava o que sobrava para os colegas, dentro do módulo. Quando a família não fazia este movimento, era autorizado levar uma caixa de bombom no dia da visita, como também realizar visita no dia do aniversário o que não deixava de ser uma festa. Assim, as festas seguiam *acontecendo* na cidade- internação.

### **As dobraduras de papel e artesanatos**

Nos espaços pedagógicos ou na transferência de saber de um para o outro, os meninos aprendiam a confeccionar pulseiras com miçangas, caixas de madeira, como também cisnes, patos, jarros feitos de dobraduras de papel, etc. Esses trabalhos eram ofertados pelos adolescentes como presentes para os familiares e para alguns profissionais da Unidade.

Nas visitas de fim de semana, os familiares traziam os papéis coloridos que eram autorizados pela equipe técnica a entrar nos espaços. Geralmente, a dobradura era feita

por mais de um adolescente, funcionava como um modo de relaxar e ocupar o tempo. Entretanto, a montagem final do objeto, a partir das peças dobradas era feita somente por aquele a quem pertencia o papel. A dobradura do papel fazia circular entre os meninos outros momentos nestes espaços.

### **Os pães no ônibus**

O cheiro de pão percorria a cidade-internação durante o curso de panificação que acontecia dentro do ônibus/escola, que ficava no pátio da unidade. Os adolescentes inscritos, que participavam divertiam-se com as toucas na cabeça, gritando e acenando pelas janelas. Alguns deles, muitas vezes, se dirigiam ao *containers*, onde funcionava a sala da equipe técnica, levando orgulhosos os pães e bolinhos para que experimentássemos. Eles insistiam, orgulhosos em mostrar seu trabalho.

Cenas como essas, no cotidiano, aparentemente *menores e insignificantes*, conferiam tons suaves e de gentilezas à vida na cidade-internação e nos apontavam para as inúmeras histórias, que nem sempre se fazem ver e nem sempre são contadas nas conversas do dia a dia. Em algumas delas, as amarras forjavam enredos tristes; já em outras, fios de esperanças. Contudo, em todas elas a vida pulsava intensamente.

Assim, da contação das histórias nasceram os contos-narrativas. Neles o que está colocado é uma maneira de contar, de compor, com os adolescentes, os fragmentos de suas histórias atravessadas por suas vivências. Os contos-narrativas apresentados são uma forma-organização das vozes produzidas no encontro que pretendia a valorização da vida dos entrevistados.

Uma possibilidade de perceber que as vidas e as histórias contadas têm rostos, cheiros e expressões e que, ao serem narradas a outrem, tornam-se visíveis. Pois, como nos fala Benjamim (2011, p. 213) “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”.

Os contos-narrativas se caracterizam como interferências no modo de contar, e foram construídos, a partir dos *entres*, das fissuras e do próprio processo da relação pesquisadora-participantes da pesquisa.

## 4. CONTOS-NARRATIVAS: VIDAS CONTADAS E HISTÓRIAS VIVIDAS

### *Interferências*

Tenho palavras em mim buscando canal, são roucas e duras, irritadas, enérgicas, comprimidas há tanto tempo, perderam o sentido, apenas querem explodir. [...] mas ainda é tempo de viver e contar. Certas histórias não se perderam. (ANDRADE, 2010 p 152-153)

Por que contar histórias? Como contar as histórias que nos são confiadas?

Como registrar as interferências e as inúmeras sensações vivenciadas no encontro com os adolescentes como, por exemplo, o voo do passarinho durante a entrevista, sua queda sobre os livros na prateleira e a alegria do menino correndo para socorrê-lo? A lágrima do adolescente quando viu seus óculos de grau, doado por alguns funcionários, ser quebrado a chutes durante uma intervenção de contenção no seu módulo, que até então não havia sido invadido. A alegria diante de uma mera bala oferecida por nós. O brilho nos olhos durante a leitura que fizemos de uma poesia. A voz trêmula e desconcertante ao falar da violência psicológica dos dias de isolamento vivido no alojamento. Os risos. As angústias. As lágrimas. O olhar perdido. Os gestos da mão diante de uma reflexão difícil. O silêncio cortante da desesperança quanto ao futuro. A dor do menino ao saber que não seria liberado pelo Juiz. As brincadeiras de se esconder atrás da porta e mandar recados pelo agente socioeducativo, fingindo que não viria ao encontro, só para ver nossa reação. A pulseira de artesanato que nos foi presenteada. As poesias e letras de músicas escritas em nosso caderno de campo registradas longe do rigor da linguagem científica. As trocas de olhares e o tudo mais que nos foi confiado. Em qual momento da escrita estas miudezas aparecerão?

Bosi (1987, p. 49), nos instiga dizendo que aquele que registra sofre intensamente os dados das narrativas, pois ele conta aquilo que extrai da experiência.

O poeta Manoel de Barros (2010, p. 54) nos convoca a inventividade ao propor: *Quem não tem ferramentas de pensar, inventa.*

Ao falar sobre contos, Mia Couto (2005) diz que não existem fórmulas feitas para imaginar e escrever um conto. A escrita não é uma técnica, ela exige poesia, pondera o autor; ela deve funcionar como uma janela que se abre e permite entrear outro olhar sobre as coisas e as criaturas. Em suas palavras, Mia Couto (op. cit.) diz que o seu segredo, que vale só para ele, é deixar-se maravilhar pelas histórias que escuta e pelos personagens com quem ele cruza como também deixar-se invadir por pequenos detalhes da via cotidiana.

Para Mia Couto:

“[...] o conto é feito com pinceladas. É um quadro sem moldura, o início inacabado de uma história que nunca termina. O conto não segue vidas inteiras. É uma iluminação súbita sobre essas vidas. Um instante, um relâmpago. O mais importante não é o que revela, mas o que sugere, fazendo nascer a curiosidade cúmplice de quem lê. No conto o que vale não é tanto o enredo, mas o surpreender em flagrante a alma humana. [...] a forma como ele nos comove [...] o que interessa para o conto é o conflito interior das pessoas, o pequeno detalhe de quem se surpreende e se descobre um outro. [...] Portanto, o único conselho é este: escutar. Tornarmo-nos atentos a vozes que fomos encorajados a deixar de ouvir. Tornemos essas vozes visíveis” (MIA COUTO, 2005, p. 46-48).

A natureza dos contos-narrativas coexiste com as vidas contadas e histórias vividas, como a proposição de Mia Couto (op. cit.), pois propomos que os contos-narrativas funcionem como uma pequena fenda aberta na escrita, para que o leitor sintasse encorajado a olhar por entre elas e ver, ainda que de forma fragmentada, as vidas dos adolescentes por detrás da parede dura do ato infracional em si.

Não há uma sequência lógica na escolha dos contos, porém eles se aproximam nas construções das temáticas das histórias de vidas, o que nos impõe a necessidade de

salientar ao leitor que não nos preocupamos com a veracidade dos relatos dos meninos. Nosso interesse, como diz Bosi (1987, p. 02), é na densidade do mundo oral que os perpassa, na reciprocidade e no intercâmbio dos lugares do sujeito e do objeto, pois para a autora “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa”.

Contar histórias, reverberar vozes é também uma tentativa de torção e tensionamento no fluxo do pensamento social, recorrente em relação ao adolescente em conflito com a lei onde se lê: adolescente institucionalizado é bandido, marginal, perigoso e delinquente. Propomos como diz Machado (2010, p. 54) pesquisar em meio ao tempo de espera. [...] “O tempo de espera é tempo de batalhas. Multiplicidades envolvem cada combate” [...].

Os contos-narrativas fio a fio revelaram multiplicidades, modos de existir, sentir e habitar a cidade-internação. *“Ai fio, a história é minha e só eu posso contá-la. Eu nem sempre tenho do que me orgulhar de minha história, mas quem sabe um dia eu me orgulhe”*.

\*\*\*

*Conto-narrativa*

#### **4.1. O caminhante e os rastros de pedras**

“Quando voce foi embora fez-se noite em meu viver. Forte eu sou mas não tem jeito, hoje eu tenho que chorar. Minha casa não é minha, e nem é meu este lugar. Estou só e não resisto, muito tenho prá falar. Solto a voz nas estradas, já não quero parar meu caminho é de pedras, como posso sonhar. Sonho feito de brisa, vento vem terminar vou fechar



o meu canto, vou querer me matar. Vou seguindo pela vida me esquecendo de voce. Eu não quero mais a morte, tenho muito que viver. Vou querer amar de novo e se não der não vou sofrer. Já não sonho, hoje faço com meu braço o meu viver. Solto a voz nas estradas, já não quero parar. Meu caminho é de pedras, como posso sonhar. Sonho feito de brisa, vento vem terminar. Vou fechar o meu canto, vou querer me matar”. (TRAVESSIA – Musica de Milton Nascimento)

Essa história é tecida no chão com passos que moldam e forjam os lugares e travessias por onde os pés do caminhante<sup>59</sup> passaram. Caminhadas por lugares ora permitidos, ora proibidos, cujo ato de andar foi delineando, produzindo deslocamentos e atualizações nas condições destes lugares, transformando em outra coisa, cada significante dos espaços frequentados.

Foi assim, em meio ao sol escaldante de verão e ao vento vermelho da poeira no pátio, que avistamos pela primeira o caminhante de porte elegante e traços fortes vindo em nossa direção. O calção azul e a camiseta branca<sup>60</sup>, que vestia, cintilavam à luz do sol e marcavam o estilo, nada singular, do uniforme obrigatório aos meninos da Internação.

Menino-homem que, no auge dos seus 19 anos, se espremia para caber na vestimenta pequena, que revelava não somente sua condição de interno, como também os contornos de seu corpo talhado em músculos. Chamava nossa atenção o tamanho das sandálias, provavelmente emprestadas, que tentavam, em vão, proteger seus pés das brutesas vermelhas da poeira do chão da cidade-internação.

O modo de andar, parar e ajustar dos dedos nas alças das sandálias produzia passadas arrastadas e pesadas, assim como as palavras desesperançasas, vindas do

---

<sup>59</sup> [...] “O caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E, se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades pela ordem construída (vai somente por aqui e não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos e desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios)[...] CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011 (p.165).

<sup>60</sup> Na Unidade de Internação os adolescentes usam uniformes (calção azul, camiseta branca e sandália de borracha azul).

timbre grave de sua voz. Pés grandes que outrora pequenos, viviam na intimidade do chão, das pedras, dos pedregulhos e dos troncos das árvores, onde subia praticando os espaços e as experiências deliciosas da infância por onde passavam. Pés caminhanteres que, agora crescidos e largos, se tornaram exímios e hábeis na arte de correr da polícia pelas vielas e becos da cidade do interior onde morava e adjacências, pois não havia rota de fuga que seus pés não conhecessem e muros de casas tão altos que não conseguissem pular para se esconder, subir para espiar ou quem sabe para praticar alguns furtos.

\*\*\*

Caçula de três irmãos, o menino-caminhanter vivia seus dias em tranquilidade ao lado dos pais e dos dois irmãos, até os oito anos de idade. O pai era homem de pouca conversa e um artista da construção civil, pois por lá fazia de um tudo; a mãe era mulher dedicada à casa e vivia preocupada com as artimanhas sedutoras do bairro Zumbi dos Palmares<sup>61</sup>, na cidade de Cachoeiro do Itapemirim<sup>62</sup>, onde o menino havia vindo ao mundo e morara com a família; o irmão e a irmã mais velha tinham mais liberdade, estudavam e não viviam na tutela constante da mãe.

“A mãe vivia receosa que vida do crime me pegasse, então me trazia, a maior parte do tempo, grudado nela dentro de casa. Sair de casa, só se fosse para ir à escola ou à casa da “vó”, que morava perto de nossa casa”. Porém, essa vida caseira, de pouco contato com o cotidiano era enfadonha para o menino curioso que se deliciava, quando podia ficar na casa da avó.

“Lá, sim, eu podia brincar”. Era no quintal grande da avó materna, que o enchia de carinho e atenção, que ele se sentia *bicho-solto*. “Lembrar da “vó” é trazer de volta, na mente, o cheirinho de bolinho de chuva que ela fazia para mim”. A ternura de suas lembranças escorria pela boca durante o contar de suas peraltices de menino flamenguista<sup>63</sup> de coração que gostava de jogar bola, inventar brincadeiras e ficar

---

<sup>61</sup> O bairro Zumbi dos Palmares fica localizado na cidade de Cachoeiro do Itapemirim e é considerado como sendo um bairro de alto índice de homicídios e tráfico de drogas.

<sup>62</sup> Cidade localizada no sul do Estado do Espírito Santo, onde está o bairro Zumbi dos Palmares.

<sup>63</sup> Designação dada ao torcedor do time de futebol Flamengo

dependurado nos galhos, no alto da mangueira do quintal da avó por horas a fio se lambuzando com as mangas que conseguia catar para chupar como se o relógio não tivesse ponteiros para marcar o tempo-de-menino.

De lá, podia brincar de ver a vida pulsante da rotina de seu bairro passar diante dos olhos e, somente o grito da avó era capaz de lembrá-lo de almoçar ou do banho para ir à igreja. O menino, que identificaremos como sendo Milton, era gentil com as palavras, procurava pronunciá-las corretamente e não negava a importância do estudo e da educação na vida de uma pessoa, porém como se considerava apressado para a vida e irrequieto demais e não conseguira ficar sentado no banco da escola além do 4º ano do ensino fundamental. “Bastava ter aprendido a ler e a escrever”, dizia ele.

\*\*\*

O vento chamado tempo, que outrora soprava mansinho, agora se colocava impetuoso, constituindo chão afora, outras paisagens. Tempo de separação para o menino de nove anos de idade que sentiu a zanga do pai com a mãe. Zanga tamanha que levou o pai para longe de casa e da vida da família. Partida triste que deixou para trás não só a mãe, Milton e seus dois irmãos, como também a falta de respostas para suas perguntas e a responsabilidade de ajudar no sustento da casa.

Tempo de menino partido. Menino-caminhante de mãos pequenas que agora pelas circunstâncias viu-se “obrigado” a sair do aconchego da casa e arriscar-se pelos caminhos da vida, como ajudante de pedreiro, pintor e mecânica ao lado do irmão mais velho.

Porém, a imposição do trabalho e o valor quase irrisório que ele o irmão, juntos, ganharam impediu ao menino que criasse qualquer tipo de liga com estes afazeres. “Eu queria brincar e fugia para não trabalhar”. Assim, alguns atritos eram comuns, pois Milton não conseguia gerar o auxílio desejado pela mãe, que agora era diarista em casa de famílias e se via obrigada a abrir mão do olhar atento sobre o menino em detrimento da cobrança de sua participação, ainda que mínima, nas despesas da casa.

O vácuo deixado pelo pai ressoava no menino e foi logo preenchido pelo tio, gerente do tráfico da região onde morava, que observava a situação de longe. Homem rude, porém carinhoso, que propiciava ao menino de 10 anos passeios e presentes, produzindo assim a sensação de aconchego, amizade e companheirismo. Sob o protesto da mãe, o menino passou a ganhar decisão e foi residir com o tio, que a partir deste instante, tornou-se sua fonte de inspiração, alimentando sua vontade de sucedê-lo e se tornar o rei do tráfico. “Era essa a minha herança”, dizia ele.

O tráfico de drogas acontecia na rua, nos espaços coletivos, paralelamente às suas brincadeiras, e, sem estranhamento, o garoto, agora longe da vigilância da mãe, ficava a espreitar os usuários enrolarem e usarem seus cigarros de maconha, e, depois de saciados, guardarem as bitucas<sup>64</sup> no cantinho ou nas frestas das paredes das casas da redondeza.

Uma rotina captada pelo olhar curioso do menino, que agora com 12 anos aproveitava a pequena distração do tio para pegar umas dessas bitucas e correr para experimentar escondido. Ele dizia: “a mente da criança lembra tudo. Ver um negócio aqui agora e vai lembrar depois. Não esquece por que é mente boa”.

Desde então, outras drogas passaram a compor as experimentações do menino, que aos pouquinhos foi crescendo e entendendo a lógica da vida no tráfico, culminando na compra de sua primeira arma de fogo, algo que considerava comum, pois se os colegas tinham, por que ele não teria? “Eu entrei nessa vida por curiosidade. Com quatorze anos eu já estava ganhando dinheiro, andando de “oitão<sup>65</sup>” e traficando. Já estava um bicho solto, praticamente. Minha mãe já não tinha mais domínio sobre mim.”

A peça<sup>66</sup> brilhava e encantava o menino, que logo saiu pelos bairros vizinhos a se aventurar em cometer roubos. O tio, que acompanhava seu rápido envolvimento, o alertava sobre algo que sequer havia dado ouvido quando começou na “vida do crime”: “Esta vida é cheia de adrenalina, porém, ela é dura e sem volta. Uma vida vivida no fio da navalha, que cobra um preço alto dos que não sabem vivê-la.”

---

<sup>64</sup> Parte final do cigarro de maconha não utilizada

<sup>65</sup> Referencia a revolver de calibre 38

<sup>66</sup> Era assim que os adolescentes se referiam à arma de fogo.

Em seus conselhos, quem saberia se o tio imaginava que numa dessas travessias, bifurcações da vida do tráfico, iria, em breve, morrer. O tio foi assassinado e deixou o rapaz sem chão e sem proteção na região. Caminhante da noite, agora não podia dormir, pois essa vida de “atividade” precisava de atenção a qualquer movimento suspeito. Ficar na atividade significava não poder relaxar, prestar atenção em tudo que acontecia ao redor e ao derredor, para não ser pego de surpresa por uma empreitada qualquer do inimigo que poderia vir de qualquer parte ou lugar.

A atividade de vida fugidia dos policiais e dos inimigos do tráfico conquistado no tempo em que esteve em companhia do tio lhe roubara o sono. Uma caminhada, como diz Certeau (2011, p. 166), [...] “afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc. as trajetórias” [...].

O moço namorador, de gosto musical variado, curti funk, forró, sertanejo, pagode... só não gostava de festa *Rave*<sup>67</sup> e música *Techno*<sup>68</sup>. Sobre o futuro, não sabia se um dia iria se casar ou ter filhos “as bandas que ando faz encurtar a vida. Eu vivo a curto prazo. Eu vivo o hoje”.

Incertezas à parte, Milton gabava-se dos pelos ralos do bigode e da barba que trazia no rosto, fios que lhe conferia certo ar de maturidade e de homem feito, aos quinze anos. Era comum ser confundido com maior de idade, não tinha documentos, preferia deixar a cara de “maduro” falar mais alto.

Foi neste galope da vida que passou a compor as estatísticas de adolescentes em conflito com a lei. Em sua pouca idade, vivenciou treze apreensões por roubos e assaltos à mão armada, transitou por diversos Departamentos de Polícia nas cidades de Mimoso<sup>69</sup>, Castelo<sup>70</sup> e Cachoeiro do Itapemirim. Rodopiou por várias cidades-unidades. Já havia estado na Unidade inicial<sup>71</sup> em Vitória e na Unidade de Internação Provisória<sup>72</sup>

---

<sup>67</sup> **Rave** é um tipo de  festa  que acontece em  sítios  (longe dos centros urbanos) ou galpões, com  música eletrônica . É um evento de longa duração, normalmente acima de 12 horas. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rave>

<sup>68</sup> **Techno** é um  estilo musical  eletrônico. E frequentemente utilizado erroneamente para descrever todas as formas de  música eletrônica .

<sup>69</sup> Cidade localizada no sul do Estado do Espírito Santo

<sup>70</sup> Cidade localizada no sul do Estado do Espírito Santo

<sup>71</sup> Fica localizada na cidade de Vitória - ES e recebe, temporariamente, adolescentes em conflito com a lei em fase de processo inicial para averiguações até a audiência onde será determinada ou não medida socioeducativa a ele.

por três vezes, todas por roubo, em 2006, quando tinha quinze anos, porém jamais “caiu” por tráfico de drogas.

Em todas as apreensões nunca recebeu visitas de familiares. “A minha mãe é a mãe do outro interno. É um tipo de consideração que a gente aprende aqui dentro. Ela troca ideia, conversa com a gente, se preocupa e se interessa. E quem sabe ajuda a gente lá fora”.

O tráfico de drogas era considerado por Milton como mais lucrativo que os roubos, mas também produzia, em maior volume, inimizades e ganâncias entre os rivais. Com a morte do tio, roubar passou a ser uma atividade mais segura para ele que preferia agir sozinho, sem parceiros, na calada da noite, o que tornava sua vida ainda mais solitária.

\*\*\*

Não ter para onde voltar revelava a presença da ausência de si, em determinados momentos, o que tumultuava de sensações e angústias a cabeça do moço perdido. Caminhar “é o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio” (CERTEAU, 2011, p. 170) O único caminho que Milton vislumbrava era voltar para a cidade do interior onde traficava. “Meu caminho é sem volta, meu caminho é sem futuro. Sei que não é um caminho certo o que estou seguindo. Sei que é um caminho que não tem jeito, mas é o que tem pra mim. Hoje, é o que tem pra mim.” Se o caminho caminhado até então era “certo ou não”, o fato era que o caminhante queria ter um lugar para onde voltar.

Milton, moço dono de um olhar marcante construído nas andanças na vida revelava estar ligado aos lugares que andou pelas lembranças que tinha deles, das humilhações nos Departamento de Policia, das experiências nas Unidades de Internações e no Presídio de Novo Horizonte, onde esteve quando cometeu crime após ter completado 18 anos.

---

<sup>72</sup> A Unidade de internação Provisória – UNIP está localizada em Cariacica-Sede e recebe adolescentes pelo prazo de 45 dias.

Havia mandado de busca e apreensão - MBA<sup>73</sup> em aberto para Milton, por um ato infracional, que ele tinha cometido antes de ter 18 anos, o que gerou sua transferência para UNIS após liberação do presídio.

Milton aprendeu, a duras penas, nestes percursos, que apertar os olhos, franzir a testa, levantar os ombros, abrir o peitoral e retesar o corpo era um sinônimo de força e uma forma de impor medo e respeito “nos germes<sup>74</sup>”, nos adolescentes, como também, de não aparentar medo diante dos presos em Novo Horizonte. Mas, quando não se considerava em situação de ameaça, seu rosto era só simpatia e lugar de sorriso aberto. “A cadeia é lugar para amadurecer ainda mais a pessoa. O cara que passou por lá chega aqui na moral, todo mundo respeita e tem medo dele.”

Nosso caminhar tranquilo pelo pátio da Unidade até a biblioteca se misturava ao burburinho da falação, dos gritos e da intensidade da vida dos meninos que ecoava no lugar. Bem sabíamos que nosso andar era acompanhado não só pelo agente socioeducativo, como também pelos tantos olhos e ouvidos à espreita, que se colocavam atentos até a chegada na biblioteca. Andar gostoso que se colocava curioso, divertido, embalado ao *zum, zum, zum* inquietante que a curiosidade alheia emitia. “Fica incomodado quem quiser eu “tô” contando a minha história, o que eu vivo o que eu já passei. Isso só eu posso contar”.

Disposto e risonho, Milton gostava de falar olho no olho, pois o olhar, segundo ele, revela a alma, a bondade e a maldade da pessoa. Em sua sabedoria, acumulada nos poucos anos de vida, afirmava que havia aprendido a sentir o cheiro da maldade da pessoa só de olhar bem nos olhos dela. Como seria o cheiro da maldade? Perguntamos curiosas, esquecendo-nos, momentaneamente, que os sujeitos sabem dizer de si e de suas experiências melhor que nós, e que em muitas das vezes não são palavras que definem as coisas ou o estado das coisas.

Redobramos a atenção para escutar sua resposta. Milton olhando fixamente, nos vasculhava por dentro, como se procurasse algum sentido para nossa pergunta. Neste momento, ficamos constrangidas, ao pensar que, mesmo sem nos atentar, poderíamos

---

<sup>73</sup> Mandado de Busca e Apreensão é expedido pelo juiz quando o adolescente não cumpre, por qualquer motivo, a medida socioeducativa em meio aberto imposta.

<sup>74</sup> Era assim que se referia aos policiais e aos seus inimigos.

ter tentado vasculhar, com nosso suposto saber, durante alguns atendimentos, a vida dos meninos.

Milton com sua simplicidade respondeu: “não sei responder com é o cheiro da maldade, não. Só sei sentir. Essas coisas a gente não sabe explicar. Só sei dizer que não vi ou senti cheiro maldade em você e é, por isso, que continuo vindo aqui conversar”.

Depois desta interferência não soubemos o que dizer. As palavras talvez não fizessem, mesmo, sentido. Cabia apenas o silêncio. Ficamos ali parados por alguns segundos nos olhando e, por algumas vezes, não sabíamos para onde desviar o olhar. Uma puxada brusca no pensamento nos levou a questionar se o que produzimos em nosso cotidiano, nos encontros com os meninos enquanto profissionais, exalam cheiro de vida ou de morte? Potência de agir, paralisia ou mortificação da vida?

Andarilho, Milton se dizia um conhecedor da vida, rodado na pista. Por lá já havia visto e vivido de um tudo para a pouca idade que tinha. “De novinho só tenho a cara” falava em tom de brincadeira. Vivia cercado pelos lampejos de uma morte iminente; uma vida vivida em conta-gotas, onde cada gota representava um pouquinho de vida que de tanto flertar com a morte se desperdiçava.

Para ele, nada, depois do isolamento do presídio e dos modos de viver que aprendeu por lá, parecia causar surpresa ou estranhamento. Quem viveu pregado a um só chão não sabe sonhar com outros chãos, poderíamos especular. O caminhante em caminhos de pedras percebia que não podia sonhar.

Morador temporário da cidade-internação, tão temida por muitos, havia aprendido que “aquelas bandas eram café pequeno”, lugar de zoação, de (de)formação de parcerias futuras, o retorno à pista, à rua. Ao contrário do isolamento que viveu na prisão, queria circular na cidade-internação.

Da cidade-internação, dizia que não havia para aprender por lá, pois não tinha interesse, como também sua condição de brigão, sua cara de mal o distanciava das atividades pedagógicas propostas, como se não tivesse “perfil” para estar entre os outros. Milton tinha opiniões sobre a Unidade: “Aqui não conserta ninguém. O cara precisa pagar de bonzinho para conseguir as coisas. Parecia dançar conforme a música dos homens”.



Na cidade-internação, o caminhante não ficava muito tempo em um módulo, gostava de circular, ver as conversas e saber das coisas que aconteciam. Dizia que as regras impostas pelos meninos - como: não olhar as visitas uns dos outros, não andar sem camisa, não assoviar, dentre outras - eram coisas bobas e de fácil aceitação. Para ele “duro mesmo era o sistema prisional”

Devido à sua experiência de detenção por oito meses no presídio em Novo Horizonte, Milton ganhou “fama de mal” entre os adolescentes da internação, o que para a instituição era um problema, pois adolescentes vindos do sistema prisional, comumente, conheciam estratégias e táticas de lideranças e, em certa medida, sabiam como burlar o suposto controle da Unidade. “Aqui na Unidade, os adolescentes jogam comida nos agentes, gritam, falam mal, desrespeitam os trabalhadores. Na prisão não acontece isso não. O cara morre se fizer uma gracinha lá. O presídio foi feito para o regime. Um lugar onde o cara tem duas opções: ou ele abandona o crime, ou sai de lá mais revoltado”

Mesmo envolvido em algumas confusões, Milton se conectava em outra sintonia, alheio aos acontecimentos da UNIS, que considerava pequenos. Questão maior para ele era para onde ir ao sair da internação. “Se eu voltar para a mesma região e retomar as atividades na boca de fumo que era do meu tio, vou morrer; se eu voltar a morar com minha mãe, com quem não tendo um bom relacionamento, como vai ser? Eu só sei roubar e traficar e ela não vai me aceitar assim. Eu sei que posso tomar um tiro e morrer quando sair daqui”.

Diante de tais afirmações, nos perguntamos: como seria para o caminhante reencontrar com as pedras no caminho, ao voltar para o território já conhecido, sem rede de apoio, sem alianças para potencializar o acontecer da vida? Como ele poderia fazer diferente do já conhecido e esperado para ele e por ele?<sup>75</sup>

Em meio a sua narrativa cheia de fragmentos da dureza dos dias vividos no presídio de Novo Horizonte, em detrimento à vida na UNIS, escapava um sorriso branco e largo ao falar da rigidez, do controle, da estrutura e da dificuldade de fuga do sistema prisional. Milton fazia comparações entre os dois espaços e contorcia o corpo

---

<sup>75</sup> Diário de Campo (dezembro, 2010).

quando o assunto beirava a visita íntima que acontecia no presídio e mesmo sem ter recebido nenhuma visita desse tipo por lá ele defendia e argumentava que na Unidade os adolescentes deveriam ter a visita íntima liberada, pois era difícil ser homem, ficar preso e ainda privado de sexo.

Em nosso último encontro ele chegou radiante e temeroso por sua liberação prestes a acontecer, mesmo com o dedo machucado durante um momento de raiva expressada por reivindicações de melhorias no bloco C, onde estava alojado. A liberdade tão esperada, traduzida em expectativa de uma noite de amor com uma parceira qualquer, desejosa, assim como ele estava, era agora um fato. Milton foi liberado uma semana após nosso encontro.

Dias após sua saída, uma rajada fria de vento passou pela Unidade no final da tarde. Da ventana da sala dos técnicos, pude ouvir o alarido de sua suposta morte, que souu triste. A morte, tão anunciada por Milton, agora corria na boca dos meninos da quadra. Notícia amarga que abateu nosso corpo, nossos afetos causando uma onda de arrepio na pele. Notícia de corte, de confirmação, de interrupção da vida, do riso, da fala e de tantas possibilidades que não virão mais para Milton.

Mosáicos de nossos encontros tão recentes ainda estavam por compor a tela de nossas lembranças. Veio à memória uma citação de Drumond (2009) onde o poeta diz: “cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que eles não vivem senão em nós, e por isso vivem tão pouco; tão intervalo; tão débil”.

Neste dia, a folha de nosso diário de campo vestiu luto:

*Morre-se em dia de sol.*

*Morre-se em dia de chuva.*

*Morre-se em dia alegre.*

*Morre-se em dia triste.*

*Morre-se de morte matada.*

*Morre-se de morte morrida.*

*Morre-se um pouquinho a cada dia.*

*Morre-se em vida.*

*Morrer e viver são composições de uma mesma vida*<sup>76</sup>.

---

<sup>76</sup> Diário de Campo (novembro, 2010)

De certo, os fios que puxamos da narratividade de Milton provocam incômodos, pois falam de desesperança e morte. E não foi uma tarefa fácil, ouvir sua voz nítida na gravação e transcrever sua história. Estava diante de uma encruzilhada: Trazer ou não sua narrativa? Escrever ou não os fragmentos tão intensos de uma vida tão curta? E se fazê-lo, fazê-lo para quê e por quê?

Sentimos vontade de gritar o grito contido de Milton e desejamos calar o silêncio de suas desesperanças, mas não conseguimos. Assim, diante do rumor de sua suposta morte, optamos contar a intensidade de sua vida de menino-homem caminhante, suas sandálias e rastros de pedras, para enaltecer sua existência como também o empréstimo de suas memórias recheadas de risos, poemas e tormentos que nos foram confiados no encontro, pois o poeta Drumond (2009) nos ensina que devemos penetrar surdamente no reino das palavras, pois lá estão os poemas que esperam ser escritos.

Contamos Milton, ainda que suposta a sua morte, para trazer à lembrança a história de tantos outros meninos que assim como você são ceifados precocemente todos os dias nesse “Brasilzão” de Deus, pois:

*Quem cala sobre teu corpo consente na tua morte talhada a ferro e fogo nas profundezas do corte que a bala riscou no peito.*

*Quem cala morre contigo mais morto que estás agora.*

*Relógio no chão da praça batendo, avisando a hora que a raiva traçou no incêndio repetindo o brilho do teu cabelo.*

*Quem grita vive contigo<sup>77</sup>.*

Não quereremos calar sobre teu corpo, tampouco consentir na tua morte talhada a ferro e fogo nas profundezas do corte que a bala riscou no peito, tampouco negar a palavra aos mortos. Narramos para evitar que os inimigos continuem vencendo como nos fala Ferreira (2011), pois, não podemos ficar confortáveis à espreita olhando o ato infracional como se ele não fosse produzido no seio da sociedade da “pátria amada, mãe gentil” e não nos dissesse respeito.

\*\*\*

---

<sup>77</sup> Menino – música de Milton Nascimento

## **4.2 O colhedor de café e de oportunidades**

“[...] Bocó é aquele que fala sempre com sotaque das suas origens. É sempre alguém obscuro de mosca. É alguém que constrói sua casa com pouco cisco. [...] Bocó é aquele que olhando para o chão enxerga um verme sendo-o. [...]”  
(BARROS, 2010, p. 83)

Dizem, à boca larga, que a primeira impressão que se tem de alguém é a que fica. Será? No caso do moço do interior do estado, diziam: “Ele é meio bicho do mato, matuto, tipo caladão, não sei se ele vai querer conversar com você, não”<sup>78</sup>.

Estereótipos e medições corriam por toda parte na cidade-internação, porém as réguas produziam medidas imprecisas e os encontros aconteciam de formas diversas entre as pessoas. O moço de fala arrastada, de cabelo longo e cacheado que vivia coberto pelo boné com a aba virada trás, surpreendeu e chegou disposto a conversar.

No dia e na hora marcada, ele aguardava – na parte inferior do bloco, do lado de dentro, atrás do portão do módulo, ansioso e perfumado – por nossa chegada ao Resignificar. Lugar onde estava alojado, desde a sua chegada à cidade-internação, há aproximadamente um ano e quatro meses.

Moço, dono de andar dengoso, a quem chamaremos de Chico, tinha ombros curvados feito arco de flecha quando esticado, que pareciam desejar o chão, tamanha era a dor d’alma que eles ajudavam a carregar, há 19 anos. Apesar do ar de serenidade, sua fala era rápida e exigia de seu ouvinte certa dose de atenção para não deixar escapar os sentidos de sua narratividade. Entendi que era necessário chegar mais perto e contemplar suas palavras, pois cada uma tinha mil facetas.

Nosso primeiro encontro foi regado pela poesia: o menino que ganhou um rio<sup>79</sup>. A leitura inundara a sala da biblioteca de tranquilidade, apesar, do barulho do lazer dos meninos na quadra, que ficava ao fundo de onde acontecia nossa conversa. À

---

<sup>78</sup> Percepções do técnico da UNIS (DC, outubro, 2010)

<sup>79</sup> BARROS. Manoel. Memórias Inventadas: a terceira infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008 p. 135

medida que líamos, Chico escutava atentamente, como se quisesse penetrar o mundo das palavras e dos sentidos.

Terminada a leitura, ele disse, em voz mansa, que não se lembrava de ter ouvido uma poesia e que havia gostado. “É bom ouvir coisas diferentes aqui”. Daí em diante, feito trem descarrilado, o moço Chico disparou a contar sua história. Havia certa urgência em seu contar. Onde havia se escondido o moço calado que agora se apresentava falante? Perguntamos em segredo.

\*\*\*

A poesia despertou no moço o recordar de sua infância. O abrir primeiro de sua boca deixou fluir um acorde triste. “Minha infância foi muito triste. Foi muito triste a minha infância<sup>80</sup>”. As lembranças faziam a voz vibrar, feito música de uma nota só, que fazia com que o tom permanecesse na memória do ouvinte por horas a fio. Doíam-lhe as palavras forjadas a corte de facão.

Chico foi menino que não gostava de “criançagem”. Teve a infância embalada pela história de violência familiar. Uma história de som triste contada pela mãe e pelos familiares, em momentos igualmente tristes. “A mãe me contou que um dia, depois do trabalho, o pai chegou bêbado, irritado e ao ouvir o choro de bebê pegou minha irmãzinha gêmea de mim, sacudiu para ela parar de chorar e foi aí que ele bateu nela com a bainha do facão. Ela não resistiu e morreu.” Neste momento a voz de Chico se apagava emitindo a sonoridade da dor daquela separação. “Era pra ela tá com a mesma idade que eu hoje<sup>81</sup>”.

O ocorrido causou muita revolta na família e na vizinhança e o pai de Chico precisou fugir da região sem sequer registrá-lo no cartório da cidade deixando a marca “pai não declarado”, em sua certidão. Pai que segundo os relatos da mãe, era um homem de mãos calejadas pelo trabalho na roça e um apreciador de uma boa cachaça.

---

<sup>80</sup> Narrativa de adolescente ( novembro, 2010)

<sup>81</sup> (DC, novembro, 2010)

Contudo, o que havia encantado sua mãe era o jeito que o pai tinha de cortejá-la, em meio ao cheiro das flores brancas dos ramos dos pés de café nas fazendas dos municípios vizinhos onde eles trabalhavam. Amor com cheiro de flor de café, que resultou no nascimento dos gêmeos e a separação do pai do relacionamento anterior e dos quatro filhos que tinha.

As poucas lembranças da infância de Chico eram memórias-relâmpagos. Ele aprendeu desde menino a acompanhar a mãe e o padrasto na colheita de café. Costumava brincar por lá com outras crianças que, de igual modo, eram levadas pelos pais, como mão-de-obra para o trabalho e também para que eles não ficassem sozinhos em casa.

O moço Chico lembrava com ternura da cena em que sua mãe o conduzia à escola. Ele dizia que o melhor de lembrar era quando “a mãe segurava firme a minha mão para atravessar a rua na hora de ir para a escola”. Foram idas e vindas que duraram até o 3º ano do ensino fundamental, aos 10 anos. “Estudei pouquinho. Eu não aprendia na escola. Lá me diziam que tinha a cabeça fraca para os estudos e eu acreditei”.

Apesar de ter nascido e vivido boa parte da infância na cidade de Conceição da Barra, no litoral sul do estado do Espírito Santo, o menino não brincou no mar e não sentiu na pele o sal da imensidão da água azul. A rua de sua infância tinha cheiro de café, e de certo modo o trabalho preenchia sua vida. “Preferi trabalhar na roça, na lavoura de café, ajudar a mãe e o padrasto nas despesas da casa, ao invés de ficar pensando bobagem. Também vendi verduras pelas ruas da cidade onde a gente morava”. Essa era a vida dura do menino-colhedor, que encontrou no trabalho o refúgio para sua dor.

Aos doze anos, o pai fugitivo esteve na cidade e desejou conhecê-lo. Foi um único encontro estranho e distante. Novamente o pai partiu como o som do corte do facão. “Da mesma forma que ele veio, ele se foi”.

A mãe do moço estava acometida de dor d’alma e, assim como o pai, enveredou pelos caminhos da bebida. “Quando eu tinha 12 anos ela não aguentava mais trabalhar e passava a maior parte do tempo em casa bebendo. A bebida matou a mãe. Ela morreu nos meus braços, numa madrugada fria quando só estávamos eu e ela em casa”.

Novamente, a vida de Chico vestiu cinza, o padrasto foi embora e ele passou a viver com a avó, também colhedora de café, até os 14 anos e depois passou a peregrinar pelas casas dos irmãos mais velhos, filhos de um casamento anterior de seu pai, que viviam em várias regiões do estado.

\*\*\*

O moço cresceu e tornou-se hábil na colheita de café. O dia do menino-jovem boia-fria, começava cedinho no sacolejo da caçamba do velho caminhão do patrão, pela rodovia e estradas de terra que davam acesso às fazendas onde trabalhava. O balançar dos corpos eram embalados pelo ritmo das cantorias dos colhedores. Chico-menino, de infância recortada, guardava uma pitada discreta de humor no falar rasteiro. Sorria discreto quando lembrança que alguns bebiam no trabalho e na volta caíam no piso da caçamba feito jaca madura.

Neste vai e vem da vida aprendeu como ninguém a reconhecer os tempos da colheita do fruto. Sua mão, nesta altura, já estava calejada, tal como as de seu pai. Os sacos de plástico que abria debaixo dos pés de café logo ficavam cheios. Chico se orgulhava de encher cada vez mais sacas de café por dia e superar alguns adultos. “Trabalhar era bom e eu podia ajudar em casa e ter meu dinheiro”.

Desde os oito anos, a vida do menino era só trabalhar, juntar um dinheirinho e quase nada de diversão. Quando jovem, ele não tinha amigos, não frequentava bailes ou festas. Até os dezessete anos, a vida do moço era trabalhar, voltar para casa, dormir cedo e de novo sair para trabalhar. A igreja ao lado de casa da avó era seu lazer depois de um dia de colheita. Gostava de entrar, se sentar no banco e ficar por lá olhando uma menina, que ele achava especial, a cantar louvores. “Com ela eu tinha vontade de casar”.

Em meio ao cheiro das flores brancas do cafezal, Chico conheceu outros cheiros: o da maconha e do solvente químico, ambos usados pelos meninos colhedores de café, como também por alguns adultos durante a colheita. Aos poucos, o moço começou a perceber que a droga era muito usada por aquelas bandas e, diferentemente,

da colheita do café, a droga não tinha época para acontecer. Então, buscou informação e aproximação das pessoas que vendiam drogas, pois intentava usar suas poucas economias para comprar para revender.

O moço-menino se enveredou no tráfico chegando a dobrar, em um dia, o valor que ganhava em uma semana de colheita na roça, sem, porém, parar de trabalhar na colheita de café. Chico se orgulhava de não ser usuário, de não consumir bebidas alcoólicas e cigarros. “Sou limpo. Nunca usei nada disso”.

\*\*\*

No poema “Anoitecer”, o poeta Carlos Drummond (2009, p. 25) escreveu que “certas palavras não podem ser ditas em qualquer lugar e a hora qualquer. Elas são estritamente reservadas para companheiros de confiança, devem ser sacralmente pronunciadas em tom muito especial lá onde a polícia dos adultos não advinha nem alcança”. Assim como o poeta, Chico nos diz: “Minha história não conto para os meninos do bloco. Eles não são dignos de ouvir minha história”.

No decorrer dos nossos encontros, já na cidade-internação, Chico narrava sua história como se depositasse o fardo da vida nas palavras. Ele não temia o narrado, simplesmente, narrava. Foucault (2010, p. 204), ao trazer a história da vida dos homens infames, diz que [...] “a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados; [...] a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou a violência dos fatos que neles se encontram [...]”.

Apesar de responder judicialmente na cidade-internação por um homicídio que cometeu, Chico contou detalhadamente que havia praticado, no ano que foi apreendido, outros três homicídios, por justiça própria ou de familiares, todas faltando quatro meses para que completasse 18 anos.

A primeira vez que o colhedor de café colheu uma vida havia sido para defender a honra da mãe, na cidade da avó, onde estava morando e trabalhando. Após



um dia de trabalho, Chico encontrou na entrada de casa um homem bêbado que o abordou dizendo: “se sua mãe estivesse viva tentaria abusar dela de novo no meio do cafezal”.

Bastou o som da voz do homem para que, furioso, o menino empunhasse o facão, descarregasse toda raiva da vida, contida há 17 anos, e fugisse da região, assim como fez o velho pai, com seu facão de corte afiado na cintura da calça. “Minha mente parecia possuída de vontade de justiça. Queria “dar o troco”, mas não sabia direito porque o matei”.

O moço-menino passou a viver refugiado na casa do tio, em uma cidade da capital do estado. Estava por lá há um mês, ajudando o tio em seu trabalho, porém, certa noite, viu, da fresta da janela do quarto, o vizinho roubar, dentro do quintal da casa, o material de trabalho que o tio usava para cavar poços artesanais na região. Ficou furioso e ofendido, matutou alguns dias, fez tocaia no mato, matou o vizinho e novamente fugiu impune para a casa de outros familiares.

Já em outro lugar, poucos dias após sua chegada, foi acompanhar o tio no campinho de futebol do bairro e resolveu jogar. Mas, durante a partida foi agredido nas costas por um jogador do outro time e não gostou. Esperou o jogo acabar para acertar as contas. Aconteceu discussão e briga. Chico bateu fortemente na cabeça do rapaz, que no outro dia morreu em virtude das agressões. “Eu pensei: foi isso mesmo, se eu matei um, matei dois, mato três. Eu estava nesse pensamento assim. Estava nesse pensamento triste”.

Chico, na época que esteve morando em cidades na capital do estado do Espírito Santo, traficava por conta própria. A colheita de café e o tráfico de drogas só aconteciam quando estava morando no interior do Estado. O quarto homicídio, Chico contou que cometeu por ganância de dinheiro. Existia na cidade da capital onde morava uma mulher que havia comprado com ele certa quantidade de droga e não fez o acerto.

A mulher era de família que tinha dinheiro. Porém, Chico não aceitava ser passado para trás. Fez várias cobranças à mulher, que o ameaçou caso não parasse de cobrá-la. Ela dizia que pagaria quando pudesse. Então, resolveu a situação matando a mulher, quando ela estava drogada deitada no canto, na esquina de uma rua escura.

Desta vez, havia uma testemunha. Chico fugiu no outro dia para o interior e foi para a roça trabalhar, colher café na lavoura, porém não passou muitos dias para que ele fosse apreendido pela primeira vez, em meio aos pés de café.

O moço Chico foi transferido para a capital. Ficou apreendido na Unidade Provisória, por quarenta e cinco dias. Recebeu do juiz uma internação que poderia durar até três anos e foi transferido para a Unidade de Internação. Portanto, apesar dos três homicídios, ele chegou à cidade-internação para responder pelo último ato narrado, pois os demais não foram descobertos ou esclarecidos legalmente.

\*\*\*

Desde a sua chegada na cidade-internação, Chico foi alojado no módulo Resignificar. Para Chico, ficar no Resignificar era como se não estivesse dentro na UNIS. O Resignificar era uma espécie de paraíso dentro do inferno. “As doideiras dos outros meninos, as rebeliões e as pancadarias, as notícias ruins a gente só ouve de longe.”

Por lá, ele participava do EJA<sup>82</sup>, do grupo de teatro, do grupo de percussão. Tinha autorização judicial para participar de eventos externos, como apresentações de percussão e de teatro dos grupos de que participava e ainda tinha atendimento técnico garantido.

O ponto principal para garantir sua permanência neste espaço era ter e manter bom comportamento, como participar das atividades pedagógicas fornecidas, o que se orgulhava em cumprir. “É diferente, porque no bloco Resignificar nós temos lazer, nós não somos iguais a outros meninos, não. Nós somos meninos que têm confiança aqui dentro da Unidade. A gente vai pra fora e não foge.”

Aparentemente capturado pelo discurso e a lógica de funcionamento da cidade-internação, Chico desfrutava as benesses oferecidas, como garantia de permanecer no

---

<sup>82</sup> Educação para Jovens e Adultos. Os professores são contratados pela SEDUC – Secretaria de Educação do estado de Espírito Santo e prestam serviços nas Unidades Provisória e de Internação.

espaço, longe das “bagunças e confusões” dos outros espaços. “Para mim tudo o que é oferecido aqui é oportunidade que me ajuda a ficar lá no módulo. Meu comportamento também me ajuda a ficar lá”.

Ora fisgado pelo sistema, Chico dizia que o BME<sup>83</sup> tinha que ficar na cidade-internação todo dia e colocar procedimento nos meninos para acabar com a bagunça. “Todos os espaços deveriam ser iguais ao Resignificar”. Na instituição, o espaço era considerado a menina dos olhos do Diretor da Unidade.

Havia uma dor de cabeça que incomodava Chico. Sua visão era turva e piorava durante as atividades pedagógicas, que eram oferecidas na cidade-internação. Após ter sido levado, com agendamento técnico prévio, para realizar exames especializados<sup>84</sup> na rede de saúde pública, Chico se descobriu míope.

Nesta fase, descobriu-se que Chico precisava de óculos de grau. Assim, alguns profissionais, inclusive nós, doamos os óculos para Chico poder melhor participar das atividades. Tamanhas eram a alegria e gratidão com que o moço exibia o presente pela Unidade a fora, tendo em um de nossos encontros lido uma poesia para nós.

\*\*\*

Chico, ao se referir-se às regras do módulo, dizia que eram feitas e aceitas por todos os internos e que a relação entre eles tinha que ser pacífica. “O direito era igual, ninguém podia falar mais alto que o outro ou impor sua vontade.” Para ele, era necessário respeitar para ser respeitado e desse jeito tinha a oportunidade do seu comportamento ser visto pelo diretor e pelo juiz, como também o seu relatório ser bem redigido pelos técnicos e, quem sabe, as autoridades, ao verem seu comportamento e o relatório bom, poderiam libertá-lo.

“De que me adianta sair para participar de um evento e tentar fugir? O meu depoimento e o meu relatório estão todos limpos aqui dentro. É melhor eu ficar

---

<sup>83</sup> Batalhão de Missões Especiais da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo.

<sup>84</sup> A equipe de referencia técnica ao escutar as queixas de saúde dos adolescentes durante os atendimentos fazia encaminhamentos para a Unidade de Saúde dentro da Unidade e lá o adolescente era avaliado e caso fosse necessário realizava agendamento de exames especializados na rede pública de saúde, pois a Unidade local não dispunha de equipamentos ou equipe especializada para as clínicas. A equipe local da Unidade de Saúde era composta por psiquiatra, enfermeiros, psicólogo, dentista e assistente social.

quietinho aqui. Eu estou com a metade da cadeia cumprida. Se eu fugir, tenho que ficar até os 21 anos, foragido da polícia”.

Chico questiona: “Boas maneiras para quê? O difícil, mesmo, para mim é aguentar a injustiça de ver os adolescentes que aprontam, fazem rebeliões saírem antes de mim, que fico aqui de bonzinho e não saio. Isso, sim, me revolta. Aqui eles querem que a gente aprenda ao cumprir a pena”.

Porém, mesmo revoltado, Chico considerava que a internação lhe possibilitava refletir sobre a vida, os atos e buscar outras oportunidades quando fosse liberado. “Eu quero os certificados dos cursos que fiz aqui para me ajudar a assinar minha carteira e a trabalhar”.

A solidez das oportunidades que havia colhido no espaço Resignificar, que desde sua implantação jamais havia sido alvo da entrada da equipe de contenção<sup>85</sup> interna da UNIS, bem como da truculência de alguns de seus membros, até agora, abalou suas certezas.

A entrada da equipe de contenção no Resignificar foi um acontecimento que soou pela Unidade como balde de água fria em certas convicções, não só de Chico, como dos envolvidos no processo da socioeducação. O projeto que sustentava o espaço Resignificar, neste momento, deixou de ser diferente dos demais espaços da cidade-internação, como também o discurso dos meninos, dos agentes, dos técnicos e de todos. E agora? Para onde foi aquela luz que parecia brilhar no fim do túnel?

Para nós, existia a expectativa e o temor de como encontraríamos Chico após o ocorrido. Não tivemos contato durante a semana. Precisávamos saber como ele estava, mas precisamos aguardar até o final da semana para ouvir por ele mesmo o relatar sobre a invasão da equipe de contenção no espaço Resignificar.

Fomos ao bloco para buscá-lo. Ao avistá-lo, avistamos também a tristeza em seu olhar cabisbaixo. Durante a caminhada até a sala da biblioteca, seu andar se fez mais

---

<sup>85</sup> A equipe de contenção interna da UNIS foi constituída pela direção da instituição para mediar conflitos na Unidade e era composta por alguns agentes socioeducativos da instituição.

curvado, mais do que havia estado. Curvado para o chão, ele inclinava sua cabeça. Foi constrangedor e triste constatar os hematomas perto dos olhos, a tristeza e a humilhação expressada no rosto e nos ombros arqueados de Chico. Sentimos vergonha e impotência.

Chico nos contou sobre a invasão com raiva, indignação e descrédito em tudo que havia vivido na cidade-internação, desde sua internação. Segundo sua narrativa, a invasão ocorreu por um mal entendido no pátio, perto do bloco C, que estava em procedimento de contenção. Como os adolescentes do bloco Resignificar gozavam de confiança, eles comumente andavam sem os agentes por perto. Eles estavam na quadra, próximo ao bloco C.

Ao saírem da quadra, passaram pelo bloco C e na brincadeira, um dos adolescentes do Resignificar correu, o que provocou que o agente da contenção exigisse que ele parasse e o tumulto aconteceu, tendo os dois adolescentes que haviam corrido, sido levados pela contenção, causando revolta nos adolescentes que foram para o módulo. Como os adolescentes estavam demorando a chegar ao bloco, eles queimaram colchões para chamar a atenção da gerência, o que ocasionou a entrada da equipe de contenção no bloco.

Houve truculência na ação. “Eles entraram barbarizando, quebrando nossas coisas. A gente protegia um ao outro. Havia um prazer na cara deles por terem conseguido entrar no Resignificar. Eles pareciam babar de prazer. Eu aprendi muita coisa boa aqui, mas achei que ia sair sem apanhar. Eles me bateram na cara, chutaram e quebraram os óculos que vocês me deram<sup>86</sup>”.

Nestes momentos, a dor do menino-homem parecia faca afiada, que cortava e deixava aberta a ferida tanto nele como em nós. “O que ouvir nesta hora se não a dor e as queimaduras expostas da alma? O que ser nesta hora se não aquela que acolhe e, em certa medida, ajuda a tecer outros possíveis modos de se relacionar com o fato ocorrido?”

---

<sup>86</sup> Narrativa de adolescente ( dezembro, 2010)

Ouvir o silêncio do acontecimento era necessário. Certo calar, olhar fixo, mãos paradas *acontecimazam* o narrar. A desesperança embalava o tom da voz. “A gente fica triste, pois a gerência, o diretor demorou demais para ir ver como a gente estava”. Chico ouviu dizer que os agentes iriam ser mandados embora, mas que havia visto, durante o trajeto para a sala, um deles trabalhando no portão. “Acho difícil isso acontecer, porque eles só acreditam nas coisas que os agentes contam. Nossa voz aqui é nada, mas eu não quero que isso me faça pensar como antes. Que isso me torne um cara pior de novo”.

Na angústia do contar de Chico havia um fio de esperança. As oportunidades oferecidas e colhidas na cidade-internação pareciam ecoar no menino-homem-colhedor de café e de oportunidades.

A invasão no Resignificar aconteceu dias antes de nosso último encontro. Diante de seu contar e do bom encontro que havia acontecido entre nós, nos dispusemos a continuar a visitá-lo no bloco, caso ele aceitasse, para conversarmos, sem vinculação com a pesquisa. Chico aceitou de imediato e assim foi realizado. Quando estivemos por lá, entrávamos na parte inferior do módulo, conversamos, ríamos e saíamos de lá com a sensação de que a vida naquele espaço, aos poucos, tentava voltar ao “normal”, porém permanecia marcada pela violência ocorrida dias antes.

Não sabíamos ou poderíamos medir seus reais efeitos em cada rosto, em cada olhar de menino que nos fitava. Em uma de nossas idas ao Resignificar, Chico sorria novamente e estava com os óculos que haviam sido devolvidos consertados. Era o mínimo a ser devolvido.

Numa tarde cinzenta e de nuvens densas, Chico foi liberado da cidade-internação e cruzou o portão azul, tão desejado, sem ter que voltar mais tarde. Saiu para viver sua tão sonhada liberdade de forma assistida<sup>87</sup>. Ele era só felicidade. Queria seus certificados dos cursos; queria arrumar um emprego e assinar sua carteira para voltar a trabalhar. Não sabia se era no café, em meio ao cheiro das flores. Só sabia que o cheiro da droga, da morte não queria mais sentir. Chico precisava colher mais da vida do que

---

<sup>87</sup> A liberdade assistida é uma das medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente, no artigo 122, inciso IV.

morte. Desejava morar com a irmã, que esteve por meses visitando-o na cidade-internação, para quem passava horas fazendo artesanato para entregar na hora que ela chegasse para a visita. Chico precisa seguir tocando a vida. Pensava em voltar à cidade natal para reencontrar a moça da igreja, e se ela ainda olhasse para ele daquele jeito carinhoso, quem sabe se casar com ela.

\*\*\*

*Conto-narrativa*

#### **4.3. O flutuante sedutor com as palavras**

“Em Raíssa, cidade triste, também corre um fio invisível que, por um instante, liga um ser vivo ao outro e se desfaz, depois volta a se entender entre pontos em movimento desenhando rapidamente novas figuras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem mesmo sabe que existe”. (CALVINO, 2002, p 135)

A vida impõe pausas e olhos para ver o que, às vezes, se mostra invisível. A manhã nublada estava desejosa de calma, os corpos-trabalhadores ainda cobiçavam ficar na cama quentinha, porém, alheia a este movimento, a vida na cidade-internação, desde cedinho, impunha o ritmo aos afazeres, mantendo a lógica da correria diária. Jaleco cor de alface, sobre o corpo sonolento; prontuário; prancheta e caneta nas mãos. Eram estes nossos instrumentos básicos de trabalho para a jornada diária.

Ao descermos a escada da administração e caminarmos em direção ao atendimento no módulo onde éramos referência técnica, nossos olhos insistiam em percorrer o lugar e logo as cenas cotidianas povoavam nossos pensamentos nos distanciando do sono. Havia a necessidade de olhar a vida, ainda que fragmentada, que

se fazia ali. Porém, sabíamos que, com o passar do tempo, os detalhes cotidianos poderiam se perder ou se cristalizarem em nós.

Uma breve interferência se deu em nosso percurso, ao ouvirmos um grito flutuante<sup>88</sup>: “Ei você aí”. Olhamos e vimos o moço, vestindo calça de moletom verde desbotado e camiseta branca, sentado ao lado do agente socioeducativo no pátio, na parte baixa conhecida como fábrica de bloco<sup>89</sup>.

O tom de sua pele bronzeada pelo sol do pátio reluzia destacando-o dos demais meninos que não se expunham com tanta frequência ao sol. “Espera um pouquinho para gente conversar”, insistia ele. “Será que você poderia me atender? Poderia ligar para o meu pai e pedir para ele trazer umas coisas que estou precisando na próxima visita? você é assistente social, psicóloga, pedagoga ou é advogada? Você atende os meninos de qual módulo?”

Foi assim nosso encontro casual, onde nada parecia passar despercebido ao moço-falante e de riso fácil. Ele estava “solto” neste espaço juntamente com outros adolescentes que não podiam permanecer, por diversos motivos, dentro dos oito espaços existentes na Unidade à época.

Os meninos ficavam por ali, durante o dia, e somente à noite eram alojados na parte inferior de algum módulo. No dia seguinte, ao amanhecer, durante a troca de turno dos agentes socioeducativos eram retirados e voltavam para o pátio, onde tomavam café e faziam suas necessidades de forma improvisadas. Uma prática que se institucionalizou e produziu o modo de ser e estar adolescente-flutuante.

*A vida na cidade-internação apresentava modos-flutuante de viver, pois a condição de flutuante facilitava a abordagem dos adolescentes a todas as pessoas que*

---

<sup>88</sup> Nomenclaturas utilizadas, de maneira geral, na UNIS para designar os adolescentes que não estavam alojados em nenhum dos oito espaços existentes à época, por motivos diversos. A princípio era uma alternativa provisória até solucionar a situação, porém alguns permaneciam por longo período nesta condição.

<sup>89</sup> Neste local havia funcionado, há tempos atrás, um projeto no qual os adolescentes aprendiam a produzir blocos de amianto. Porém, com o passar do tempo tornou-se um espaço de alojamento temporário, alternativo, pois existia ali um espaço que era utilizado para guardar o material da antiga fábrica e algumas salas de atendimento técnico que não chegaram a serem usadas e, por isso, se transformaram em alojamentos supostamente provisórios.



passavam pelo espaço para pedir assistência<sup>90</sup>. Táticas e estratégias de meninos que faziam circular e ver atendido seus pedidos, pois o pátio funcionava como um lugar de comunicação, de acontecimentos da vida cotidiana da cidade-internação.

Uma espécie de *pátio-óptico*, a céu aberto que, ao contrário do panóptico<sup>91</sup> de Bentham, todos podiam ver e controlar uns aos outros ao mesmo tempo. A visibilidade é uma armadilha. Assim, ficar neste espaço era o mesmo que poder acessar toda a vida pulsante da cidade-internação e produzir táticas e estratégias de existir na instituição.

Certo uso-privilégio existia nesta condição, em relação aos outros adolescentes que ficavam nos módulos e só utilizavam o espaço ocasionalmente, quando transitavam entre uma atividade e outra ou para irem à enfermaria.

Como uma forma de distração e ‘gastação de tempo’<sup>92</sup>, nosso flutuante gostava de ficar à sombra da jaqueira imponente que existia em frente à administração. De lá, ele redirecionava o olhar e tinha uma visão panorâmica da vida que acontecia dentro e fora dos muros da cidade-unidade.

Deste ponto estratégico, uma cidade aparentemente feliz se descortinava, ainda que embaçada, diante do olho que podia tudo ver ao mesmo tempo. Olho-corpo que podia flertar, mesmo que à distância, com as meninas do colégio que ficava em frente, como também com as meninas da Unidade de Internação Feminina na quadra logo abaixo, por meio de gritos e gestos eles se entendiam. “Ficar no pátio era uma forma de gastar o tempo e de sentir o cheirinho da liberdade” dizia o moço-flutuante.

Estar flutuante também era sinônimo de não ter técnicos de referência para o atendimento, como acontecia nos módulos; de realizar as visitas com os familiares, de forma improvisada e sem privacidade; ou ainda ficar exposto, nos dias frios, ao clima adverso até o momento da tranca dos módulos, quando se podia entrar e tentar se aquecer no espaço inferior do módulo aberto, cercado somente por grades.

---

<sup>90</sup>Assistência para os adolescentes significa ter suas demandas de qualquer ordem atendidas, independentemente da área de atuação do profissional. A “assistência” para o adolescente não se restringia ao profissional do serviço social.

<sup>91</sup>O panóptico é uma máquina de dissociar o para ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto (FOUCAULT, 2009 p 191).

<sup>92</sup> Expressão usada pelos adolescentes ao se referirem ao passar do tempo ocioso.

“Ele é mentiroso e tenta seduzir com as palavras<sup>93</sup>” Comumente, produziam-se e se difundiam no cotidiano dos afazeres modos de dizer e de referenciar os adolescentes durante o cumprimento de medida socioeducativa. Porém, dizer não é qualquer ação. É uma nomeação que pode acabar transmitindo certa “captura” naquele e daquele que produz a ação de nomear o outro.

Quanto ao moço, corria miudinho que ela era um bom de lábia, bico-doce que gostava de contar e inventar histórias sem fim. Histórias dignas de descaso e desconfianças quanto à sua veracidade. Estaríamos diante de um moço-flutuante-contador-de-histórias que seduz com as palavras? Tal comentário técnico até poderia ser considerado como um elogio, caso não fosse o tom carregado de negatividade durante a apresentação desta possível postura do moço.

Ficamos a nos perguntar: O que seria mentir e seduzir com as palavras na cidade-internação? Seduzir com as palavras não nos pareceu pejorativo, mas sim, uma habilidade, um fascínio que o flutuante em suas flutuações pela vida havia aprendido a exercer sobre aquele que ouve sua narração. Logo, uma possível riqueza de narratividade nos acenava, o que contribuiu para que o convidássemos, posteriormente, a participar da pesquisa, pois se de fato o moço mentia, haveria de ter certo sentido em mentir.

No decorrer de nossa entrevista inicial, a questão da verdade ressurgiu, só que agora para o moço: “O que te garante que as histórias que te contaremos serão verdadeiras? O que te garante que o eu te contar será verdade?” Pausamos do lado outro da mesa e ousamos responder ao moço: “Se você mentir, será então a sua mentira. Não visamos em nosso modo-pesquisar a preocupação ou a busca por *verdades* sobre o sujeito”.

Tal resposta pareceu-nos ter descido como água fresca garganta abaixo do moço, apaziguado o impasse, produzindo aceitação dos termos e disposição para participar dos encontros. Nosso moço-flutuante, que vivia à deriva, sem âncora agora será conhecido por nós como Marco.

---

<sup>93</sup> Fala de técnico da Unidade (DC, novembro, 2010)

Em nossos encontros, as palavras de Marco expressavam o conhecimento da cidade-internação: “Cada época na Unidade tem um clima. Cada espaço tem seu clima<sup>94</sup>”. Sabedoria que revelava o rumo dos ventos. Não demorou muito para que o moço-flutuante passasse a ser moço-contido. Marco agora já não tinha a suposta liberdade do pátio e o contato com tudo que acontecia por lá. À época do convite da pesquisa, em virtude de uma visita de inspeção do CNJ, o moço, assim como os demais, foram transferidos e alojados no bloco C.

Nosso primeiro encontro foi cercado de expectativa para ambos, pois o bloco C estava “em procedimento”, pois dias antes havia acontecido uma fuga no módulo, o que significava dizer que o bloco estava sob *procedimento*, ou seja, os adolescentes ficavam trancados no módulo, até segunda ordem e a equipe de contenção ficava do lado de fora para supostamente garantir a segurança e intervir, como mediadores de conflito, caso fosse necessário.

O mundo do bloco C isolava os adolescentes da rotina e das atividades da Unidade, exceto se houvesse extrema necessidade de atendimento médico específico, pois mesmo os atendimentos rotineiros eram dificultados. Pois, em meio à contenção da vida, era difícil conversar, ver os meninos do bloco, pois a equipe de contenção não fazia o trânsito dos adolescentes na Unidade, somente permanecia, sob aviso, do lado de fora.

Portanto, garantir a ida do adolescente à pesquisa tornou-se uma questão de honra e desafio para nós, que precisávamos ir ao bloco, procurar o responsável, gritar do portão trancado na parte do lado de fora do módulo pelo agente que ficava na parte superior do bloco; ou solicitar que chamassem a gerência da Unidade pelo rádio para disponibilizar um agente para a condução do adolescente.

Uma ação aparentemente simples, como retirar um adolescente de um módulo para uma conversa, exigia dos agentes uma estratégia de guerra que resultava no fato de aguardarmos cerca de uma hora na área livre, exposta ao sol para que o adolescente fosse liberado para vir ao nosso encontro.

---

<sup>94</sup> Narrativa do adolescente (novembro, 2010)

Ao ouvir nossa voz, do andar superior do bloco, o adolescente gritava: “eu tenho um compromisso com a pesquisa, me libera aí. Você não tá ouvindo ela me chamar, não?” Era assim, uma rotina que impunha certo cansaço, certa resistência à aposta em certo modo-pesquisar.

Alianças eram necessárias, ainda que fragilizadas. Porém, ao passo que, saber que havíamos ficado uma hora para que ele fosse liberado para o encontro, produziu no moço a certeza de que estaríamos lá em baixo no horário combinado e, por isso, nos aguardava no dia e na hora marcada. “Eu podia nestas saídas respirar e passear de novo pelo pátio.”

Para chegarmos à biblioteca era necessário atravessarmos a Unidade. Este trajeto disparava a conversa, pois o moço-flutuante era conhecido na Unidade e fazia paradas para conversar e cumprimentar todos pelo caminho e tecer alguns comentários das cenas cotidianas que presenciávamos descontraidamente.

Ao chegarmos e ligarmos o gravador, Marco impostava a voz e impunha certo tom de solenidade e desconfiança ao narrar, tanto que, estrategicamente, em alguns encontros, o gravador era desligado para que ele ficasse mais à vontade, ao narrar. Seu conhecimento e convivência com o modo de funcionamento da instituição, em virtude de suas diversas internações lhe conferiam certa propriedade e jeito de colocar na pesquisa.

O momento duplo de privação – tanto o judicial, como o imposto pelas regras da Unidade, em relação ao bloco C, onde Marco estava alojado – deflagraram sentidos outros para nossos encontros, ampliando a noção de espaço-pesquisa para espaço-atendimento técnico, concomitantemente. Nestes momentos, ao mesmo tempo, acontecia o soltar e travar a narrativa, pois Marco temia que seu conteúdo fosse transmitido a gerência/servidores da Unidade, resultando assim em punição para ele e para o grupo onde estava alojado.

Bocco (2010, p. 16) nos alerta: [...] “Se a lógica policial se preocupa com causas para calcular os castigos, nós estamos preocupados com os efeitos, para então compor as intervenções”. Assim, fomos estabelecendo entre nós uma relação minimamente possível de desvinculação de técnica à Instituição, mesmo sabendo que compúnhamos estes espaços. Era um exercício necessário para que fosse criado um novo espaço de

narrar, ou um espaço misto para ambas as partes, porém um exercício não muito fácil de se fazer.

Marco era moço sedutor e falante, mas quando não queria aprofundar em questões específicas, desviava de forma escorregadia a conversa, o que não desvalorizava em nada a riqueza do encontro; ao contrário, as pausas em seu contar, as entrelinhas revelaram as franjas e as nuances de suas histórias.

\*\*\*

As histórias trazem, em sua contação, hiatos temporais; e a nossa tarefa, muitas vezes, foi acolher os fragmentos singelos que eram depositados no encontro. Fragmento de uma história, de uma vida.

Filho único, Marco lembrava que a mãe era uma mulher de poucas expressões de carinho para com ele e com seu pai. Uma mulher que vivia atormentada pelo ciúme do marido namorador, que conseguia conciliar outra duas relações e outros quatro filhos, que tinha com elas, com as outras mulheres. “Meu pai era namorador, mas era um homem responsável com a casa”.

“Minha família era muito movimentada para meu gosto” dizia ele em tom de gracejo. “Eu nasci em Vila Velha<sup>95</sup>, meus pais brigavam constantemente por diversos motivos e a cada briga, eles se separavam, vendiam a casa, os móveis e os utensílios”. Neste movimento, o menino se mudava, ora para a casa da avó materna, ora para a da avó paterna, que se revezavam no cuidado, até que os pais se entendessem novamente e constituíssem outra casa, em bairros, municípios e cidades diferentes.

“Passei a viver também na Serra<sup>96</sup>, em vários bairros de Vila Velha, como Vale Encantado, Santa Rita, 1º de Maio, Aribiri, Zumbi dos Palmares<sup>97</sup>, e até no Rio de Janeiro já morei. Marco sabia se expressar bem e conduzia suas ideias com muita clareza. Seu contar trazia recortes do menino que, desde os sete anos de idade, aprendeu a flutuar na vida, nas diversas casas, nas emoções, nas lembranças, nas ruas das cidades

---

<sup>95</sup> Município da Grande Vitória

<sup>96</sup> Município da Grande Vitória

<sup>97</sup> Bairro em Cachoeiro de Itapemirim cidade do sul do estado considerada com alto índice de violência e criminalidade.

onde viveu e passou, pelos Departamentos de Polícias de diversos bairros da capital do estado, bem como em diversas cidades-unidades-socioeducativas.

Mesmo flutuando aqui e ali, nas casas dos avós, dos pais ou só com o pai, o menino Marco era frequentador de creches, e havia tido uma vida escolar regular, até a sétima série do ensino fundamental. O abandono dos estudos se deu no fim de 2006, período em que sua mãe passou a frequentar uma igreja, tornou-se missionária e em suas palavras: “resolveu seguir a Deus e “fazer missões” viajando pelo Brasil e depois foi morar em Portugal”, permanecendo o menino com o pai. Havia quatro anos que não via sua mãe e tinha notícias só quando ela ligava para o pai do menino.

Nesta fase, aos 14 anos, Marco dizia que se sentiu abandonado pela mãe e encontrou refúgio nas drogas, no trafico, na prática de pequenos furtos, chegando a assaltos a mão armada. “Eu já estava me envolvendo com uns camaradas, sabe? com uns camaradas que não são gente boa. Aí eu comecei a traficar com os caras, aí depois os caras me chamaram para roubar, aí eu não queria roubar, não, mas tinha fumado uma droga, peguei e fui; e não parei mais!”

A avó que comprava ioiô<sup>98</sup> que piscava bonito e chupe-chupe<sup>99</sup>, durante as idas para escola do menino, quando este tinha cinco anos, agora desconfiava de suas saídas e do longo tempo que ficava fora de casa, mas não conseguia impor rotina a Marco. Seu pai era sócio em uma micro-empresa e trabalhava o dia todo. Apesar de sua mãe mandar certa quantia de dinheiro do exterior, era o pai que a administrava. Marco tentou ganhar algum dinheiro trabalhando como ajudante de garçom em uma pizzeria, porém por lá foi acusado de roubo por um cliente e foi demitido. “Depois disto não tentei mais trabalhar. Não fui eu que roubei, não!”

O dia a dia de Marco, após o abandono da escola, se constituía das artimanhas do envolvimento em atividades ilícitas, que dispararam constantes apreensões em Departamentos de Polícia por tráfico de droga, porém sempre era liberado. Aos poucos, o menino flutuante foi se institucionalizando. No momento de nosso encontro, estava na nona passagem por Unidades Socioeducativas, sendo a primeira em 2006 e a atual medida de internação iniciado em 2010. Das nove passagens relatadas por Marco, sete

---

<sup>98</sup> Tipo de brinquedo.

<sup>99</sup> Picolé acondicionado em sacolas de plástico.

foram na cidade-internação UNIS e duas na Unidade Provisória - UNIP. Todas elas por tráfico de drogas e roubos.

\*\*\*

Marco estava cumprindo uma medida de internação na UNIS há um ano e quatro meses, por roubo. Dizia não sentir estranhamento em nada que acontecia na Unidade, pois conhecia sua rotina, seus espaços, seus becos, suas vielas, suas conversas, a lógica e o modo de funcionamento, pois dos oito espaços, na época da pesquisa, ele já havia estado alojado em sete deles. “Eu penso as mesmas coisas de todas as vezes que eu vim pra cá. Mas agora eu não só penso como eu vou mostrá-las em prática, vou fazê-las, vou concretizá-las!”

No ato da pesquisa, vários acontecimentos se deram. Considerando o momento de contenção no bloco C e os avanços na relação, na proximidade entre nós, Marco começou a narrar sem reservas e a trazer em sua narrativa a indignação do grupo do bloco C com a tranca<sup>100</sup>, à qual estavam submetidos; com a precariedade de atendimento e com as condições do alojamento. “Estamos sendo diferenciados dos outros socioeducandos”.

Destacando sua capacidade de argumentações, Marco contou que no dia anterior havia escrito em parceria com outros adolescentes do bloco uma carta à diretoria. Em tom solene ele descrevia o conteúdo: “Venho através desta humilde, pequena e simples carta fazer um apelo à vossa senhoria da gerência, a respeito das melhorias da nossa galeria. Entramos num acordo entre nós aqui e decidimos fazer o jogo dos senhores.”

Ele narrava a carta enviada, na qual falava da condição de “insignificantes” que eles, do bloco, se encontravam; do abandono do grupo em relação aos outros espaços da Unidade, em especial aos adolescentes do espaço Resignificar; e da truculência dos agentes da contenção, quando entravam para inspecionar seus pertences, em busca de aparelhos celulares e drogas. “Nós não queremos nada a mais. Queremos apenas a igualdade, nós estamos sendo tratados como seres insignificantes na Unidade. Não estamos sendo socioeducandos, estamos sendo socioespacandos”

---

<sup>100</sup>Narrativa do adolescente (dezembro, 2010)

Marco, nos outros espaços da Unidade, participou de algumas das atividades pedagógicas e estava matriculado na sétima série do ensino fundamental, porém considerava que era para passar o tempo. Além das atividades diárias de escolarização, ele frequentava as oficinas de informática, tecelagem, artesanato, pintura e decoração de caixas de madeira. Marco gostava de tocar violão e teclado, porém não frequentava as atividades de música que haviam na Unidade, pois dizia: “Não, nunca fui! Maior ilusão aquilo lá. Prefiro eu mesmo me iludir, que deixar o outro me iludir”.

À medida que lembrava, Marco transcrevia o conteúdo da carta em nosso diário de campo. Marco dizia que, com certeza, muitas pessoas não acreditariam na autoria daquela carta, pois “seres considerados insignificantes não escrevem com tom de solenidade. É preciso ouvir a voz da verdade”, dizia ele. Justo o Marco a se preocupar com essa tal verdade. Justo o Marco, cujo ser ou não verdadeiro estava sempre sob suspeita. “Não sou uma pessoa insignificante, eu sei disso. Eu pago de insignificante, quando eu quero!”

Apesar do tom solene, a carta não poupou, como em um desabafo, denunciar os abusos da equipe de contenção, ao contrário da missão da instituição, que é a socioeducação. Estas práticas, para ele, geravam vontade de fugir. “Essas coisas causam revoltas. Revoltas, causam revolução e revolução causa fuga. Fuga causa mais problemas, mas é melhor ter mais problemas lá fora do que mais problemas aqui dentro.”

\*\*\*

Um breve desfecho...

Em nosso encontro seguinte, Marco chegou monossilábico, estranho, distante, arredio, como se tivesse se arrependido dos fatos narrados no encontro anterior ou ter sido orientado para tal postura. Chegou e se assentou calado.

Então, perguntei-lhe:



- Como você está hoje?

Ele respondeu: - Estou vestindo um moletom verde!

Um breve silêncio e perguntei novamente: - Você está bem?

- Estou! Respondeu ele secamente.

- Vamos conversar?

Ele disse em tom de distanciamento: - Fala ali que eu ouço.

Diante do silêncio, relembramos a Marco que tínhamos um cronograma a cumprir, mas que poderíamos, caso ele não estivesse bem naquele dia, marcar nosso encontro. Neste momento, Marco simplesmente se levantou bruscamente da cadeira e disse: “já entendi, você não quer mais me atender”. E saiu da sala deixando-nos o desafio de tentar entender o que se passava com ele. “Nós precisamos é sermos ouvidos”, lembrava uma de suas falas. De que ouvir o adolescente estava falando? Um analisador<sup>101</sup> se colocou neste ponto.

O encontro com os meninos na condição de privação de liberdade foi e sempre será desafiador. O que Marco tanto esperava de nossos encontros? A subjetivação, ou produção de subjetividades é um processo permanente e interminável, como nos fala Bocco (2010, p.74). Processo que ocorre não apenas no campo individual, mas no campo social e material e que faz com que “seja impossível tornar por separado um sujeito ou um fenômeno dos componentes sociais que o atravessam e revestem”.

Creemos que ainda estejamos longe de conhecer o mundo habitado por Marco. Cabe-nos respeitar o que havia sido acordado e nos deslocarmos da necessidade de entender tudo. “Nem sempre precisamos entender e sim acolher o momento do menino-flutuante”. Entender e aceitar que Marco simplesmente se afastou sem ter se desligado. Oportunamente, conversamos como ele, como também, agradecemos sua participação e confirmamos o uso de sua história.

Um mês após nosso último encontro, Marco recebeu liberação judicial. Podemos avistá-lo, ansioso, da sacada da administração, debaixo da velha e conhecida jaqueira, se

---

<sup>101</sup> São os analisadores que fazem a análise, afirma Barenblitt (1992), referindo-se a que no próprio processo do grupo emergem temas, as “pontas de novelo”, que colocam em marcha a análise e mais novos movimentos.

despedindo da visão que acostumara a ter de lá. “Eu estou assim, igual a meu olho, eu estou vendo a luz do mundo escurecer para mim”.

O menino-flutuante, agora mais amadurecido na relação com o pai, que jamais deixou de visitá-lo na Unidade, pretendia fixar chão e tinha expectativas de trabalhar em companhia do pai. Não sabemos por quais caminhos o menino passou a flutuar ou se conseguiu estabelecer um *marco* para orientar seus passos, seus objetivos. Contudo, algumas questões de sua contação resabiada de menino-flutuante permanecerão, assim como a vida, em estado de incompletude, registradas em aberto como este conto-narrativa.

\*\*\*

*Conto-narrativa*

#### **4.4. O beija-flor pensador**

Voar, voar  
Subir, subir  
Ir por onde for  
Descer até o céu cair  
Ou mudar de cor<sup>102</sup>.

Quem nunca parou para admirar o voo ligeiro do beija-flor, com seu bico longo, sugando o néctar das flores? Bichinho de asas tão velozes, que o fazem plainar durante a experimentação das paisagens. É desafiante capturar a imagem do seu voo. Os olhos não comportam tamanha ligeireza.

Beija-flor gosta de sentir cheiros e texturas. Quando cai a noitinha, o sereno vem fechando o dia e ele espera calmo pelo nascer do novo dia, para, de novo, plainar levemente por entre as flores e os cheiros. Arrisco: o bichinho sabe reconhecer que o

---

<sup>102</sup> Música Sonho de Ícaro - Biafra

homem cultivava gosto por aprisionar pássaros, em gaiolas bem reforçadas e reserva-lhes cuidados que não pediu.

O menino trazia beija-flor nos olhos. Chegou voando baixinho, com asas pensantes, velozes, ao nosso encontro. Curioso, com olhos brilhantes, corpo esguio, pele parda e cheio de estripulia, plainava, bicando as palavras como se fossem flores cheias de néctar. Cantava, gíngava, como se experimentasse as paisagens.

As mãos eram como asas ligeiras, que expressavam formas de habitar seu corpo. Os gestos ritmados convidavam o ouvinte a bailar nos *entres* de sua contação. Passarinho disposto às experimentações, ao diálogo e ao encontro. Dono de uma simpatia invejável e de um sorriso largo e radiante, que enchia a sala. Mesmo nublado, o dia se tornava ensolarado quando ele chegava ou até mesmo quando seguíamos caminhando pelo pátio da cidade-internação, rumo à sala da biblioteca, para nossa conversa.

Gostava da proximidade, do olho no olho e de pensar o menino. Em nossos voos-encontros, ele puxava a cadeira e logo sentava ao lado. Costumava dizer: “nestes instantes de conversas, posso voar na mente como se minha cabeça se libertasse do corpo aprisionado e pudesse me levar para além dos muros da Unidade. A mente pode te levar onde suas pernas não alcançam”.

Tinha asas hábeis e invisíveis de pensar. Potências de pensar e agir eram produzidas, em nossas conversas. O menino gostava de discutir e propor análises com palavras, que saltitavam de sua boca frouxa e sem mordanças. Em certos momentos, perdíamos-nos na conversa e nos esquecíamos das circunstâncias e das condições da cidade-internação onde estávamos.

Seu canto passarineiro, cheio de detalhes e riquezas revelava a intensidade de seu viver que impregnava a sala. Beija-flor-menino, seu cantar – mesmo aprisionado, pela quarta vez, em unidades socioeducativas – mantinha acesa a chama da vontade de

retornar aos voos na pista<sup>103</sup>, que julgava conhecer. Menino agradecido. Sentia-se honrado em alguém ter se interessado em ouvir sua história, contada por ele mesmo, lá onde ela acontece, mesmo que fragmentada.

A manhã do nosso primeiro encontro estava quente de sol. Ele chegou tentando manter certa sequência cronológica no cantar-contar dos acontecimentos de sua história. O menino-beija-flor tentou montar, arrumar, feito ninho aconchegante, os recortes da infância, da adolescência e das vivências em Unidades Socioeducativas; porém, durante os encontros, seu cantar/contar foi ganhando força no fluxo do seu pensamento. Seu melhor voo era na pista. “Quando vou numa festa eu fico na pista. O melhor lugar para ficar é na pista, lá a gente dança, vê as pessoas e conversa”.

\*\*\*

Desde moleque, o menino pensador prestava atenção nas coisas de gente grande. Aos cinco anos de idade, percebeu que existiam diferenças físicas entre ele e os pais. “Eles eram branquinhos e eu meio moreninho, assim. Logo pensei que tinha uma coisa estranha acontecendo”. Foi ouvindo as conversas, à espreita, que descobriu que era filho adotivo.

Seus pais tinham filhos crescidos dos casamentos anteriores e se conheceram já idosos, na cidade do Beija-flor, Santa Teresa<sup>104</sup>. Da união nasceu a vontade de constituírem uma nova família, motivo pelo qual adotaram o menino, filho daquela cidade. “Quando soube, a notícia da adoção mexeu comigo, mas não senti mágoas, rejeição ou discriminação das pessoas ou de meus outros irmãos”.

Cheio de jeitos de pensar, desde cedo, em seu cotidiano, como os de qualquer outro garoto, tinha gosto pela liberdade, queria ficar na rua do bairro Andorinhas<sup>105</sup>,

---

<sup>103</sup> Pista é uma referencia a rua, a liberdade.

<sup>104</sup> Cidade do interior do Estado do Espírito Santo

<sup>105</sup> O bairro Andorinhas localiza-se ao nordeste de Vitória, às margens do Canal de Camburi, próximo à ponte da passagem. O bairro recebeu o nome de Andorinhas em função da existência de uma pedra às margens do mangue, onde frequentemente pousavam muitas andorinhas, que inclusive já faziam parte da

onde morava, que por coincidência trazia nome pássaro. À distância de algumas pedaladas, podia – no alto da ponte da passagem – avistar a beleza do canal, do manguezal e da parte da baía da capital da cidade de Vitória, ao fundo do cenário, com seus amigos e sua inseparável bicicleta.

A mãe zelosa preferia que o menino ficasse o máximo dentro de casa; mas era no afetuoso pai aposentado, pela idade avançada, que ele encontrava o incentivo para seus prazeres e distração na rua, em frente da casa, enquanto a mãe saía para o trabalho de costura.

Foi assim, até seus onze anos: “a mãe me vigiava e o pai me deixava brincar”. Passou-se pouco tempo e o *velho* pai morreu, deixando o menino e sua velha mãe. Morte triste a do *velho* pai que impulsionou o menino a experimentar outros voos, outras paisagens. “Não queria mais ficar preso em casa, com a mãe, e ouvir seus conselhos”. Como gostava muito de estudar, fez dos estudos uma oportunidade de fazer amigos e também de lazer.

A *velha* mãe não mais controlava o menino. “Eu saía de casa e voltava à hora que bem entendia. Gostava da companhia e das conversas dos amigos mais velhos.” Neles, o menino encontrou parcerias e distrações como: o cigarro e a maconha, durante as idas e vindas da escola, fazendo com que a situação em casa com a mãe se tornasse insustentável.

O menino, que agora conheceremos por Ícaro, queria voar tão alto, que não se atentava para os riscos de seu voo. A mãe, temerosa por seus voos, mandou que ele fosse morar na cidade de Belo Horizonte, na casa de sua tia, por um período no qual pudesse trabalhar, estudar e se afastar das companhias que havia arranjado.

Por lá, o pássaro Ícaro esteve por oito meses, realizou alguns trabalhos e parou de usar drogas. A saudade fazia com que a mãe telefonasse para o menino e não demorou para que ela pedisse que ele voltasse. Uma volta cercada de expectativas. O

---

paisagem ambiental da área, do lado oposto ao campus da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Fonte: Diagonal Urbana, Projeto Terra. SEDEC / DIT / GEO

menino voltou e se matriculou na oitava série do ensino fundamental em uma escola pública, localizada num bairro próximo, com uma população considerada de padrão de vida médio/alto, com alta concentração de bares, festas, jovens universitários, vida noturna agitada e comércio de drogas.

Logo, Ícaro reencontrou os antigos amigos e as drogas; além de fazer amigos novos, o que deixava novamente a velha mãe cheia de preocupações. Neste novo grupo, aprendeu a cheirar cocaína, tendo sido surpreendido pela polícia, aos 14 anos, ao sair de uma boca de fumo, ainda com as narinas sujas do pó, em horário que deveria estar na escola.

Na abordagem, os policiais o liberaram e apreenderam somente seu amigo, de 16 anos. A partir desse evento, Ícaro experimentou pela primeira vez a droga não era só curtidão, como de costume. Ela não só produzia adrenalina sobre o corpo, mas também o medo e a angústia, pois naquele dia precisou sair pedalando, por uma longa distância, com o peito acelerado, em busca do pai do colega, para avisar da sua apreensão.

Em certa ocasião, após ter passado uma manhã inteira na praia, praticando esporte, com uma prancha velha de surf, em companhia dos amigos e sem se alimentar, Ícaro foi surpreendido com o desafio de um colega, a caminho do ponto de ônibus: “duvido que você roube o dinheiro daquele *playboy* que está passando ali do outro lado da rua!”.

Foi assim, desse jeito, aparentemente inconsequente e desarmado, que Ícaro começou a fazer pequenos assaltos, abordando pessoas que passavam pelas ruas. Não passou muito tempo, comprou uma arma e seguiu, aprimorando-se, em façanhas maiores, como roubo de carros e de motos.

Seu círculo de amizades foi se expandindo e o dinheiro dos roubos possibilitou sua entrada no tráfico de drogas, naquele bairro considerado nobre, perto da escola onde circulava como usuário e já conhecia a rotina do comércio de drogas da região.

\*\*\*

Drogas, tráfico, bebidas, noites intermináveis e várias apreensões e passagens nas Unidades se sucederam. Produzindo impressões sobre seus voos pelas Unidades, o menino contou que, aos quinze anos, conheceu pela primeira vez, uma Unidade Socioeducativa, tendo passado pela Unidade Inicial, pela Unidade Provisória e agora, aos dezoito anos, estava na UNIS.

“Quando eu era primário, eu cheguei na Unidade Inicial e foi um momento meio estranho pra mim, porque eu nunca tinha passado por esta situação. Eu cheguei para o agente socioeducativo e falei com ele meio assim: e aí, cara, como é a coisa aí dentro? Ele só me falou uma coisa: isso aqui pode ser até um inferno, só depende de você. Como é que você vai se sair, só você pode falar sobre isso. Fui já conversando com os meninos que estavam lá e eles me falaram como tinha que ser. Que não podia fazer isso ou aquilo, assoviar, xingar a mãe dos outros, assim essas paradas, assim. Aí foi passando o tempo, fui me adaptando, né... o ser humano é feito meio que para se adaptar às coisas. Aí eu fui me adaptando à cadeia, fui ficando tranquilo. Fiquei tranquilo, na minha primeira passagem, e saí, e quando eu voltei, na segunda passagem, já entrei sossegado, já fiquei no meu canto. Na terceira passagem, eu já fiquei o mais velho do bloco na Provisória. Eu ficava de boa, pois já tinha uns caras que eu conhecia da primeira, da segunda e da terceira passagem. Não sou uma cara de arrumar briga, de arrumar encrenca, sou mais de ficar na minha, tranquilo. Já fui meio que me entrosando, conhecendo este meio. Aí, hoje, eu me sinto tranquilo dentro da cadeia”.<sup>106</sup>

Antes da medida de internação, Ícaro havia tido três passagens, sendo uma na Unidade Inicial, uma na Unidade Provisória e uma, com duração de três meses, na UNIS. Todas por roubos e tráfico de drogas. Na Unis, à época da pesquisa, estava há nove meses e, desta vez, a história era outra - o menino Beija-flor havia sido apreendido por um homicídio.

Seu contar seguia fluidamente até o momento de falar sobre o que havia cortado as pontas de suas, para que não mais voasse, por um período de até três anos, longe da cidade-internação. A voz engasgou, o corpo se encolheu na cadeira e, nitidamente, ao

---

<sup>106</sup> Narrativa de adolescente (dezembro, 2010)

falar do homicídio, a nota alegre até então de sua contação se converteu em tom de melancolia. As cores vibrantes se acinzentaram, ao se embrenhar nas lembranças do acontecimento. Seu corpo se desconcertava na cadeira, tentando encontrar certo ajuste e conforto; os olhos fitavam o chão; as mãos roçavam a cabeça; e a voz quase que sumia, embargada ao dizer: “É complicado contar essa parte de minha historia!”

Eram fragmentos dolorosos de se contar. Ícaro, durante suas andanças pela noite e atividades do tráfico, havia conhecido uma moça, com a qual manteve um breve envolvimento, nas baladas da rua. Porém, a moça o procurou, certo dia, com necessidade de moradia temporária e ele a acolheu por quatro dias em sua casa, com certa resistência de sua mãe.

No entanto, antes da partida da moça, Ícaro foi apreendido e ficou quarenta e cinco dias na Unidade Provisória. A moça, por sua vez, permaneceu morando em sua casa até seu retorno. Em uma noite, após ter saído da Unidade, foi buscar a moça no serviço e de longe a avistou com outro rapaz, em situação de intimidade na rua. Ficou muito aborrecido e foi para casa aguardar por ela. Eles discutiram e houve agressões físicas entre ambos. A mãe apavorada gritava do lado de fora do quarto tentando aplacar a confusão.

Ícaro não tinha arma de fogo guardada em casa, mas por ironia, antes de ser apreendido, havia sido presenteado, pela própria moça, com uma faca de corte sofisticada que costumava ficar guardada debaixo de seu colchão. No calor da discussão e da briga seus corpos caíram sobre a cama e, no ímpeto, o menino se lembrou da faca guardado e feriu a moça mortalmente.

A mãe – desesperada com a cena vermelha, diante dos olhos e vendo o filho, ali, paralisado – decidiu acionar a polícia. A partir daí, o passarinho voaria rumo à paisagem da UNIS e seria mais um dentre os tantos que por lá estavam.

\*\*\*

Habilidoso com as palavras, Ícaro produzia, em nossos encontros, análises sobre o cotidiano, as regras, as relações, as práticas e o aprendizado dentro da Unidade.



Inteligente, relacionava a Unidade ao conteúdo do filme “Tropa de Elite 2”, dizendo que o inimigo agora era outro, ao se referir ao sistema, ao modo de funcionamento da sociedade.

Mesmo com certas capturas, seu discurso trazia análises pertinentes e tornava o encontro enriquecedor. Ele dizia que era um cara que pensava mesmo não sabendo se o que pensava estava errado ou certo. Dizia ele: “mas é isso que eu penso. É meio que minha opinião e não abro mão dela”.

Ao se referir a UNIS, dizia que lá era uma faculdade de criminalística. Desdobrando seu comentário seguia dizendo: “Vamos supor: ladrões, homicidas e estelionatários no mesmo espaço que os primários, que cometeram pequenos furtos. Os primários chegam aqui com a mentalidade pequena, começam a trocar ideias com os caras, veem o dia a dia dos caras, veem e, ouvem as histórias dos caras, aí, a sua mente criminal já vai evoluindo, ele vai pensando maior, dentro do crime”

Comparava a vida e as relações de poder do lugar. “Todo mundo quer um pouco de controle a mais. Sua mente pode te levar a lugares que suas pernas não te levam, no crime. Por exemplo, a pessoa entrou aqui porque roubou um chocolate no supermercado, já pode sair roubando “o supermercado”. Aqui dentro o cara vai tentar se eleger, se levantar no crime com o que ele aprende aqui”.

Hávamos encontrado Ícaro, por várias vezes, fazendo artesanato na sala ao lado da qual conversávamos. Era participativo e frequentava as atividades pedagógicas propostas pela Unidade, regularmente. Estava na 8ª Etapa do 2º segmento da Modalidade EJA, em parceria com a Secretaria do Estado de Educação – SEDUC.

Em um dos nossos encontros, o adolescente chegou abatido, após ter ficado quatro dias “de tranca<sup>107</sup>”, dentro do módulo. A semana havia sido puxada: “rolou um conflito, um desentendimento entre o segundo e o terceiro barraco<sup>108</sup> e o quarto, o

---

<sup>107</sup> A tranca é uma expressão que tanto pode designar a hora de entradas dos adolescentes nos alojamentos internos dos espaços para que sejam fechadas as portas, como também uma expressão de privação, ou seja, significa ficar “trancado” no alojamento até segunda ordem sem acesso a outros espaços coletivos. Geralmente a tranca acontecia após alguns eventos como rebeliões, brigas ou contenção feita pela equipe de contenção do IASES.

<sup>108</sup> Expressão usada pelos adolescentes ao se referirem aos alojamentos coletivos dentro do módulo.

quinto e o sexto barracos estavam pensando que a gente estava de maldade<sup>109</sup> com eles; e a gente pensando que eles estavam de maldade com nós. Aí, a cadeia ficou dividida”.

Ícaro contou que todos se armaram, com os ferros guardados nos alojamentos, e ficaram esperando o pior acontecer. “A equipe de contenção chegou e ficamos quatro dias na tranca, por causa disso. Eles não queriam liberar a gente do alojamento, pensando que íamos matar uns aos outros. Ficamos sem atividade nenhuma, sem cigarro, sem nada. Quando o cigarro acabou, ficou só o ódio. Batemos chapão, colocamos fogo em alguns colchões, o que piorou, e muito, a nossa situação.”

“Quando a gente fica preso, dentro do alojamento pequeno, não tem nem como você andar, sair pra beber uma água, ir ali conversar com outra pessoa. Você olha e vê sempre as mesmas caras. É a mesma coisa todo dia: acordar, tomar café e esperar o dia passar naquele calor. É uma rotina desanimadora”.

O dia do nosso encontro coincidiu com a liberação da tranca. Neste dia ele pediu ao agente “Me leva lá na pesquisa, preciso desabafar. Preciso conversar! Ícaro chegou com o corpo esgotado, cabeça pesada, olhos escurecidos e sem leveza. Os sentimentos e sensações estavam misturados. Aos poucos foi narrando e retomando seu ritmo descontraído.

Em certos encontros, a vida de Ícaro, assim como a dos outros meninos se revelava recortada e distante de outras possibilidades. Vida imersa no cotidiano da Unidade; e nossos encontros possibilitavam a abertura de outros espaços para falar destes recortes e destas angústias, pela via da poesia.

Em certo encontro, Ícaro chegou, ligamos o gravador e, de repente, um pássaro despercebido bateu no vidro da janela da biblioteca e caiu tonto sobre os livros da prateleira mais alta. Ícaro, atento ao movimento do pássaro, saiu correndo, gritando: “Um passarinho, um passarinho. Coitado! Ele bateu no vidro e está machucado”.

O gravador seguia, registrando a cena. Tanto Ícaro, como nós, saímos ao socorro do pequeno bichinho correndo pela sala. O pássaro tentou um voo sem sucesso, do alto da prateleira, em direção a algumas caixas que estavam no canto da sala. O menino

---

<sup>109</sup> Estar de maldade significa estar intentando uma agressão ou ação de agressão em momento previamente planejado.

abaixou-se sobre elas e encontrou o passarinho acuado, entre os livros. Levou a mão ligeira e acolheu o pássaro. Seus olhos brilhavam, sorrindo ao perceber que trazia nas mãos o pássaro: “Nem acredito que tenho um passarinho na palma da minha mão. Há quanto tempo não sei o que é isso! Já sei: vou levá-lo para dentro do módulo, lá tenho uma farinha. Dou para ele se alimentar. Vou cuidar dele, vou amarrar o pé dele para ele não fugir!”

Ali, parado, admirando o pássaro, o menino perguntou-nos que nome daria ao bichinho. Sem nos dar conta do que havíamos acabado de falar, sugerimos que fosse “Liberdade” o seu nome. Neste instante, Ícaro retomou e disse; “preciso só cuidar dele, não posso amarrar seus pés, ele nasceu para voar. Quem sabe eu também não vou ser libertado?”

Uma cena. Uma potência. Neste encontro, Ícaro se despediu, levanto entre as mãos o pequeno pássaro, o coração cheio de esperanças e muita coisa na cabeça para continuar pensando.

Outra cena...

Em outra ocasião fomos à sala de atendimento esperar por Ícaro e nos avisaram de que ele deveria estar na aula de artesanato. Chegamos e ficamos na porta. O menino estava tecendo os últimos fios de uma pulseira. Ele veio até nós e nos presenteou com aquela pulseira colorida que acabara de fazer. “Quando estava fazendo esta pulseira, não queria ficar com ela, queria dar para uma pessoa que não sabia quem era. Aí você chegou para me buscar e pensei: é para ela que vou dar a pulseira!”

“Você agora é minha amiga”, disse ele. Ficamos surpresas com sua declaração, o que havia produzido amizade entre nós? Aos poucos, entendemos que a amizade a qual Ícaro se referia não se tratava de “transforma-me em igual e eliminar supostas diferenças”, como aponta Bocco (2010 p 203) tratava-se, precisamente, de “habitar a diferença como modo de relação, sendo a amizade uma conexão possível, não apenas entre um ser e outro, mas também com planos de singularização e de criação que nos atravessem aos dois”.

Estávamos no mês de dezembro, perto dos festejos natalinos. Durante um de nossos encontros, o coordenador de um projeto de teatro que acontecia na Unidade

convidou Ícaro para declamar uma poesia de natal. Aproveitamos a deixa e conversamos sobre como seria para o beija-flor, acostumado a voar, livre e solto, viver este período do ano dentro da Unidade. Ícaro, acostumado às palavras, escreveu em nosso caderno uma poesia que gostaria que fosse incluída no texto final da pesquisa:

“Sinto saudade da rua. Sinto saudade das coisas que estão lá. Como: do cheiro de liberdade, das árvores e das pessoas que nem conheço. É bom estar na companhia de uma multidão. Se eu fosse falar de alguma coisa da qual eu sinto saudade da rua, falaria de tudo. Prometo que vou fazer o possível para nunca mais ficar longe dela, porque quem inventou as grades não sabe a dor da saudade.”

A poesia era um reflexo da possibilidade de ser autorizado, judicialmente, a sair para passar o natal em casa, com a mãe. Ele trazia na fala e no olhar a esperança daqueles possíveis três dias permitidos, que logo se concretizaram, pois após nossa última reunião, encontrei Ícaro no pátio, preparando-se para voar portão afora. Assim como também pude presenciar, três dias depois, seu rosto triste, ao retornar à Unidade para dar continuidade à medida de internação. Para ele, não havia palavras para descrever a dor do retorno à unidade.

Durante a audiência de reavaliação que o juizado fazia periodicamente na Unidade, no início do ano de 2011, Ícaro não recebeu liberação para cumprir medida, em meio aberto. Poucos meses depois, vimos de longe, sem a permissão de chegarmos à sala onde ele estava, a angústia em seus olhos, ao ser transferido para a recém-inaugurada Unidade de Xuri<sup>110</sup>. Assim, ao beija-flor foi imposto voar por aquelas bandas, em companhia do afinador de silêncio, um parceiro que havia conhecido na UNIS. Um novo território a ser reconhecido esperava por ele. Seria mesmo novo? Não se sabe. Sabido, mesmo, o beija-flor pensador permaneceria, não se sabe por quanto tempo, na gaiola de outra cidade-internação sem poder voar.

\*\*\*

---

<sup>110</sup> A Unidade de Xuri está localizada no município de Vila Velha/ES. Foi inaugurada no início de 2010 e recebe adolescentes entre a faixa etária de 17 a 21 anos.

#### 4.5. O afinador de silêncios<sup>111</sup>

A família, a escola, os outros, todos elegem em nós uma centelha promissora, um território em que poderemos brilhar. Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio. [...] Quando me viram, parado e recatado, no meu canto, eu não estava pasmado. Estava ocupado de alma e de corpo: tecia os delicados fios com que se fabrica a quietude. Eu era um afinador de silêncios.<sup>112</sup>

O mundo moderno não reconhece o silêncio, porém o silêncio fala sem, contudo, nos dizer o que esta acontecendo. A vida capital exige dinamismo, se ocupa da pressa, do barulho, das tarefas. Não se pode perder o foco. A cidade que nos cerca é cheia de luzes, carros, televisores, letreiros, faróis, toques de celulares, malabaristas nos sinais do trânsito, gente limpando o para-brisa dos carros e tantas outras informações, que transitam em frações de segundos, simultaneamente, diante de nós.

A tecnologia se impõe criando sequências absurdas de atividades, em tempo real, para serem cumpridas e, gulosa, engole a calma. Caminhamos, almoçamos e amamos conectados às suas inúmeras parafernálias. O timbre das vozes aumentou e a velocidade do falar também. As conversas não precisam de sentidos, pois não temos tempo para escutá-las, como nos lembra Chico Buarque em *Sinal Fechado*, estamos correndo atrás do futuro. Vivemos numa certa cultura do grito. Parece não existir mais espaço para o silêncio em meio ao vozerio sem sentido.

É aceitável e prudente que as palavras dos habitantes de uma cidade-internação sejam poucas e comedidas e que certo o silenciar seja uma estratégia de sobrevivência dentro de seus muros. Porém, não nos referimos ao silêncio como ausência de palavras momentâneas, mas, sim, à certa política do esquecimento, às vezes necessária.

---

<sup>111</sup> Título inspirado no personagem Mwanito do romance *Jesusalém* de Mía Couto.

<sup>112</sup> MIA COUTO. **Pensatempos: textos de opinião**. Lisboa: Editora Caminho Nosso Mundo, 2005. (p.15)

Algumas pessoas, como o moço gentil e de poucas palavras que conhecemos, trazem o silêncio na alma, aquele do tipo que incomoda, que nos arranca do eixo e que se coloca feroz diante de nós. “Aqui é necessário ouvir mais e falar pouco. E preciso saber calar quando não se sabe. Não tenho muitos problemas aqui, não. Sempre fui um cara quieto e de poucas palavras, mas nunca neguei uma atitude quando foi preciso.”

Não conhecíamos, até o momento de nosso primeiro encontro, o moço alto, magro, de olhar distante e nostálgico que se esgueirava pelos cantos da cidade-unidade. A cidade-internação guardava segredos que ora se revelavam: o moço, que reinava no mundo silencioso, havia aceitado conversar conosco.

O alojamento onde estava ficava próximo às salas de atendimentos técnicos e como conhecíamos os agentes dos dois turnos, não encontramos dificuldades em cumprir nossos encontros. O senhor absoluto do silêncio, que agora chamaremos de Ricardo, impunha o ritmo lento das passadas, durante o trajeto até a chegada à sala da biblioteca.

Ele gostava de sentar-se na cadeira, ao nosso lado, falar mansamente com a cabeça abaixada, vasculhando um a um os dedos das mãos, como se lhes pedisse coragem e auxílio para lembrar-se de sua história. Queria por os tempos em sua mansa ordem e não havia espaço para relaxar. Em seu corpo-silêncio parecia habitar uma selvagem exaustão, que não vinha dos seus 18 anos de idade.

Corpo de menino-homem que aprendera a se perder dentro de si. Deixava, por instantes, vazar nas porosidades um quê de cansaço como o daquele viajante, que vindo de uma longa viagem depositada as lembranças espalhadas pelos caminhos por onde passava como se aliviasse o fardo sem pretensão de voltar para apanhá-las. Como no romance “Terra Sonâmbula”, de Mia Couto (2007), onde o personagem Tuahir, ao se referir às suas lembranças, diz que estas “desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de roubarem do presente aquele que as detém”.

\*\*\*

O tempo passeava com mansas lentidões em sua infância recortada e o silêncio foi o companheiro fiel de suas brincadeiras de menino, das quais dizia não se lembrar de nada ocorrido antes dos seus 13 anos. “O que vivi antes disto, não consigo lembrar”.

Buscava na memória por algumas lembranças guardadas. Como lampejo, contava dos moleques de seu bairro, brincando de bola na rua e fazendo a atividade da venda droga. “Às vezes, eu custava dormir e ficava da janela do barraco olhando a rua e os moleques por lá. Cheguei a perder muitos amigos de infância que foram mortos por causa das drogas”.

Não havia do que se lembrar. Não se lembrava de ter brincando nesta vida. O esquecimento forjado, o não lembrar era para Ricardo o mesmo que não sentir a vida. Será por que alguém esquece ou não quer lembrar detalhes ou momentos de sua história?

A família morava em Vitória, na capital do estado, cidade onde o menino havia nascido e frequentado a escola sem, atropelos ou resistências, até o 1º ano do ensino médio. “Sempre estudei normalmente, não fui reprovado, não. Gostava e achava importante estudar, mas fui me afastando, por causa de meu envolvimento maior com o tráfico, pois com quatorze anos, fui flagrado com uma arma de fogo e fui apreendido pela primeira vez”.

A relação familiar de Ricardo era complexa. Ele vivia com o pai, a mãe e dois irmãos, o mais velho tinha 21 anos e o menor, 10 anos de idade. O pai era homem duro com as palavras e sabia usá-las como ninguém para ferir. “Gentileza, ele tinha era com os pincéis, que usava nas pinturas das casas. Quando ia trabalhar com ele para ajudar, eu não podia lavar os pincéis, era só ele quem lavava. O pai só ficava tranquilo quando cheirava uma erva”.

Os desentendimentos entre Ricardo e o pai eram constantes, pois este mantinha, dentro de casa, uma relação extraconjugal, com uma moça que ajudava sua mãe nas atividades domésticas. Coisa que não gostava de lembrar. Já a mãe, sujeitada, cuidava de casas alheias, como diarista para compor o sustento da casa.

“O pai estava casado com a mãe há dezessete anos. Ele parecia enfeitiçado por aquela mulher e deixava minha mãe de lado”. Aos quatorze anos, o menino saiu de casa

e ficou morando na rua, por três dias; e retornou. Tempos depois, juntou forças com o irmão e ambos foram morar fora da casa dos pais. A família se quebrava diante de seus olhos, feito pote de barro lançado ao chão.

Por dias, nossa conversa seguiu os fios de seu silêncio e esquecimento. Nosso exercício, em meio ao burburinho da cidade-internação, era escutar o silêncio do menino-homem que se colocava. Como poderíamos tocar e escutar o silêncio do senhor do silêncio? Como ouvir a narrativa que se constituía de silêncios?

Foi, assim, valorizando os cortes finos que o silêncio do moço produzia, que chegamos a tocar, sentir e escutar seu esquecimento. Entendemos que seus 13 anos foram o período que mais marcaram suas lembranças, pois foi nesta época que Ricardo conheceu e começou a usar drogas, na companhia do irmão e de seus amigos, como também manuseou, pela primeira, vez uma arma de fogo e posteriormente se envolveu com o tráfico e assaltou, à mão armada. O irmão era seu parceiro.

Pausas acompanhavam as palavras escassas, que tentavam explicar sua trajetória, onde a vida parecia ter momento certo para começar a acontecer. Tal impressão se dava, pois Ricardo narrava pausadamente, como se estivesse vasculhando um velho baú, em busca de suas memórias, de momentos de sua história, que pareciam ausentes. Era preciso entrar por elas, mesmo que fosse para espiar. Talvez, por isso, tenha aceitado romper o silêncio e conversar conosco. Quem sabe?

Em nossos encontros, líamos poesia, conversávamos sobre arte, música e outros assuntos de seu interesse. Tentávamos encontrar atalhos no silêncio e foi em uma dessas tentativas que descobrimos que Ricardo gostava de compor músicas.

\*\*\*

“Vou contar para você como *entrei* na vida”. Para Ricardo, a vida parecia ter um momento certo para se *entrar*. Sua primeira apreensão deu-se aos seus quatorze anos, por porte ilegal de arma de fogo, em companhia de seu irmão que, à época, tinha dezoito anos. Ricardo foi apreendido na Unidade Provisória, por quarenta e cinco dias e



foi liberado para cumprir medida de liberdade assistida; porém, não a cumpriu. Já seu irmão, foi para o presídio de Novo Horizonte e ficou por lá um ano e meio. “Uma vez fui visitar meu irmão lá. Aquilo lá não é vida, não”.

O uso de diversas drogas causou dependência em Ricardo, que não conseguia deixar de consumir. “Precisava consumir um volume muito grande por dia. Precisava traficar. Precisava ficar na atividade. Fiquei muito magro, de tanto fumar. Cheguei a gerenciar um ponto com meu irmão, mas eu dava muito derrame<sup>113</sup> e precisei parar de gerenciar”.

Neste tempo, o moço silencioso não abandonou os estudos, nem o uso de drogas, nem os furtos. Aos dezoito anos, foi apreendido por roubo e foi detido no presídio de Novo Horizonte, onde esteve por nove meses, no ano de 2010. Ao ser liberado, o moço foi transferido para a Unidade de Internação.

Durante um de nossos encontros, Ricardo puxou pela memória e lembrou-se da letra da música que havia escrito, em parceria com um detento do presídio. Foi um momento de descontração e refrigério para Ricardo poder cantar para nós sua criação:

“Ô liberdade, vê se você volta pra mim.  
Ô liberdade, só na morte te sinto enfim.  
Já vejo o morro, os caras na favela, a molecada toda.  
Meus sobrinhos crescerem na favela, na atividade prá lá e pra cá, na pista num corre e corre doido, no sufoco pra conseguir comida.  
Mãe me desculpa, mas vê que eu mereço.  
Eu sei que dá uma falta quando você bate na sua cama e lembra que eu estou preso.  
Ô liberdade, vê se você volta pra mim.  
Ô liberdade, só na morte te sinto, enfim.  
Minha mãe me disse: já chega de maldade, já basta tanta morte dos seus colegas que já se viu nesta cidade.  
Que tá tão perto ao mesmo tempo tão distante.  
Desculpa minha mãe mais prometo não ser uma cara ignorante<sup>114</sup>”.

---

<sup>113</sup> Derrame é usar a droga e não ter o dinheiro para repor. Derrame causa prejuízo para o dono da droga.

<sup>114</sup> Letra da música de Ricardo em parceria com um detento

A música fazia com que o silêncio cedesse lugar à batida leve na mesa, em busca do compasso. Havia ritmo musical em sua voz suave. A música produzia outras possibilidades para seu viver, como revelavam alguns fragmentos de sua história, de suas vivências e das de tantos outros amigos da escola, que cresceu vendo morrerem no tráfico de drogas.

Em suas poucas palavras, ele contou que foi apreendido pela primeira vez, aos quatorze anos, por porte ilegal de arma e esteve na Unidade Provisória, de onde foi liberado. Aos quinze foi apreendido por tráfico de drogas, na companhia do irmão, maior de idade, e novamente ficou na Unidade Provisória, tendo sido liberado para cumprir medida em meio aberto<sup>115</sup>, porém não cumpriu a medida imposta, tendo sido expedido um mandado de busca e apreensão pelo juiz da Vara da Infância da região onde fora apreendido.

Aos dezoito anos, o adolescente foi apreendido por roubo e foi encaminhado para o presídio de Novo Horizonte, no município de Serra, onde cumpriu nove meses de detenção, porém ao receber o alvará de soltura, precisou retornar a UNIS, para cumprir o mandado de busca e apreensão expedido, à época, pelo não cumprimento da medida em meio aberta quando era menor de idade.

Depois de nove meses no presídio, o adolescente, que não conhecia a UNIS, pensava que seria liberado e não precisasse retornar ao sistema socioeducativo. Apesar de considerar sua transferência para a UNIS como inesperada, sua chegada e sua adaptação não foram difíceis. Vivenciou alguns conflitos com outros meninos no módulo onde esteve alojado.

Sua relação com a privação de liberdade havia mudado. O sistema prisional havia deixado marcas em Ricardo. Ele vinha de um sistema duro e cheio de privações. E a UNIS, em seu entendimento, era agora um lugar tranquilo de “puxar a cadeia”. “Nada, nenhum lugar poderia ser pior que o presídio de Novo Horizonte”.

---

<sup>115</sup> Outras medidas contempladas no Estatuto da Criança e do Adolescente ver capítulo sobre encontro.

Ele não tinha vontade de pensar. Dizia que não gostava de pensar, pois seus problemas eram pesados demais para carregar. As drogas o ajudavam neste processo, pois ao usá-la, desligava-se do pensar e, portanto, do sentir. Haveria uma política de esquecimento em curso?

Trazia pensamentos povoados pelas experiências do presídio; pelas brigas que tinha com o pai; pelo irmão que estava preso; pela namorada que ficou para trás; pela mãe que estava sozinha e sofrida; pela transferência e gerência da vida na UNIS; pelo temor em retornar à comunidade; pelos conflitos que havia na rua; e pela própria vida. O que, para o adolescente, era um fardo pesado demais e que queria esquecer.

Ele não revelava planos e projetos para quando fosse liberado da cidade-unidade. Vivia o agora em forma de recortes de não-pensar, não-sentir, mesmo que momentaneamente. Recortes do desassossego, diante do tempo que sabia que ficaria na Unidade.

Sobre as relações e sobre sua estada na UNIS, o adolescente era monossilábico. Ele dizia: “Quando eu venho conversar com você, os caras ficam falando: quem é essa mulher aí, que só tira vocês dois? Qual é a dessa simpatia toda? Vocês conversam sobre o quê? Você não está entregando as paradas nossas, não, né? Só olhei para os caras e disse: Claro que não, nossa conversa lá é coisa séria.”

“Quando venho aqui me sinto diferente, tipo na rua. Mas quando eu volto para o módulo, aí já muda o clima todinho, entendeu? Porque lá é diferente. Aquela vida que nós levamos lá é diferente. A gente não conversa, assim, como a gente está conversando aqui, agora, entendeu? Não dá para falar de nada importante lá dentro do módulo”.

O adolescente dizia que o fato de ficar preso por muito tempo no módulo, aumentava a convivência entre eles de lá. Como se estivesse desativado da sociedade. “A gente, lá dentro do módulo, tem a sensação de estar desativado da sociedade”. A mesma sensação que ele narrava ter sentido no presídio. Só que lá em maior intensidade, devido à restrição de contato entre os presos. Ao passo que, sair e vir à pesquisa possibilitava “*sair do jeito de lá de dentro do módulo*”. Como se a saída

possibilitasse, momentaneamente, uma mudança na frequência do lugar. “A conversa do crime enche a cabeça da gente e é difícil sair de lá de dentro.”

Ele dizia, ao sair da unidade, que tinha a sensação de estar desativado da sociedade, e isto era muito ruim. “Conversar com uma pessoa diferente, com mais experiência, que sabe conversar, ajuda a gente a se valorizar, a saber, a conversar melhor com as pessoas”.

“Eu penso, não sei... em construir uma família, estudar quando for liberado daqui. Essa vida não dá mais, não. Tá vendo aí: só cadeia. Eles estão fazendo mais cadeias, a coisa tá apertando mais pra quem está nessa vida. A cadeia não conserta ninguém, não. Nenhuma cadeia faz isto. O cara precisa querer muito para mudar”.

A solidão era tamanha que Ricardo trazia pedaços de discursos semelhantes a tantos outros, nos quais responsabilizava o próprio adolescente, o próprio preso, por sua recuperação, como se existisse uma fonte resgatadora, dentro do sujeito, onde fosse possível, sozinho, retomar a vida, mas não uma retomada atravessada social e politicamente. “Na minha opinião, depende da própria pessoa se recuperar, ou não. Eu acho que depende muito se ela vai querer, entendeu? Se ela quiser, ela consegue sair e mudar”.

Assim como para tantos outros, a solidão de Ricardo era a companheira de todas as horas e fazia com que seu relógio caminhasse lento. Ricardo terminou nosso último encontro dizendo: “No presídio a gente fica muito só. A cabeça fica a mil por hora. Então, resolvi não pensar, para não ficar sentindo as coisas que não podia e não posso resolver. Aqui, cercado desses adolescentes, é como se estivesse sozinho, como lá”.

O dia estava bonito. O sol, no centro do céu, convidava para um mergulho refrescante. O clima de natal estava nas conversas. Ricardo, ansioso, preparava-se para passar os festejos em casa, sem saber ao certo o que esperar. O juiz havia concedido três dias com a família.

De longe, olhamos seus olhos felizes, pela primeira vez, passando pelo portão azul da entrada da cidade-internação. O silêncio permanecia, mas o corpo expressava a alegria da liberdade desejada, ainda que fosse por três dias. Não havia certeza de seu retorno. Era uma aposta da instituição.

Porém, três dias depois, estávamos no pátio e vimos o carro da instituição chegar, trazendo Ricardo e o amigo Ícaro, o beija-flor pensador. Reações diferentes nos rostos e nos corpos. Um breve olhar, a troca da roupa que trazia sobre o corpo miúdo, pelo uniforme padrão: calção azul, camiseta branca e sandália de borracha azul. Observamos que certa resistência insistia: na cabeça, o boné queria ficar e sorratamente entrou disfarçado, dobrado na mão. Uma rápida despedida, sem beijos e abraços na mãe e lá se foi Ricardo, silenciosamente, de volta ao módulo.

Por um lado, havia no moço o temor de voltar ao bairro definitivamente. “Tipo: eu penso em sair dessa vida e começar a seguir minha vida de outro jeito, ir para uma igreja, trabalhar mais, só que ao mesmo tempo, eu penso que eu tenho umas guerras de tráfico lá onde minha mãe mora, aí eu penso que se eu for pra lá querendo mudar de vida, os caras vão me ver e eles não vão deixar, não. Acho que eles vão querer me pegar de qualquer jeito, entendeu?”

Em março de 2011, avistamos Ricardo no pátio sendo transferido para a nova Unidade, em Vila Velha, onde permaneceria, não sabe por quanto tempo, cultivando seu silêncio. “É por isso que não gosto de pensar. Eu durmo pensando que no outro dia eu vou embora, aí não vou embora. Chega no outro dia, eu não vou embora, fico com aquilo na cabeça, pensando que eu vou embora, mas eu nunca vou”.

\*\*\*

*Conto-narrativa*

#### **4.6. O guardador de sonhos**

As árvores plantadas à beira do riacho têm raízes vigorosas que se espalham ao encontro das muitas águas, já aquelas que nascem por insistência em terras áridas, longe de nascentes, têm raízes tortas, mirradas, forjadas pela escassez

das águas. Árvores que rompem e não cessam de sobreviver, pois estrategicamente buscam formas outras de extrair vida em meio à aridez. Árvores-vidas-poemas estão por toda a parte na cidade dos meninos, na cidade-internação<sup>116</sup>.

Esta história fala de Miguel, um menino de pele alva, de voz rouca, doce, tímida e contida que se *guardava* dentro de um corpo forte, grande. Corpo cheio de gomos, feito vara de bambu daquela que enverga até o chão, com o vento. Chega e depois retorna. Corpo que se *mostrava* resistente, como couro, mas na sua superfície, pelos seus poros escapavam sonhos perdidos de menino que sonhava de olho aberto.

O moço-bambu, ao narrar sua história curvava-se ao falar e levava a mão à boca, abafando os sons das palavras, mas nunca o som de sua intensidade que se repetia a cada história. Trazia no olhar uma luz firme, daquelas que brilham feito farol, à noite.

Menino que, no auge dos dezenove anos, aprendera a submissão e a espera. Em certos momentos, parecia fugir das palavras e perdido em seus pensamentos hesitava, pausava e retomava sua narrativa encharcada de suavidade e de força. Dobrava e retornava, cheio de ressonâncias, a cada fragmento de seu conto. Como um sino a ressoar as badaladas marcando acontecimentos e tempos.

\*\*\*

Contrastes compunham a vida do menino, dono de um abraço que, de tão acolhedor, chegava a ser desconcertante. Seu jeito brincalhão e tímido lhe conferia um ar de menino-grande, que com leveza, dizia que as maiorias de suas lembranças não eram suas, mas de sua mãe. “A mãe sempre me falou dos acontecimentos, da família, e do pai. Eu não me lembro dele, não”.

O moço narrava a tristeza da ausência do pai, que morreu quando tinha três anos de idade. “Minha mãe lutou para cuidar de mim sozinha, trabalhando como

---

<sup>116</sup> (DC, outubro, 2010)

doméstica. Eu precisei morar na casa de minha avó, para a mãe poder trabalhar.” O moço, agora Miguel, até certa idade, viveu na roça, na cidade de Linhares<sup>117</sup>, no norte do estado, com a mãe e um irmão.

Dizia que gostava de estudar e não se importava de ir sozinho para a escola que ficava na rua, próximo à sua casa. Matemática, geografia e português eram suas disciplinas preferidas. “Nunca fui reprovado”, dizia ele, orgulhoso de ter estudado até a sétima série do ensino fundamental, quando foi apreendido.

Dizia que gostava de trabalhar. Aos dez anos, resolveu vender picolé para ter seu próprio dinheiro. “Picolé, olha o picolé aí”. Sorria, graciosamente, ao contar. “A avó tinha um carrinho de picolé, onde ela trabalhava e comprou um carinho para mim, com suas economias”. Até que o juiz da cidade proibiu o trabalho de menores nas ruas.

O menino dizia que não adiantou nada, pois “o juiz não conseguia ver tudo. Parei de vender o picolé e fui trabalhar de ajudante de pedreiro, com o meu padrasto e os meus tios nas horas vagas. Era divertido!” Contava o menino: “Eu aprendia um trabalho e ainda ganhava algum dinheiro”.

“Eu sonhava com minha vida e com meu dinheiro, desde pequeno”. Não gostava, desde menino, de depender de ninguém. Tinha poucos amigos de sua idade e preferia andar com maiores de idade, em especial, na companhia do tio que era um companheiro de passeios, trabalho e conversas.

Porém, com a morte do tio, aos seus quatorze anos, o menino tímido sentiu vontade de se enturmar e passou a sair com outros amigos, para as festas no bairro onde conheceu e experimentou o cigarro e a bebida. Em seguida, veio o contato com a maconha e a cocaína, nos fins de semana, o que abriu o caminho para iniciar no tráfico de drogas com alguns parceiros feitos nos encontros pelas festas.

Porém, enquanto traficava, não se afastou das atividades de ajudante de pedreiro com o padrasto, pois com o dinheiro fazia a droga que comprava circular e foi assim que fez por três anos. Como seu bairro era pequeno, o menino fazia o tráfico nos

---

<sup>117</sup> Cidade localizada no norte do Estado do Espírito Santo.

bares da cidade, onde conhecia muita gente. Nestes lugares, geralmente, ele acabava gastando todo o dinheiro que lucrava, no fim de semana, com os colegas.

Em virtude da atividade do tráfico, costumava sair de casa com uma faca presa à cintura da calça para qualquer eventualidade, caso fosse necessário. Em três anos, nunca havia usado drogas.

\*\*\*

O que trouxe o menino sonhador a UNIS não foi diretamente motivado pela droga, pois no dia, ele sequer havia usado. Aos dezessete anos, ele estava em uma festa, há cinquenta metros de sua casa, acompanhado de amigos. Eles se divertiam, bebiam e trocavam conversas com um outro grupo de três rapazes. Porém, nesta mesma festa estava um outro rapaz, que tinha problemas com um dos rapazes que estava com ele e logo começou uma discussão boba.

Ao tentar apaziguar a briga, o menino passou a ser ameaçado e seu grupo decidiu sair da festa. O rapaz que puxou a briga seguiu o grupo e empurrou o adolescente no chão. Neste momento, a polícia chegou, o rapaz correu e o conflito estava aparentemente resolvido.

Ao caminhar em direção à sua casa, percebeu que o tal rapaz o estava esperando com outros dois na esquina. A confusão estava armada. A briga foi inevitável, apesar das tentativas de diálogo. Com a mão na cintura, ele insistia para que os rapazes se afastassem.

“Eu não saí pensando em matar ninguém, mas aconteceu”.

O primeiro que veio sobre o rapaz foi atingido com a faca que estava em sua cintura. Pânico. Todos correram e o adolescente esfaqueado veio a falecer com os golpes. “Não foi isso que sonhei pra mim”. O menino tentou fugir, com medo, mas foi apreendido em flagrante, por policiais que passavam pelo local. Veio transferido para a Unidade Inicial, foi para a Unidade provisória e em julho de 2009, recebeu medida socioeducativa de internação e veio para a UNIS, sendo alojado no módulo



Ressignificar, de onde saiu somente uma vez, durante o período de um ano e três meses de internação, à época da pesquisa, tendo retornado alguns dias depois.

Não conhecia a vida em Unidades Socioeducativas. Precisou aprender a conviver, a reconhecer o espaço, e a acolher no abraço apertado as oportunidades oferecidas para sobreviver por ali, sem arranhões.

Para ele, o espaço Resignificar se diferia dos demais até no cheiro, pois ainda que não conhecesse os demais espaços, sentia o cheiro ao transitar pelas imediações deles. O menino sonhador sonhava com as oportunidades e acumulava certificados dos muitos cursos profissionalizantes dos quais participou, como pintor, garçom, eletricitista/instalador predial. Todos eles realizados em parceria entre o IASES e o SENAC<sup>118</sup>.

Falava com prazer sobre sua participação em viagens, para em outro estado; e das várias saídas para apresentação no coral, do grupo de percussão que participava em outras instituições do nosso estado. Mas, não perdia a criticidade, ao dizer: “a UNIS não é lugar para ninguém ficar, mas depende do cara adaptar-se às regras e puxar a cadeia da melhor forma possível. Sem arranjar confusões”.

Repetia, em certa medida, o discurso institucional: bom comportamento é igual a acesso às oportunidades. Mostrava-se contrário ao movimento das rebeliões, pois o módulo onde estava sofria, dentro do contexto punitivo, com as consequências, quando os outros espaços se rebelavam.

Defendia, do lugar confortável onde estava alojado, a separação de adolescentes bons dos maus. Porém, quando se tratava de adquirir vantagens, o módulo Resignificar também usava suas estratégias, como os demais: “Nós conseguimos um som para cada alojamento. Mas, foi puxando uma reunião onde todo mundo fechou com a greve. Nós ficamos em greve de fome, na sexta, no sábado e no domingo e só voltamos a comer na segunda. Nós conseguimos um som, entendeu? Um para cada alojamento. Nós temos DVD e ventilador que nossas famílias trouxeram”.

---

<sup>118</sup>Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

Será que eram tão diferenciados assim dos demais? Após algumas reflexões, ele voltava e ponderava suas colocações. Eram as capturas dos discursos. A institucionalização das práticas, forjando outras práticas. O oprimido assumindo o discurso do opressor. O discurso da submissão esteve presente durante os nossos encontros. Discurso aprendido por eles que, de tanto ser pronunciado pelas bocas dos especialistas, produzia ressonâncias.

Ressignificar a vida tinha um tom de sujeição e espera. Na sua narrativa, cabia a cada um, isoladamente, se impor modos de viver, de sentir e de se adequar ao sistema. “A gente aqui cresce e fica mais sábio na vida”. Porém, ventos trouxeram novos acontecimentos e mudaram a direção dos pensamentos e do discurso de Miguel sonhador, sobre aquele lugar.

Durante um de nossos encontros, o módulo Resignificar sofreu com a entrada, pela primeira vez em três anos de sua configuração, da equipe de contenção. Este fato foi narrado no conto do menino Chico<sup>119</sup>, que estava alojado no mesmo espaço que Miguel e participaram juntos deste acontecimento que produziu em Miguel alguns deslocamentos, algumas tristezas, algumas decepções e algumas angústias, que desabafava com a mão na boca, por não pensar em um dia pronunciar aquelas palavras: “Eu nunca sonhei que fosse apanhar no Resignificar. A gente até tenta ter a ilusão de que não está preso aqui, mas do portão para dentro você que está privado da sua liberdade. É cadeia, sim, entendeu? Porque você não tem o seu livre arbítrio de sair lá para fora, agora. Você não pode! Entendeu? Então, tem que se acostumar com isso aqui, mesmo. A gente apanha do nada, sem a gente dever, sem a gente fazer nada. Fica muito difícil mudar de vida assim, né?”

Aborrecido, ele dizia: “Este é o modo deles, mesmo, de tratarem os outros. Eles entram para esculachar os outros. Igual nas alas A e B. O Resignificar agora é como qualquer outro lugar aqui. Acho que eles só não entram assim no bloco C<sup>120</sup>. Lá só tem gente ruim e eles estão se preparando para recebê-los. A gente aqui não tinha nada guardado para se defender e eles sabiam disso”.

---

<sup>119</sup> Ver conto-narrativa colhedor de café e de oportunidades

<sup>120</sup> Ver referência no capítulo sobre a cidade-intenação

O menino-bambu sonhador dobrava e não quebrava. “Eu sonhava em sair daqui um homem, e vou sair. Estas coisas não vão impedir que eu siga o meu caminho. Podem dizer que sou um sonhador, eu não me importo”. Em janeiro de 2011, Miguel recebeu liberação judicial para cumprir medida de liberdade assistida. Estava feliz porque iria rever toda a família que não via há tempos. Na Unidade, a mãe era a única que podia vir no carro fretado pelo município. Sonhava em voltar aos estudos – pois, na Unidade, havia concluído o ensino fundamental – bem como conseguir trabalho com os certificados que tinha conquistado na Unidade.

Miguel esteve na sala da equipe para se despedir de nós. Seu abraço apertado, agora já não era mais constrangedor. O menino-grande, agora, haveria de sonhar outros espaços, outras possibilidades. Realizar, quem sabe, os sonhos sonhados de olhos abertos e sonhar outros ainda não sonhados.

\*\*\*

## PALAVRAS FINAIS

*(Re)existências*

*Quando venho falar da minha história, minha mente me transporta para além dos muros da Unidade e do meu corpo aprisionado. Posso pensar e ouvir coisas diferentes daquelas que estou acostumado aqui dentro. A mente pode te levar onde as pernas não alcançam*<sup>121</sup>.

Diante da imensidão de palavras, que nos foram confiadas pelos adolescentes participantes da pesquisa, durante as caminhadas até a sala da biblioteca, durante os encontros programados e os fortuitos no cotidiano da Unidade de Internação, nos vemos frente à necessidade de tecer as palavras finais, um possível desfecho para nosso trabalho.

Entendemos, que as palavras nunca serão de fato *palavras finais* e que uma pesquisa é sempre uma paisagem, uma obra em aberto. Assim, o desafio que se coloca neste momento, é compor com as palavras para além de uma pretensa conclusão, de um percurso, de um formato, de uma técnica/ferramenta; e demonstrar as contribuições desta pesquisa no contexto em que ela se deu.

Nesse sentido, vale a pena esclarecer que, ao longo do processo de produção deste trabalho, não pretendemos fortalecer hipóteses e/ou estabelecer verdades. Priorizamos o *entre*, a interseção dos atalhos e dos olhares onde o encontro e as práticas com os adolescentes privados de liberdade pudessem ser sempre repensados e questionados, a partir do compromisso ético/político com a vida, vislumbrando novos horizontes, potência e não a mortificação.

Nossa prática diária, junto aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, exigiu olhar atento ao modo de funcionamento da instituição, aos processos de subjetivação em curso naquele espaço, às relações de saber/poder, aos

---

<sup>121</sup> Narrativa de adolescente (dezembro, 2010)

especialismos, aos arranjos, às políticas, às estratégias do cotidiano, aos desvios e aos muitos fios que são produzidos e mantêm a máquina socioeducativa funcionando.

Como ouvir as histórias dos adolescentes? Qual uso fazer delas?

O ouvir as narrativas dos adolescentes foram ouvidas e forneceram subsídios para a elaboração deste texto, que teve a pretensão de traduzir para o leitor parte da riqueza de suas vidas. Pois, como nos diz Clarice Lispector (1998, p. 13), “não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira”

Diante desta certeza, pretendeu-se contribuir para a criação de novos espaços-tempo no cotidiano da cidade-internação, onde o ouvir e o contar abrissem espaço para a potencialização da inventividade e da confiança, acenando para outros mundos.

Apesar das suas últimas reestruturações, sabemos que ainda há muito a ser produzido e implementado em relação às políticas sociais voltadas ao atendimento socioeducativo no Espírito Santo. O número de reincidência de adolescentes em atos infracionais é grande e as unidades para cumprimento de medidas socioeducativas não oferecem todas as condições para assegurar a re-educação dos mesmos. Estas questões insistem...

A UNIS só tem *socioeducando* frustrado. Eles falam que a UNIS é socioeducação, só que a maioria dos jovens que sai daqui bota na balança o peso de ficar preso por um determinado tempo, num lugar como esse, onde foi menosprezado, ficou no confinamento, privado de liberdade, martelando a cabeça na parede, só o ódio. Então para mudar, ele vai pesar algumas aulas no meio de semana que duram uns quarenta minutos, onde faz um exercício e vai embora. Deixa-me ver mais o quê... a bala doce que eles dão no final de semana, alguns tratamentos de algumas pessoas, porque tem uns que tratam a gente mal, é isso que vai contar. Aí o cara vai ver o peso que essas coisas aqui dentro têm. Ele vai ver se vai sair daqui e ficar tranquilo ou se vai sair só o ódio. Eu acho que a maioria vai sair daqui e ficar só o ódio<sup>122</sup>.

---

<sup>122</sup> Narrativa de adolescente (dezembro de 2010)

A fala do adolescente parceiro desta pesquisa em nada se difere da de tantos outros que encontramos no cotidiano das Unidades do sistema socioeducativo. Em nossos encontros-narrativas com os adolescentes da UNIS constatamos que boa parte não concebe a internação como sendo uma prática de *ressocialização ou socioeducação*.

O que nos instiga a perguntar:

O que se passa entre o que foi *programado* institucionalmente e o que é vivenciado pelo adolescente durante a medida socioeducativa de internação? E o que se pode dizer dos múltiplos modos de vida expressados nas vozes dos adolescentes parceiros desta pesquisa que escapam à normatização?

Foucault (2010, p. 351), em um pequeno texto intitulado “Da amizade como modo de vida”, nos fornece uma pista sobre a diferença entre o que é um *programa*, do ponto de vista do código e da regulamentação de modos de vida e a vacuidade que resta de uma normatização. Ele enfatiza que o programa institucional é aquilo que forja uma lei, ou uma regra ou ainda hábitos. E a *vacuidade* de um programa, nomeado por ele de programa vazio, consistiria na possibilidade de empreender *modos de vida* como diversificações, ou seja, a possibilidade de construção de relações intensas que não se parecem com aquelas institucionalizadas e que podem dar lugar a uma cultura e a uma ética.

Em suas palavras:

“O programa deve ser vazio. É preciso aprofundar, para mostrar como as coisas foram historicamente contingentes, para tal ou tal razão inteligível, mas não necessária. E preciso fazer aparecer o inteligível sobre o fundo de vacuidade e negar uma necessidade, e pensar que o que existe está longe de preencher os espaços possíveis. Fazer um verdadeiro desafio incontornável da questão: o que se pode jogar, e como inventar um jogo?” (FOUCAULT, 2010, p. 353).

A partir desta compreensão, avançamos rumo à (in)conclusão, insistindo com algumas questões:

Será que o programa institucional de internação do IASES, nas práticas cotidianas das unidades, ao se fazer lei, pode validar essas relações múltiplas e intensas, nas cores variáveis, nos movimentos imperceptíveis, nas formas que mudam no momento de privação de liberdade vivido pelos adolescentes? Ou ainda, será que o programa institucional do IASES permite a vacuidade necessária ao *inventivo da vida*?

Tais questionamentos nos permitem renunciar à normatização e ao privilegio de determinados modos de vida, em detrimento de outras formas de sociabilidade.

De fato, os encontros, que acontecem na cidade-internação, processam muito mais coisas do que os programas institucionais conseguem prever ou supor.

Daí, decorre uma última questão:

Como no cotidiano das unidades socioeducativas podem-se *criar* espaços-tempos para inventidades e/ou aproveitar as possíveis *vacuidades* dos programas para permitir outras relações, outros modos de ser/estar não-institucionalizados?

Evidenciamos que os encontros nos espaços-tempos experienciados durante esta pesquisa apontaram para a possibilidade de entender que: as políticas públicas, os programas, os projetos, as leis, os encontro, as práticas em toda a sua extensão, voltadas ao atendimento socioeducativo, a criança e ao adolescente, assim como as pesquisas podem sempre guardar a chance de potencializar e contemplar a vida em suas múltiplas maneiras de se fazer, uma vez que estar vivo, neste sentido, é poder aprender com os acontecimentos e transformar-se através deles. Estar vivo é fazer circular a vida assim como narrar a própria história é poder acontecer.

“Certas coisas só acontecem com os vivos” diz mamãe, em sua sabedoria, ao se referir às tantas alegrias e tristezas de um viver.

De fato, os adolescentes, tanto os parceiros desta pesquisa, quanto os muitos outros em situação de privação de liberdade *estão vivos*. E é exatamente por que eles *vivem* é que suas vidas insistem em escapar por diversas maneiras não-estabelecidas e

mostrar que a vida sempre encontrará outros modos de se fazer, de (re)existir ao dado, à mortificação, à tristeza e à impotência.

Destacamos o fragmento da narrativa de um dos adolescentes parceiros desta pesquisa: “vale a pena investir em um adolescente mesmo que ele seja um adolescente em conflito com a lei. Mesmo que ele seja um adolescente da Unis<sup>123</sup>” para dizer que isso é possível, se em nossas práticas cotidianas junto ao atendimento socioeducativo, aos jovens em cumprimento de medida socioeducativa, produzirmos agenciamentos a favor da vida, pois *para que a vida nos dê flor e fruto, há que se cuidar do broto.*

---

<sup>123</sup> Narrativa de adolescente (dezembro de 2010).



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz; Neto-Veiga Alfredo; Filho Alípio de Souza.(Orgs). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião: 23 livros de poesia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

\_\_\_\_\_. **Nova Reunião: 23 livros de poesia**. Vol 2. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

\_\_\_\_\_. **Nova Reunião: 23 livros de poesia**. Vol 3. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

ARAGÃO, Elizabeth Maria Andrade. **A gente não desiste porque sonha: a história anônima dos conselheiros tutelares de Cariacica**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

ARAGÃO, Elizabeth Maria Andrade; BARROS, Maria Elizabeth Barros de; OLIVEIRA, Sonia Pinto de. Falando de Metodologia de Pesquisa. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 4, n. 4, São Paulo, 2005.

ARANTES, E. M. M.; LOBO, L. F. & Fonseca. GALLI. T. M. **Pensar: a que será que se destina? Diferentes tempos de uma reflexão sobre a morte anunciada do educador**. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/psoc/v16n1/v16n1a05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n1/v16n1a05.pdf)> acesso em 13 de maio de 2012.

BAPTISTA, Luis Antonio. **A cidade dos sábios. Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades**. São Paulo: Summus, 1999.

BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. IN: IN: KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da.(Orgs) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

\_\_\_\_\_. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. **Memórias inventadas: as terceira infância**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Modos de gestão e produção de subjetividade. In: ABDALLA. Maurício; BARROS. Maria Elizabeth Barros de. (Orgs.) **Mundo e sujeito: aspectos subjetivos da globalização**. São Paulo: Paulus, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: Magia e Técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **Conversa infinita 2: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.

BOCCO, Fernanda. **Cartografias da Infração Juvenil**. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 1987.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional do Direito da Criança e do Adolescente. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE/Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília-DF: CONANDA, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Departamento da Criança e do Adolescente, 2002.

BULCÃO, I. A produção de infâncias desiguais: uma viagem na gênese dos conceitos “criança e menor”. In: **PIVETES: a produção de infâncias desiguais**. Niterói; Intertexto; Rio de Janeiro: Oficina do autor, 2002.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CARVALHO, Emilio Nolasco; Costa Samira da. As potencias da Narrativa. In: LOPES, Kleber Jean Matos; CARVALHO, Emílio Nolasco de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes. (Orgs). **Ética e as reverberações do fazer**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de Fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 17ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; LEITÃO, Maria Beatriz Sá **Das essências às multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividades**. vol.15, no.2, *Psicol. Soc.* ISSN 0102-7182, 2003. (p.6-17).

\_\_\_\_\_. **Guardiões da Ordem** – uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”. Rio de Janeiro, Oficina do Autor. 1995.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; Neves Cláudia Abbês Baeta. Potentes Misturas, Estranhas Poeiras: Desassossegos de uma Pesquisa. In: NASCIMENTO Maria Lívia do (Org) **PIVETES: a produção de infâncias desiguais**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para atuação de psicólogos no âmbito de medidas socioeducativas em unidades de internação**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2010.

COUTO, Mia. **Jesusalém**. 6ª edição. Portugal: Editora Caminho, 2010.

\_\_\_\_\_. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pensatempos: textos de opinião**. Lisboa: Editora Caminho Nosso Mundo, 2005.

DELLEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 5 v. São Paulo: Ed. 34, 2007.

\_\_\_\_\_. **Espinosa Filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Rio de Janeiro: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. **Diferença e repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998, 2ª edição, 2006

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio d'água, 2004.

FERREIRA, Marcelo Santana. **Benjamin e a questão das narratividades**. Texto apresentado no Seminário de Pesquisa do Departamento de Pós-graduação de Psicologia institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: setembro/2011.

FONSECA, Tania Mara Galli. Modos de trabalhar, modos de subjetivar como práticas sociais. In: ARANTES Maria M.; NASCIMENTO Maria Lívia do; FONSECA, Tania Mara Galli (Orgs). In: **Práticas Psi: Inventando a vida**. EDUFF, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. A vida dos homens infames. In MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Estratégia, poder-saber/Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Repensar a política. Ditos e escritos VI.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

\_\_\_\_\_. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da Sociedade:** curso de Collège de France (1975-1976) Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir. Nascimento das Prisões.** 36ª ed. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin.** 2ª reimpr. da 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GOMES, Pedro Walter Bergo. No deserto ainda venta. In: NASCIMENTO Maria Livia do (Org.) **PIVETES: a produção de infâncias desiguais.** Rio de Janeiro; Oficina do autor, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO. PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INTERNAÇÃO. IASES. Vitória: 2010.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular: as pulsações políticas do desejo.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica – cartografias do desejo.* 7ª Edição Revisada, Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

INSTITUTO DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO ESPIRITO SANTO 2003-2010. **Um novo modelo de atenção ao adolescente em conflito com a lei.** Instituto de atendimento socioeducativo do espírito Santo. Vitória, 2010.

LEITÃO, Maria Beatriz Sá. **Das essências às multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividades.** *Psicol. Soc.*, Dez 2003, vol.15, no.2, p.6-17. ISSN 0102-7182

LINSPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998

LOBO, Lilia Ferreira. **Os Infames da História: A Instituição das Deficiências no Brasil,** Tese de Doutorado, PUC/RJ, 1997, mimeo.

LOURAU, René. Objeto e método da análise institucional. In: ALTOÉ, Sonia (Org). **René Lourau: Analista institucional em tempo Integral.** São Paulo: Hucitec, 2004.

MACHADO, Leila Domingues. **À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2010.

MACHADO, Leila Domingues; GOTTARDI, Denise P. Pereira. Interferências ético-políticas nos processos de pesquisa. In: LOPES, Kleber Jean Matos; CARVALHO, Emílio Nolasco de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes. (Orgs). **Ética e as reverberações do fazer**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Sinergia – Relume Dumara, 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: KASTRUP, Vírginia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da.(Orgs) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PELBART, Peter. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RAUTER, Cristina; PASSOS Eduardo; BENEVIDES Regina (Orgs). **Clínica e Política: subjetividades e violação dos direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Editora TeCorá, 2002.

RIZZINI, Irene & Pilotti, Francisco (org.). **A arte de governar crianças**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2011.

#### **Sites Consultados:**

<<http://www.ias.es.gov.br>>

< <http://www.direitosdacrianca.org.br/conanda/posicionamentos/carta-de-vitoria>>

< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rave>>

<<http://www.scielo.org>>